

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.^{OS} 4 e 5

Abril e Maio de 1921

Ano LXXIII

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*
Composição e impressão na TIPOGRAFIA DA EMPRESA DIARIO DE NOTICIAS
Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

LIÇÕES DA GRANDE GUERRA

VIII

A engenharia

A engenharia militar, que tão brilhante papel e assinalados serviços desempenhára na guerra da Crimeia (1853-56), em que o abalisado engenheiro russo Totleben convertera a mediocre praça de Sebastapol numa imensa e poderossima fortaleza, e na guerra da Dinamarca em 1864, em que a tomada de Duppel pelos austro-alemães foi, sob os seus principais aspectos, uma verdadeira batalha das engenharias adversas,—passou nas subseqüentes campanhas a desempenhar um papel mais modesto ou de menos brilho, não obstante os importantes serviços prestados por esta arma em 1870 no cerco e na defesa das praças de Strasburgo, Belfort e de Paris, em 1877 na defesa de Plewna e de outras praças da Turquia, e em 1904 no ataque e defesa de Port-Artur, na Manchuria.

Na recente conflagração, em que intervieram povos de todas as partes do mundo, o papel da engenharia tornou a revestir um brilho, relêvo e importancia verdadeiramente notaveis, em resultado da longa duração da guerra e da estabilização das frentes de combate, especialmente no teatro occidental das operações militares.

Foram, na verdade, importantissimos os progressos realizados por esta arma no decurso da grande guerra de 1914-18.

A tendencia para o alargamento dos meios tecnicos, o

sistema das especializações levado até ás pequenas unidades de tropas ou de serviços militares, os novos engenhos e inventos de guerra, os aviões, os dirigiveis, os gases asfixiantes, a descoberta de explosivos de maior potência prolongando indefinidamente a luta entre o canhão e a massa cobridora, determinaram, como era natural, uma grande ampliação dos serviços próprios da engenharia e o consequente acrescimo das unidades correspondentemente organizadas.

Sendo multiplos os serviços cometidos à engenharia militar desde o outono de 1914 e atingindo estes serviços no decurso da guerra um extraordinario desenvolvimento foi mister, não obstante o aumento consideravel de efectivos desta arma, tornar independentes alguns serviços das novas especialidades tecnicas, subordinando outros ás unidades da infantaria, de forma a deixar as tropas de engenharia militar, propriamente dita, especialmente entregues à ardua missão de dirigir e executar a fortificação do campo de batalha, e da construção, reparação e destruição das comunicações, serviços que assumiram uma consideravel importancia na ultima guerra.

A natureza dos serviços das tropas de engenharia divergia bastante segundo as formas essenciaes de fazer a guerra. Na *defensiva* eram geralmente aproveitadas as aptidões tecnicas e combativas desta arma, empregando-a, conjuntamente com tropas auxiliares, na fortificação e organização defensiva do campo de batalha, na disposição de acampamentos e de acantonamentos em segunda linha, ou na construção de alojamentos de ocasião, tornando-se muitas vezes efectiva a sua cooperação tactica no combate para ajudar a repelir os potentes assaltos do adversário, ou a participar no supremo contra-ataque dos defensores da posição occupada.

Na grande ofensiva alemã iniciada em 21 de março de 1918, as tropas da engenharia inglesa, empregadas em diversos trabalhos à retaguarda da frente atacada, viram-se na dura necessidade de cobrir a retirada dos sobreviventes das divisões de primeira linha, cuja infantaria havia sido quasi totalmente aniquilada.

Na *ofensiva*, além da destruição dos obstaculos antes ou durante o assalto, o objectivo principal da engenharia militar consistiu na conservação e restabelecimento das comunica-

ções, condição essencial da *impulsão* para a frente do material pesado.

Assim, a reparação das estradas e das vias ferreas, ou a construção de novas arterias de comunicação, a construção de pontes militares ou a reparação das destruidas pelo inimigo foi a mais ardua e importante missão das tropas de engenharia.

Não será descabido acentuar neste lugar que, após a vitoriosa ofensiva anglo-francesa no Somme em 1916-17, os alemães retrocedendo sobre a famosa linha Hindemburgo, iam realizando uma devastação metódica das regiões abandonadas, não poupando povoações, herdades, arvores, explorações mineiras, fabricas, vias de comunicação, especialmente as pontes.

Nessa ocasião, só a engenharia do 3.º exercito francês restabeleceu durante a sua progressão ofensiva aproximadamente 300 pontes.

A missão a mais ardua, a mais difícil para a engenharia militar, mas ao mesmo tempo a mais bela e grandiosa é, sem contestação, o estabelecimento de pontes sob o fogo do inimigo e a passagem à viva força dum rio.

Sob este ponto de vista, cita-se como operação superiormente bem dirigida e magistralmente executada a passagem do Marne em 7 de julho de 1918 por sete divisões alemãs do exercito de Boehn.

Dias depois estas forças, obedecendo á ordem de retirada expedida pelo comando alemão, foram protegidas no seu movimento retrogrado por 59 companhias de engenharia que, em combate, perderam um quarto do seu efectivo e a maior parte do seu material.

No ultimo periodo da grande contra-ofensiva dos aliados, as tropas de engenharia inglesa construíram 539 pontes, das quais 326 com material novo em aço e 213 em madeira ou material diverso recuperado.

Na frente russa, na Servia, na Romenia e na Italia fez-se larga applicação de pontes militares, sendo os exércitos imperiais os que maior emprego fizeram das equipagens de pontes de campanha, utilizando frequentemente as pontes estabelecidas sobre barcas ou sobre cavaletes e adoptando novos modelos de pontes metalicas que, pelos moldes á que submetemos este trabalho, não podemos demorar-nos a descrever.

*
* *
*

O espirito que presidiu ao emprego das tropas de engenharia nas operações da recente guerra transparece claramente das *Instruções* francesas, publicadas no fim de 1917.

A simples transcrição de alguns períodos bastará para definir a orientação actualmente seguida nos exércitos, que primam pela excelência da sua organização e dos seus regulamentos.

«Nas acções *ofensivas*, a engenharia combate e assegura a execução dos trabalhos que lhe são prescritos.

«A sua missão no combate consiste:

«a) No acompanhamento das tropas de ataque para executar as destruições que exigem uma instrução técnica superior à dos sapadores de infantaria.

«b) Eventualmente, nos ataques por meio de minas.

«*Mas a maior parte das unidades de engenharia será sempre empregada a estabelecer as comunicações e a prolonga-las no terreno conquistado.*

«A engenharia não bastará geralmente para desempenho desta tarefa. Reforça-se então com unidades doutras armas, que serão empregadas sob a direcção dos comandantes de engenharia das grandes unidades.

«*As companhias de engenharia serão destinadas aos trabalhos que apresentam dificuldades técnicas particulares.*

«Deve evitar-se o fraccionamento das unidades da engenharia; o principio do trabalho por unidades constituídas applica-se à engenharia como ás outras armas.

«Em cada divisão de infantaria, o comandante da engenharia executa ou faz executar, durante e no fim da sua progressão no terreno, os reconhecimentos tendo em vista:

«Assegurar as missões especiais que podem incumbir a certas fracções marchando com as tropas de assalto, ou designadas para executar trabalhos que facilitem a tarefa destas tropas:

«*Desempenhar a missão principal da engenharia nesta fase da batalha, isto è o restabelecimento das comunicações e a impulsão do material para a frente.*

«Nesta orientação, o comandante organiza e reparte as unidades de trabalhadores postas à sua disposição.

«Os oficiais de engenharia teem por missão:

«Fazer avançar as suas unidades nas condições previstas no plano de ataque;

«Efectuar os reconhecimentos que lhes são cometidos;

«*Dirigir os trabalhos das suas unidades e daquelas que são destinadas ao restabelecimento das comunicações.*

«Durante a progressão através as posições inimigas, a engenharia prosseguirá activamente o restabelecimento das comunicações...

«Em terreno livre, a engenharia facilitará a progressão da infantaria destruindo os obstaculos e assegurando meios de passagem. *Prosseguirá o restabelecimento das comunicações.*

«Se a progressão é sustada diante duma posição *d'arrêt*, a engenharia tomará parte nos reconhecimentos e nos trabalhos de organização do terreno em vista da execução do ataque.

«Na organização da *defesa*, a repartição da engenharia visa à execução de trabalhos de combate (minas, destruições, etc.) e da organização do terreno, *evitando o destinar as unidades de engenharia a tarefas elementares que a infantaria pode desempenhar.*

«Durante a preparação inimiga, a engenharia contribuirá em caso de necessidade, para o acabamento das organizações defensivas; *assegurar*á, auxiliada por destacamentos de trabalhadores, a *conservação em bom estado das comunicações.*

Da doutrina exposta ressalta claramente que o comando francês, no fim de 1917, considerava o restabelecimento das comunicações e não a participação no assalto, a missão principal das tropas de engenharia na ofensiva.

A engenharia militar e a fortificação

A última guerra veio pôr novamente em fóco o eterno problema do emprego da fortificação e do valor que se lhe deve atribuir em campanha.

O brilhante escritor militar alemão, general Vou Bernhardt, deixára consignado no seu livro «*A guerra actual*», publicado em 1912, o seguinte sugestivo período:

«E' incontestável que as fortificações são hoje mais do

que nunca, chamadas a desempenhar um importante papel, tanto no ataque como na defesa simples, conquanto, ainda exista uma tendência natural para considera-las simples elementos de defesa passiva.»

A guerra de 1914-1918 veio confirmar plenamente a opinião do ilustre general e abalizado escritor militar.

A engenharia militar alemã, que tivéa uma alta capacidade técnica a orientá-la durante largos anos, o general Von Bessler, antigo chefe do corpo de engenheiros e inspector geral das fortificações, mostrou-se verdadeiramente à altura da sua missão.

Os sistemas defensivos empregados nas linhas alemãs, e mui designadamente na famosa linha Hindemburgo, constituíam para bem dizer, uma obra prima da engenharia militar.

Labirintos inextricaveis em que as obras avançadas eram protegidas pelas que lhe ficavam nos flancos e na retaguarda, numa disposição aparentemente caprichosa, mas satisfazendo aos requisitos duma eficaz defesa em linhas sucessivas, as fortificações alemãs revestiam uma importância extraordinária como *elementos de acção*, mercê do variado e poderoso armamento em artilharia, metralhadoras, espingardas automáticas, explosivos diversos, gases e outros instrumentos de guerra postos à disposição dos seus defensores.

Desde o sistema de plataformas descobertas na parte superior até às *posições subterrâneas de formigão de cimento armado* para metralhadoras, desde as obras com relêvo exterior até aos mais complicados dispositivos da fortificação subterrânea, tudo teve emprego nos formidáveis intrincheiramentos alemães nos diversos teatros de operações.

Na França desde a região de Flandres a Cambrai, prolongando-se pela Argonne até S. Michel (S. de Verdun), donde a linha inflectia em direcção a Mulhonse, os intrincheiramentos alemães sustentaram-se desde 1914 até ao momento da grande contra-ofensiva francesa dirigida pelo general Foch.

Na frente oriental, no período mais intenso da guerra, tôda a região compreendida entre o Dwina e o Pripet esteve sulcada de trincheiras e de redutos; tôda a linha do Bug, principal afluente do Vistula, foi protegida por três séries de linhas paralelas com plataformas de cimento, prontas a receber

canhões de grosso calibre, que as vicissitudes da guerra ali faziam conduzir em maior ou menor proporção, segundo as necessidades emergentes da luta.

As tropas de engenharia alemã, pela sua larga preparação durante a paz, conseguiram suprir, mercê de fortes intrincheiramentos a deficiência de fôrças, permitindo reduzir sensivelmente os efectivos numa das frentes, em quanto vibravam golpes decisivos na outra.

A situação dos exércitos imperiais operando em linhas interiores e tendo à disposição uma réde bem organizada de linhas ferreas, permitia-lhes *faire la navette* com feliz resultado nos primeiros anos da guerra em que os aliados foram postos em chéque.

Paralelamente às linhas de intrincheiramentos alemães no Oriente e no Ocidente, os aliados construíram trincheiras e outras obras de fortificação de campanha, protegidas na frente por duas e três faxas de réde de fio de ferro, por onde se faziam passar correntes de alta tensão, que ao simples contacto punham fóra de combate o atacante.

Uma observação atenta dos sucessos da guerra nos primeiros tempos permitia constatar por um lado que as organizações defensivas alemãs no campo de batalha eram susceptíveis duma eficaz resistênciã, e, por outro lado, que a artilharia pesada alemã de tiro curvo e os morteiros automoveis austriacos haviam alcançado exitos surpreendentes contra praças cuidadosamente fortificadas como Liége, Namur, Auvers, Przsmyst, Brest-Litowk, etc.

O confronto, ou antes a conjugação destes factos de guerra, que tiveram uma extraordinária resonancia no mundo militar, principiára a deixar a impressão de que as fortificações permanentes deviam de futuro ceder lugar às fortificações de campanha, fortalecidas com poderosos meios de defesa activa, entre os quais se destacavam os canhões de grosso calibre, que hoje podem ser transportados sôbre carris de aminho de ferro apropriado, ou em camions ordinários por camo de máquinas de tracção.

Esta suposição, prematuramente aventada, não pôde fazer-se prevalecer desde que um exame mais atento da questão fez derramar sôbre ela um jacto de luz mais intensa.

Em primeiro lugar, as obras de fortificação de campanha

empregadas pelos alemães resistiram sómente em quanto não apareceram instrumentos de combate próprios para superar essa resistência.

Os carros de assalto, ou *tanks*, conseguiram, afinal, triunfar da pertinaz resistência dos formidáveis intrincheiramentos alemães.

Por outro lado, constatou-se que algumas obras de fortificação permanente conseguiram resistir aos violentos ataques empreendidos pelos alemães com poderosos elementos de acção ofensiva.

O campo intrincheirado de Verdun proporciona-nos um exemplo frisante.

As fortificações de Belfort, Epinal e Toul impediram, por seu turno, o avanço dos exércitos alemães que operavam na Alsacia.

E não deverá perder-se de vista também que, não obstante o seu inevitável triunfo sobre a pequena Belgica, a invasão alemã havia perdido diante de Liége trese dias e 42:000 homens; que a praça de Namur deteve o inimigo desde de 5 a 25 de agosto de 1914 até à chegada dos grandes morteiros de 25^{cm} e 305^{mm}; e que, por seu turno, a praça de Anvers resistira desde 28 de setembro a 10 de outubro ao energico ataque alemão com os célebres canhões de 42^{cm}.

Não deverá esquecer ainda que, a coberto desta praça forte, se iniciára em 9 de setembro a grande sortida belga, que impressionando o alto comando alemão tivera, por ventura, uma feliz repercussão na sanguinolenta batalha do Marne.

*

* * *

A corrente de opinião desde algum tempo estabelecida por autoridades militares de comprovada capacidade inclina-se a fazer subsistir a importância da *fortificação permanente*, que sujeita às leis da constante evolução militar deverá, senão transformar-se por completo, sofrer modificações mais ou menos sensíveis atinentes a evitar ou a resistir mais eficazmente aos efeitos destruidores do canhão moderno de grande potência.

Os processos de fortificação permanente devem visar a

um constante aperfeiçoamento, banindo as tendências antiquadas que levavam a escolher as capitais, ou as cidades mais importantes dos estados, como objectivos principais dessas fortificações, preferindo-lhe determinadas zonas de regiões fronteiriças, cuja posse deverá assegurar-se desde o tempo de paz por meio duma série de obras permanentes, às quais convirá acrescentar-se, ao rebentar a guerra, outras obras para as quais se haverá preparado o material indispensável.

Não se procura criar um recinto contínuo, que só permita uma defesa rígida, mas uma série de *pontos de apoio* judiciosamente escolhidos no terreno, os quais organizados defensivamente pela engenharia militar satisfaçam ás condições de permitir até ao último momento a execução dum tiro eficaz contra o ataque próximo; apoiar as obras vizinhas varrendo os intervalos com os tiros das baterias flanqueantes, que estejam protegidas do fogo da frente; tornar difícil o ataque do adversário e ter uma disposição interior tal que no caso de cair em poder do inimigo, êste não possa sustentar-se na posição fortificada.

Segundo esta ordem de idéas, a obra ou tipo preconizado como *ponto de apoio* do futuro comporta três linhas de defesa.

a) uma linha de fogo a descoberto, reforçada por blockaus couraçados para a defesa activa e vigilância do terreno exterior;

b) O denominado obstáculo a vencer pelo atacante;

c) A linha principal de defesa.

O obstáculo é constituído por uma vasta rede de fios de ferro sobre a esplanada e fôssos da obra, fazendo-se passar por essa rede correntes de alta tensão para inutilizar o atacante que intente atravessá-la.

O recinto principal da defesa consistirá num formidável bloco de cimento armado, materialmente repleto de metralhadoras e de canhões ligeiros, destinados à defesa próxima, tendo ainda à retaguarda algumas peças e metralhadoras destinadas a baterem os intervalos existentes na frente.

A gola, completamente fechada, só comunicará com o terreno da retaguarda por passagens subterrâneas faceis de destruir, de forma que se o inimigo vier a ocupar uma das obras, não possa desembocar nas imediatas.

Do exposto depreende-se que a orientação actual da engenharia militar visa a amoldar as obras de fortificação permanente às necessidades e caracter da guerra moderna, evitando o deixar só à fortificação de campanha a missão de defender as desembocaduras prováveis de um exercito invasor, por não reconhecer a esta especie de fortificação a sufficiente capacidade de resistencia aos poderosos meios ofensivos de que dispõem os exercitos modernos.

As tropas de caminhos de ferro

Deixámos já anteriormente acentuado que, mercê de bem organizadas redes de caminhos de ferro, os exercitos alemães manobrando em linhas interiores puderam vibrar alternadamente golpes sobre os aliados que combatiam nas frentes oriental e ocidental do grande teatro da guerra.

Mostraremos agora, por uma forma sucinta, como a França foi providente não descurando em tempo de paz a organização dos serviços ferro-viários, de maneira a tirar deles o máximo rendimento nas operações duma guerra provavel.

Por um conjunto de leis promulgadas em diversas épocas, sendo a mais recente em 13 de abril de 1913, as companhias de caminhos de ferro eram obrigadas a pôr immediatamente à disposição do govêrno francês todos os meios de transporte de tropas em tempo de guerra.

Criou-se, em consequência, um organismo permanente de intervenção militar encarregado de ir preparando durante a paz os meios de transporte indispensaveis ao exercito, na previsão duma guerra.

À testa desse organismo estava o chefe do estado maior central do exercito, que superintendia na orientação dos serviços tecnicos e de estudo, cometidos a seis comissões correspondentes às seis grandes redes de caminhos de ferro da França.

Alem destas comissões, existia outra denominada *Comissão militar superior de caminhos de ferro*, que funcionava no Ministerio da Guerra sob a presidencia do mesmo Chefe do estado maior central.

Em cada uma das companhias exploradoras das 6 grandes redes de caminhos de ferro, organizaram-se durante a paz

as denominadas *Secções de caminhos de ferro de campanha*, com o efectivo de 1500 homens em cada uma das 10 secções existentes no momento de estalar a guerra.

Eram 15.000 homens, que somados com os 4.000 do regimento de caminhos de ferro prefaziam a totalidade de 19.000 homens de tropas especiais de caminhos de ferro à disposição do general em chefe do exercito francês.

Além disso os ferro-viarios empregados nas 6 grandes redes elevavam-se a 200:000 homens, aproximadamente, a maior parte dos quais continuou no serviço especial que lhes estava cometido ao rebentar a guerra.

Expedida a ordem de mobilização em 1 de agosto de 1914, o mecanismo das redes ferro-viárias, cuidadosamente preparado durante a paz, funcionou com satisfatoria regularidade durante a guerra, evidenciando a competencia tecnica da engenharia militar francesa.

O serviço de guerra substitue o de paz: os reservistas foram transportados para os respectivos depositos e no dia 5 de agosto, sem haverem terminado ainda os transportes de mobilização, principiaram os da concentração, a fim de conduzirem as tropas desde os seus depositos à fronteira Leste, circulando para este efeito 4000 comboios desde 5 a 19 de agosto.

Na rede ferro-viária de Orleans circularam, só para efectos da concentração, 2000 comboios que conduziram 600:000 homens, 144:000 cavalos e 4000 canhões com as respectivas viaturas.

Terminados os serviços de mobilização e de concentração de tropas, seguiu-se o trabalho improbo de deslocar uma considerável massa de tropas francesas para a fronteira belga, a fim de contrariar a execução do grande movimento envolvente dos alemães, violando a neutralidade da Belgica, ao flanco esquerdo do exercito francês. Ao mesmo tempo transportavam-se para o teatro das operações em Mons e Charleroi os 260:000 ingleses que desembarcaram em Boulogne e em S.^t Nazaire (Nantes).

No decurso da batalha do Marne e seguidamente na celebre *corrida para o mar* foram postos à prova os serviços de caminhos de ferro franceses, que deram o máximo rendimento, justificando as previsões do Comando em Chefe.

No transporte das tropas americanas que no decurso de 1918 desembarcaram em diversos portos de mar franceses — Bordeaux, Nantes, Saint Nazaire, Brest e Rochefort, foi duma poderosa eficacia o auxilio tecnico em pessoal e material que os americanos trouxeram às rêdes de caminhos de ferro franceses, em harmonia com o acôrdo realizado pelos estados maiores dos exercitos francês e americano: mais de dois milhões de soldados norte-americanos foram por esta forma conduzidos à frente de batalha pelas linhas ferreas francesas.

Realizados os transportes de tropas era mister desenvolver uma actividade prodigiosa para efectuar a tempo os transportes de abastecimentos, reservas de munições de guerra, que atingiram proporções colossais no decurso de toda a guerra.

Em todos estes serviços, a direcção superior tecnica dos caminhos de ferro assinalou-se por uma forma inteligente e distinta, que sobremaneira honra a engenharia militar francesa.

IX

Os serviços auxiliares

O abastecimento dos exercitos em campanha, tanto no que respeita a subsistências, como na parte que se refere a munições de guerra, experimentou consideráveis aperfeiçoamentos na recente conflagração pelo judicioso emprego da tracção mecânica, substituindo na grande maioria dos casos a tracção animal, morosa e extremamente dispendiosa em razão do elevado número de solípedes precisos para os grandes comboios de viaturas que, nas marchas, formavam a cauda dos exercitos no último século.

Desde alguns anos que nas grandes potências militares da Europa se realizavam experiências tendentes a comprovar a superioridade do automobilismo sobre o hipismo para os transportes de guerra, e o general Langlois, em França, numa série de notáveis estudos demonstrou que na hipotese duma batalha de quatro dias, ferida a 60 quilómetros das *gares de aprovisionamento*, as 3:000 toneladas de munições que despenderia num dia o exercito francês (infantaria e ar-

telharia) poderiam ser conduzidos à linha de batalha em 750 camions automóveis, na 6.^a parte do tempo que dispenderiam 3750 viaturas a 2 solípedes marchando durante tres dias. Em 12 horas resolveria o automobilismo o problema do reabastecimento de munições, na hipótese estabelecida, evitando assim a crítica situação e as perigosas contingências a que, porventura, ficaria exposto um exercito cujo reaprovisionamento se não realizasse com a brevidade que a pressão das circunstancias do combate podia reclamar.

Perante tão irrefragaveis argumentos, o automobilismo foi adaptado no exercito francês, como o havia sido já na Alemanha, generalizando-se sucessivamente o seu emprego em outros exercitos europeus.

O serviço de subsistências

Na ultima conflagração, o serviço de subsistências durante o período das operações activas funcionava com pequenas variantes de exercito para exercito da seguinte forma:

Fixados os locais e as horas das distribuições, as diversas unidades recebiam dos trens regimentais, os generos precisos para as refeições, entrando em determinadas proporções a carne ou o peixe de conserva e a bolacha.

A carne fresca, assim como os combustíveis e ainda o feno e palha para os solípedes eram adquiridos ou requisitados nas localidades próximas pelos officiais provisores, ou por agentes encarregados da exploração local.

Quando os recursos locais não proporcionavam carne fresca em quantidade suficiente, recorria-se ao rebanho de abastecimento, abatendo à retaguarda o gado necessário, sendo depois conduzida a carne para a frente em adequadas viaturas automoveis.

Feitas as distribuições por esta forma, os trens regimentais eram reaprovisionados por meio de compras ou de requisições efectuadas na proximidade pelos officiais provisores.

Na falta de recursos locais, recorria-se aos depositos ou armazens da retaguarda, cujos aprovisionamentos eram transportados pelas vias ferrea e fluvial, ou por camions automoveis, à *estação testa de etapes de guerra*, na proximidade do estacionamento das tropas.

Os trens regimentais iam aí reabastecer-se ás horas fixadas pelo comando.

Quando nenhum destes processos era applicável, o reabastecimento dos trens regimentais realizava-se por meio dos viveres dos comboios administrativos.

A ordem publicada diariamente indicava as horas e os *centros do reabastecimento*, onde se operava o contacto entre as viaturas vasias dos trens regimentais e as secções de reabastecimento dos comboios administrativos.

Fosse qual fosse á forma de reabastecimento, os movimentos dos trens regimentais e dos comboios eram regulados pelo comando com o maior cuidado.

Cada corpo de serviço era representado no acto do reaprovisionamento dos respectivos trens regimentais pelo seu official provisor. Um official do estado maior e um funcionário da Intendência assistiam, em geral, ao reaprovisionamento dos trens regimentais.

Assegurando-se da qualidade dos generos, estas entidades tinham tambem por missão receber as reclamações dos corpos e atendê-las, quando as julgassem justas.

O official do estado maior presidia ás operações de reabastecimento e assegurava-se da execução das ordens do comando.

O reabastecimento dos comboios administrativos era assegurado por meio dos recursos locais não utilizados pelos trens regimentais, ou por meio dos aprovisionamentos da retaguarda.

*

* *

As condições excepcionais, que se deram na grande guerra pela sua longa duração e pelos consideráveis effectivos dos exercitos beligerantes, reflectiram-se sensivelmente nas operações do reabastecimento, tornando-o mais difficil e aleatorio de dia para dia.

Países de grandes recursos, como a Inglaterra, a França e a Italia, ficaram quasi esgotados no primeiro ano de campanha

Forçoso se tornou recorrer aos mercados da America e ás colonias inglesas e francesas, especialmente para ocorrer

ao enorme dispêndio da carne fresca, base principal da alimentação do exercito britânico.

Felizmente, a aparição no mercado da carne congelada facilitou o aprovisionamento regular dos exercitos em operações.

Já na guerra do Sul da Africa a Grã-Bretanha experimentára o emprego da carne congelada para alimentação das suas tropas.

Ao estalar a grande guerra, o governo inglês resolveu renovar na frente ocidental a experiência que tão bons resultados déra na Africa do sul.

Para esse efeito, o Conselho do Comercio contratou com negociantes da Argentina o fornecimento mensal de 15:000 toneladas de carne congelada com destino ao exercito e à marinha do Reino Unido.

Mais tarde, as importações inglesas de carne congelada, proveniente da Argentina, Australia e Nova Zelandia, foram destinadas não só ao abastecimento do exercito e população britânica, mas ainda a atender os pedidos insistentes da França e da Italia.

O C. E. P. em Flandres, incorporado no exercito inglês e recebendo dêle as subsistências, excepção feita do vinho fornecido directamente do país, participou das rações de conserva adquiridas pela Grã-Bretanha, das quais uma consistia simplesmente em carne congelada, acondicionada em pequenas latas de forma quadrangular, hermeticamente fechadas e seladas, e outras contendo, além dumã menor porção de carne congelada, batatas ou vegetais cozidos, mistura que pelo aquecimento constituia um guisado succulento e saboroso.

A ração normal diária da carne distribuida ao soldado inglês era de 0,453 quilogramas.

Reabastecimento de munições

Em geral, nos exercitos beligerantes, os reabastecimentos de munições eram regulados em harmonia com as ordens emanadas do Comando, segundo principios simples e praticos, de forma a não se produzirem atritos no funcionamento desse importante ramo de serviço.

Nas grandes unidades desenvolvidas em combate, o reabastecimento era sempre assegurado da retaguarda para a frente.

Os escalões da retaguarda procuravam mantêr-se sempre em ligação com os que lhe ficavam na frente, de forma que os elementos avançados não tivessem de preocupar-se com o que se passava atrás.

A prontidão do remuniciamento no campo de batalha sobrelevava a outras quaesquer considerações de prioridade na ordem de execução desse serviço.

As viaturas vacias das secções de munições ou do parque do corpo de exército eram reenviadas para a retaguarda até ficarem em contacto com as fracções avançadas do grande parque de artilharia do exército, que as reabastecia.

Longe do campo de batalha, as operações do reabastecimento executavam-se com mais regularidade, sem prejuizo da presteza, sendo em geral o remuniciamento feito por trasbordo.

A dotação individual da infantaria variava de exército para exército entre 120 a 200 cartuchos, maximo que um infante pode transportar no seu equipamento.

A França, a Austria e a Russia fixaram essa dotação em 120; a Alemanha e a Inglaterra em 150 e o Japão em 200 cartuchos.

O infante português conduzia 150 cartuchos, sendo 30 na mochileta.

O trem de combate de cada unidade tinha a seu cargo o primeiro remuniciamento.—Cada viatura transportava entre 14:000 a 15:000 cartuchos, segundo os exércitos.

As viaturas vacias do trem de combate iam reabastecer-se aos *centros de reabastecimento*, onde se encontravam elementos das colunas de munições, havendo, em certos casos, troca de carros para maior rapidez do serviço.

Em geral, as metralhadoras empregavam cartuchos iguais aos da infantaria do respectivo exército. Os cartuchos iam fixados, em numero de 250, em cintos ou camaras, ou ainda em cartucheiras de folha de lata ou latão.

Na Alemanha cada maquina levava 6 cofres, cada um com um cinto de 250 cartuchos.

Na artilharia o aprovisionamento de munições era dife-

rente, dependendo as munições distribuidas do modelo da peça e do seu calibre.

Os diversos exércitos faziam-se acompanhar de varias colunas de munições: colunas ligeiras, colunas de munições de obuses pesados, de morteiros, de artilharia a pé, de artilharia a cavalo, de artilharia de montanha, de munições para infantaria e metralhadoras, alem das colunas de munições de étapes.

Nas diferentes unidades desde o batalhão até ao corpo de exército, inclusivê, foram ainda empregadas, em geral, as viaturas de munições por meio da tracção animal.

Para o remuniciamento destas unidades, cada exército de operações dispunha duma conveniente dotação de camions automoveis, cujo numero foi progressivamente aumentando no decurso da guerra.

A França empregou mais de 100:000 viaturas automoveis neste serviço.

Conseguiu por este meio reaprovisionar a tempo as suas linhas de fogo, onde o consumo de munições era extraordinario. Basta acentuar que em 1915, só no sector de Arras, os franceses dispenderam cerca de 300:000 granadas num dia; ao passo que no mesmo ano os austro-alemães na batalha de Dunajec consumiram aproximadamente 700:000 projecteis de artilharia, conseguindo a ruptura da linha de batalha russa e o consequente desbarato do exército comandado pelo gran duque Nicolau.

No corpo expedicionario portugês em Flandres, (1) o reabastecimento de munições era realizado pelo Sub-Parque de munições, pelos carros de munições, carros de esquadrões, de companhia e pelos Decauville de trincheira.

Mediante as requisições escritas, o Sub-Parque fornecia diariamente as munições, explosivos e artificios para o serviço de trincheira, no intuito de completar as respectivas dotações de trincheira e dos Depositos avançados.

Por meio dos seus camions automoveis, o Sub-Parque reabastecia os Depositos avançados da artilharia e da infantaria, aos quaes as viaturas de munições das pequenas unidades

(1) Os portugueses na Flandres.

iam ao pôr do sol receber munições, a fim de as transportarem aos escalões e posições das baterias, ou aos pequenos depositos das brigadas da infantaria, instalados em casas arruinadas, ou em paioes proprios, á retaguarda das *linhas*. Os De-cauville conduziam directamente para as *linhas* parte das munições, sendo armazenadas nos depositos de *trincheira e dai* levadas para as banquetas dos parapeitos.

Os serviços sanitarios

Numa das sessões do Congresso da "Associação de cirurgiões militares dos Estados-Unidos", efectuada no fim de 1919, ao mesmo tempo que se constatavam duma maneira geral os progressos realizados na cirurgia do campo de batalha e os aperfeiçoamentos introduzidos nos serviços sanitarios no decurso da grande guerra, um coronel medico acentuou, no entanto, que ao chegarem a França os primeiros contingentes americanos se notára uma certa desordem no funcionamento do serviço de saude dos aliados, não só pela deficiencia de pessoal idoneo, mas ainda pela intromissão intempestiva na execução desse serviço de algumas autoridades militares, que desconheciam por completo a tecnica dos serviços sanitarios.

Ao mesmo tempo frisava o contraste que com os aliados fazia nessa parte o exército alemão, onde havia ordem, método e disposições regulamentares que tudo previam.

Um certo numero de factos de facil comprovação pareciam confirmar a veracidade das considerações expendidas pelo ilustre facultativo norte-americano. E que na propria França se reconhecia a deficiencia organica dos seus serviços sanitarios mostram-no exuberantemente as providencias que durante a guerra foram adoptadas no sentido de colocar estes serviços á altura da sua missão.

Para evitar os inconvenientes constatados nos primeiros tempos da guerra, fez-se uma remodelação em que se especializavam os serviços, dando-se-lhes uma completa autonomia.

Assim, foram criadas as secções de cirurgia e de medicina.

A de cirurgia compreendia quatro grupos: cirurgia geral, especialidades cirurgicas, ortopedia e aparelhos, protesis maxilo-facial.

Uma secção especial tratava da reeducação dos mutilados.

Cada grupo estudava e resolvia as questões que lhe eram affectas.

A secção de medecina era dividida em sub-secções: profilaxia sanitaria e higiene geral; vacinas e sôros; neurologia e psiquiatria; intoxicações pelos gases; tuberculose; paludismo; avariosis.

Havia tambem um organismo especial encarregado dos estudos profissionaes dos estudantes mobilizados.

Para esse efeito foram criados centros de instrução que funcionavam nos periodos de menor actividade das operações militares.

Desta forma os estudantes de medicina poderam continuar os seus cursos e aumentar os seus conhecimentos profissionaes por meio duma pratica muito superior á que teriam nas Faculdades. Inauguraram-se conferencias semanaes para assim haver uma permuta de ideas entre os diversos chefes de serviço, de modo a serem resolvidos em commum os principaes problemas, assim como os assuntos de ordem geral que interessavam a varias secções ou sub-secções.

Professores eminentes visitaram e permaneceram nas frentes durante periodos de tempo maiores ou menores, a fim de adquirirem a experiencia necessaria.

Dispositivos sanitarios

No exército francês o serviço de saude compreendia:

1.º O serviço regimental destinado a prestar os primeiros socorros aos doentes e aos feridos, quer em estação, quer em marcha ou em combate;

Este serviço era desempenhado pelos medicos do corpo, assistidos dos enfermeiros e dos maqueiros regimentaes;

2.º As ambulancias, destinadas a completar a acção do serviço regimental em marcha ou em estação e a receber os feridos retirados do campo de batalha, prestando-lhes os cuidados necessarios para que eles podessem ser evacuados prontamente;

3.º Os hospitaes de campanha tendo por missão completar o serviço das ambulancias, facilitar as evacuações, tratar

os doentes ou feridos não evacuados, reforçando eventualmente a acção das ambulancias no campo de batalha;

4.º O serviço de retaguarda, que se subdivia em dois grupos destinados o primeiro á hospitalização, proximo do local em que as forças estacionam, e o segundo á evacuação.

No primeiro grupo compreendiam-se:

a) Os hospitaes de campanha temporariamente mobilizados na zona de retaguarda para ai tratar os doentes e feridos que não podiam ser transportados;

b) Os hospitaes e hospicios permanentes que se encontram proximo das linhas de concentração ou nos territorios ocupados;

c) Os hospitaes auxiliares criados pelas sociedades de assistencia aos feridos.

No segundo grupo compreendiam-se:

a) Os hospitaes de evacuação, onde eram recebidos e tratados até ao seu restabelecimento os homens designados para ser evacuados;

b) As enfermarias de *gare* e de terminus de étapes;

c) Os transportes de evacuação.

Sob a pressão de instantes necessidades de momento, foram criados nas zonas de étapes depositos de convalescentes e estropeados para receber os homens susceptiveis de serem reenviados para a frente depois dum descanso de curta duração.

Comboios de evacuação de feridos

Estes comboios funcionavam quer pelas vias fluviaes ou marítimas, quer pela via terrestre.

Os numerosos canaes navegaveis existentes em França permitiam utilizar com frequencia para o transporte de feridos alguns dos modelos de barcos empregados no comercio, convenientemente adaptados ao serviço sanitario.

Um comboio de evacuação por canaes organizava-se reunindo um numero maior ou menor de barcos, segundo as necessidades do serviço, sob a direcção dum medico, tendo ás suas ordens o pessoal indispensavel para facilitar as operações do embarque e desembarque de feridos.

Foram tambem empregados pequenos barcos de motôr

para o transporte de alguns feridos graves nos sectores que dispunham dum canal aproveitável para este efeito.

Em geral, a evacuação dos feridos realizava-se pelos comboios terrestres, que, dispondo de grande rapidez e capacidade de transporte, melhor podiam satisfazer ás instantes necessidades deste serviço.

Comboios sanitarios

Nos periodos de operações militares activas funcionavam com regularidade tres espécies de comboios sanitarios: *permanentes*, *semi-permanentes* e *improvisados*.

Dos permanentes funcionavam seis, pertencentes a companhias de caminhos de ferro e póstos á disposição do governo no acto da mobilização, alem de dois que desde o começo da guerra funcionavam por conta da Cruz Vermelha americana.

Cada comboio podia transportar no máximo 256 feridos.

Os *comboios semi-permanentes* foram organizados para suprir a deficiencia numerica dos comboios permanentes.

Sendo constituídos com maior número de vagon, attingindo a 40 no maximo, podiam transportar de 400 a 600 feridos, segundo a combinação do material utilizado para a constituição de cada comboio.

Um dos vagon havia sido apropriado para sala de curativo e farmacia, de forma que cada comboio dispunha de elementos para atender ao curativo de 60 a 80 feridos durante o percurso até ao hospital de evacuação.

Os *comboios improvisados* eram constituídos com furgons de mercadorias, convenientemente preparados, dispondo dos aparelhos precisos para a suspensão das camas e ainda dos meios de ventilação e calefação. Destinavam-se exclusivamente para feridos que só podiam ir na posição de deitados.

Estes comboios eram habitualmente formados de 40 furgons e vagon, sendo 33 para os feridos e os restantes para o pessoal de serviço.

Alem destes, recorreu-se ainda a comboios excepcionais, utilizando-se para esse efeito os vagon de passageiros sem preparação alguma para conduzir feridos, que podiam ir encostados ou deitados nos bancos respectivos.

Algumas vezes aproveitaram-se também os comboios ordinarios de aprovisionamentos, simplesmente preparados com palha, sobre a qual se deitavam os feridos.

No principio da guerra, os franceses lutaram com grandes dificuldades para regularizar a evacuação dum enorme numero de feridos, pois que o material disponivel só dispunha de capacidade para receber 40:000, e na batalha do Marne o numero de feridos do exército aliado atingiu o elevado numero de 112:000.

A actividade desenvolvida posteriormente pelas estações competentes para obviar a tais deficiencias de material permitiram que este fosse consideravelmente aumentado, de forma que no fim de 1915 o exército francês dispunha de material suficiente para a evacuação imediata de 100:000 feridos.

*

* *

No sector português, na Flandres, (1) o serviço de saude funcionava em dois escalões:

O de primeira linha e o da retaguarda.

No escalão de primeira linha compreendiam-se da frente para a retaguarda:

- a) Os postos de socorros avançados;
- b) Os postos de transportes;
- c) Os postos de socorros;
- d) Os postos para feridos podendo andar a pé;
- e) As ambulancias;
- f) Os hospitaes de sangue.

No escalão de retaguarda havia:

- 1.º Os depositos de convalescentes;
- 2.º Os hospitaes da Base.

Na guerra de trincheiras, os feridos, depois de recolhidos pelos maqueiros, eram transportados em vagonetes especiaes dos Decauville até aos postos de socorros avançados; ai eram examinados pelos medicos dos batalhões e, em seguida á applicação do primeiro penso, conduziam-nos em maca rodada ou

(1) Os portugueses na Flandres.

em ambulancia automovel ao posto de transportes mais proximo, ou directamente ao posto de socorros, onde os pensos eram mudados.

As evacuações dos postos de socorros para as ambulancias regulavam-se, em geral, pelo gráu de urgencia.

Nas ambulancias operavam-se os feridos de maior gravidade e evacuavam-se os restantes para os hospitaes de sangue, donde depois seguiam para os hospitaes da Base em comboios ambulancias, ou em barcos pelos canaes.

Os convalescentes recolhiam-se nos Parques e escalões e ai se restabeleciam.

*

* *

A tecnica da cirurgia no campo de batalha experimentou notaveis progressos na ultima guerra, aperfeiçoando-se consideravelmente os processos seguidos na pratica de diversas operações a que os ferimentos de campanha deram lugar em mais elevadas proporções que nas guerras passadas.

Não é de indole deste estudo entrar na apreciação de questões tecnicas, que só a profissionaes compete tratar; no entanto dever-se-á acentuar que os progressos realizados em certos ramos da cirurgia foram tão surpreendentes e assombrosos, que constituíram verdadeiras maravilhas.

O emprego dos raios X durante a operação por meio de aparelho apropriado; a applicação do sôro Behring para a cura eficaz do tétano, os novos processos de trepanação para os feridos do craneo, a extracção das balas do coração e a consequente sutura das feridas produzidas neste orgão, o estudo das pseudartroses, ou articulações artificialmente formadas entre dois ossos ou dois fragmentos de ossos, cujas extremidades em contacto, depois de haverem sido lesadas, tendem a mobilizar-se uma sobre a outra, alem de muitos casos de alta cirurgia constatados em todas as frentes do extenso teatro da guerra, representam na verdade progressos admiraveis, verdadeiras maravilhas da cirurgia, que os tecnicos poderão com sciencia e proficiencia explanar em trabalhos profissionaes da sua especialidade.

X

A batalha

1.º— Considerações gerais

A grande duração da última guerra, fazendo pôr em jôgo os multiplíces elementos de acção e os variados instrumentos de combate que a actividade e o engenho dos beligerantes iam sucessivamente inventando e utílizandoo de forma a obter deles o máxímo rendimento e a eficiência de que eram susceptíveis na luta, permitiu que os processos de ataque e de defesa se aperfeiçoassem de ano para ano, atingindo em 1918 um gráu de progresso que excedeu as previsões dos grandes homens de guerra.

O argumento decisivo da guerra é a batalha, que compreende acções defensivas e acções ofensivas, intimamente ligadas umas ás outras.

Para a batalha se congregam todas as forças disponiveis e se reclamam todos os meios e instrumentos de combate aproveitaveis.

A missão dos exercitos nas diversas fases da batalha, cuja duração pode ser dum ou de mais dias, é fixada por *directivas* do comando em chefe.

E' a estratégia que orienta os movimentos ofensivos que levam em si o germen da batalha.

«Tudo o que respeita a combinações é do dominio da estratégia, dizia Lewal,¹ e estas combinações são realizadas pela táctica na sua parte executiva.

«Os limites do dominio da estratégia e da táctica ficariam sempre vagos, em vista da sua frequente juxtaposição, se não fosse adoptada uma divisão fixa.

«Atribuindo a uma as combinações e à outra a execução, a questão ficaria resolvida».

Segundo as teorias alemãs,² a estratégia e a táctica pene-

(¹) Le combat complet.

(²) Opinions allemandes sur la guerre moderne.

tram-se mutuamente a um ponto tal que é quasi impossivel determinar exactamente o limite que as separa.

A função essencial da estratégia é lançar tropas tão numerosas quanto possível na direcção decisiva para empenhar a batalha nas condições mais vantajosas; a concentração, os desdobramentos e os movimentos do exercito são do seu dominio.

Por seu lado a táctica visa principalmente à direcção das tropas, fixando-lhes os processos para a execução das marchas, do estacionamento e mui especialmente do combate.

Partindo da consideração de que só a batalha assegura resultados decisivos, os alemães subordinam-lhe todas as outras condições e medidas atinentes a adjudicar-lhe a vitória.

Eis como se exprimem sobre esta questão no capítulo relativo aos principios fundamentais da estratégia e da táctica: (1)

«Le but unique de la stratégie est de créer les meilleurs conditions pour la bataille; elle doit être la servante de la tactique. La compréhension des besoins tactiques futurs doit former le fondement de la action stratégique qui les précède. La victoire ira à celui qui saura le mieux discerner les mesures favorisant la decision tactique et les appliquer avec le plus de énergie».

As ideias dominantes na Alemanha antes de estalar a última guerra visavam a reconhecer a necessidade inerente ás grandes massas, que constituem os exercitos modernos, de operarem de preferência por linhas exteriores para actuarem concentricamente sobre o inimigo; não se arriscando a ser envolvidas ou impedidas de se mover e abastecer por falta de espaço, como poderia succeder nas operações por linhas interiores.

No entanto, o general Von Bernhardi, sem deixar de proclamar tambem a importancia das linhas exteriores de operações, acentúa que não se deverá fazer do seu emprego um esquema.

Diz êle: «Toda a acção estratégica está subordinada à decisão táctica e todas as considerações estratégicas devem calar-se perante a certesa do exito táctico. A vitoria concilia e regulariza tudo.

«Se, por exemplo, sob o pretexto de que a ruptura estratégica e táctica da frente conduz ao emprego das linhas inte-

riores e ao perigo de ser cercado, se quizesse excluir todo o ensaio de ruptura dessa frente, laborar-se-ia num erro completo.

«A ruptura da frente, uma vez vitoriosa, conduz ao envolvimento dos dois grupos inimigos e proporciona assim com a linha interior todas as vantagens das linhas exteriores».

A unidade das operações assegura-se por uma firme resolução de conservar sempre a iniciativa e de impôr ao inimigo a forma de manobrar que se houver escolhido.

A superioridade no campo de batalha pertencerá, em geral, áquele que tiver concebido operação mais simples e mais decisiva, se a executar com uma energia inquebrantavel.

As operações contra o flanco ou contra a retaguarda do inimigo nem sempre são fáceis de realizar. Não deverá, todavia, por esse facto renunciar-se a tenta-las. Deverá procurar-se executa-las da maneira a mais simples e a mais natural, sem complicações superfluas.

As operações tendentes ao aniquilamento do adversário são na sua essencia arriscadas, perigosas: o envolvimento completo do inimigo, o abandono das proprias comunicações, empenhando a batalha com as frentes invertidas, etc.

As formas de manobra estratégica as mais fáceis de preparar e de executar são a ruptura da frente e o ataque de ala. E' uma vantágem sobremaneira apreciável se considerarmos que com a enorme extensão da frente dos exercitos modernos são mais difíceis e aleatorios os movimentos envolventes, ou um ataque de flanco. Na manobra visando à ruptura da frente ou a um ataque de ala é mister que o exercito, que a executa, possua a densidade suficiente para assegurar a potência de execução necessária.

Pretendendo executar uma manobra envolvente combinada com uma ofensiva frontal, é indispensável que o exercito encarregado do movimento envolvente manobre com uma certa antecipação, ou acelere a sua marcha, a fim de que a sua acção faça sentir-se antes que uma decisão se produza entre os exercitos empenhados no combate de frente.

Desde que o exercito envolvente disponha da precisa zona de manobra na sua frente, o envolvimento é exequível.

Convem actuar pelo efeito de surpresa, o que facilita extremamente o exito. A cavalaria deverá mascarar o movi-

mento envolvente, procurando-se além disso impedir ao inimigo a exploração aérea.

Atingido por uma marcha directa ou por um movimento de flanco o ponto em que deve iniciar-se o envolvimento, o exercito encarregado de o executar coloca-se por meio duma conversão em frente do seu objectivo. Esta conversão será facilitada pelo emprego, durante os movimentos preparatorios, dum dispositivo escalonado com a ala exterior mais avançada. Convem, todavia, não esquecer qua a parada natural do inimigo contra esta manobra será a intervenção de escalões previamente dispostos à retaguarda da ala avançada.

*
* *

A mobilização é a operação preliminar que estabelece a transição do pé de paz ao pé de guerra.

Aquele que primeiro a terminar adquire a grande vantagem dum avanço para a concentração e para as outras operações subseqüentes da guerra.

A concentração e a repartição das forças devem obedecer sempre a razões e a pontos de vista puramente estrategicos.

Se o desenvolvimento inicial dum exército fôr vicioso, os seus defeitos reflectir-se-ão sensivelmente no resultado final das operações duma campanha.

A concentração exerce influencia sobre todo o curso da guerra, tornando-se muitas vezes impossivel remediar os erros cometidos na sua execução, e estes erros serão tanto mais sensiveis quanto mais consideraveis forem as massas a concentrar.

A concentração deverá ser regulada de maneira a preparar operações estrategicas, cujo objectivo será procurar e explorar o exito tactico.

E' mister não esquecer que *os movimentos das tropas devem ser regulados de maneira que elas possam obter a decisão tactica em condições favoraveis* (1).

E' este o principio fundamental que domina toda a estrategia.

(1) Opinions allemandes sur la guerre moderné.

«A arte militar, dizia Von der Goltz, (1) consiste em fazer incessantemente alternar no agrupamento das massas a deslocação e a concentração». A deslocação para melhor as fazer viver e a concentração para combater.

Considerações de natureza diversa, tanto de ordem politica, como militar, a constituição geografica do teatro da guerra, a rêde das proprias comunicações, os locais em' que estacionam as tropas de que se dispõe e aqueles em que se encontram, ou se supõe estarem, os agrupamentos das forças contrarias, assim como o conhecimento da sua rêde de comunicações, a superioridade ou a inferioridade de forças e doutros elementos de combate, levarão a escolher uma das formas essenciaes da guerra: a *ofensiva* ou a *defensiva*.

Tanto a ofensiva, como a defensiva podem ser de natureza estrategica, ou de natureza tactica e, nessa ordem de ideas, Willisen na sua *Theoria da grande guerra* apresentava diversas combinações, segundo as quaes um exército poderia adoptar a ofensiva estrategica combinada com a ofensiva táctica, a ofensiva estrategica com a defensiva táctica, a defensiva estrategica ligada com a ofensiva táctica e, por ultimo, a defensiva estrategica combinada com a defensiva táctica.

A apreciação conscienciosa de todos estes factores levará o general em chefe a fixar a sua intenção estrategica, escolhendo uma forma de ofensiva ou de defensiva; dessa intenção, ou objectivo geral, derivam o agrupamento dos exércitos, a direcção da marcha de cada grupo de exércitos e a amplitude dos seus movimentos.

*
* *

O emprego de linhas exteriores de operações, presupondo a superioridade de efectivos, leva em germen o duplo envolvimento do exército inimigo, preconizado pelos alemães como tipo classico a seguir na denominada *batalha de destruição*, que o talentoso general Von Schlieffen, interpretando as theorias de Clausewitz, tão proficientemente desenvolveu no seu magistral estudo sobre a batalha de Cannas. As campanhas

(1) De la conduite de la guerre.

dos ultimos cincoenta anos fornecem-nos exemplos frisantes de manobras estrategicas por linhas exteriores.

Moltke operou por essa forma na campanha da Bohemia em 1866 e na guerra de 1870, sendo os seus movimentos coadoados do mais completo exito.

Nesta ultima campanha, o habil general alemão manobrando por linhas exteriores com um exército de 230:000 homens contra o exército francês de Mac-Mahon, que dispunha apenas de 125:000, conseguiu realizar o duplo envolvimento em Sedan, ligando-se as duas alas envolventes no Calvario d'Illy de forma a ficar completamente cercado o exército francês, que capitulou depois duma batalha desastrosa, sem que o heroico sacrificio da divisão de cavalaria Marguerite conseguisse abrir uma passagem para a retirada dos franceses.

As operações dos exércitos austro-alemães em 1914 e 1915, dirigidas ao Norte da Polonia por Hindemburgo e ao sul por Mackansen, foram executadas por linhas exteriores.

Na campanha contra a Sérvia, no outono de 1915, o exército austro-alemão de Mackansen partindo da margem Norte do Danubio, e o exército bulgaro concentrado na fronteira Este da Sérvia utilizaram as vantagens que para a concentração e para as operações lhe proporcionam as linhas exteriores.

A campanha habilmente dirigida teve um exito completo, retirando em lastimoso estado para a Albania os restos do exército sérvio, que fôra envolvido e destroçado.

Na notavel campanha de 1916-1917 contra a Romenia os generaes alemães Mackansen e Falkenhain manobrando por linhas exteriores realizaram o envolvimento do exército romaico, que batido alternada e successivamente na Transilvania e na Dobroudja sofreu enormes perdas, salvando-se a terça parte, aproximadamente, deste exército pela sua retirada a tempo para a margem oriental do rio Sereth.

Esta campanha, que foi magistralmente dirigida pelos generais alemães, apresenta ainda a nota curiosa de que no inicio das operações na Transilvania, Falkenhain operou por linhas interiores contra o 1.º e o 2.º exércitos romenos, que bateu separadamente, envolvendo pelas duas alas em Hermannstadt o 2.º exército, invadindo em seguida a Valachia, onde deu a mão à ala esquerda do exército de Mackansen, que realizára a passagem do Danubio em Sistova.

Outro exemplo frisante da concentração e operações por linhas interiores encontra-se na celebre batalha de Tannenberg, em agosto de 1914, em que Hindenburgo interpondo o seu exército entre os dois exércitos russos de Rennenkampf e de Samzonof para evitar a sua junção, conseguiu envolver e aniquilar este ultimo, enquanto continha o primeiro com fortes demonstrações de cavalaria, apoiada por fracas forças de infantaria.

E' intuitivo que os enormes recursos facultados pela viação acelerada e pelo automobilismo, acrescidos da vantagem das comunicações telegraficas e telefonicas, facilitam sobremaneira a execução das manobras por linhas exteriores, ao passo que as faltas de espaço necessario para a zona de manobra dum exército tornam muitas vezes difficil o emprego da linha interior.

As circunstancias de momento, os recursos de que se dispõe e o critério do general discernindo a utilidade do seu emprego são, em geral, as determinantes da preferênciã a dar a qualquer dos dois sistemas de operações.

O antigo chefe do grande estado maior alemão, general Von Schlieffen, preconizava o emprego dos movimentos envolventes, em geral combinados com o ataque de frente a uma ala, sempre que as diferenças de condições de luta entre os exércitos em presença fossem pouco sensiveis, ou quando a superioridade de meios não fosse tão acentuada que permitisse o envolvimento das duas alas do adversário.

Da campanha de 1870 é bem remomerado o movimento envolvente realizado em 18 de agosto pelos saxonios contra a ala direita do 6.º corpo francês (Canrobert), movimento que ao anoitecer deu o triunfo aos prussianos, tidos em chéque durante o dia em Saint-Privat e Sainte-Marie-aux-Chènes.

De 20 a 24 de agosto de 1914, na primeira grande batalha ferida na frente ocidental nas proximidades de Charleroi, o 1.º exército alemão (Von Kluck) procurou envolver a ala esquerda do exército anglo-francês, o que precipitou o movimento de retirada deste exército sobre o Marne.

Por seu turno, o flanco direito do 1.º exército alemão é ameaçado de envolvimento desde 5 a 9 de setembro pelo 6.º exército francês (Maunoury) nas proximidades do rio Ourcq, o que determinou a vitoria dos franceses na grande batalha do Marne.

Na frente oriental foram frequentes os movimentos envolventes, em geral combinados com ataques de frente a uma das alas inimigas, sendo notáveis: o executado pelos russos contra os austriacos em Tarnopol, em agosto de 1914, o dirigido por Hindemburgo nas proximidades dos lagos Mazurios contra os russos em fevereiro de 1915 e o realizado pelo exército alemão de Von Eichoru contra os russos nas proximidades de Vilna em setembro de 1915.

No ultimo periodo da grande guerra, em outubro de 1918, o general Mangin realizando o envolvimento da ala direita do exército do Kromprinz, obrigou-o a abandonar Laon e a evacuar uma zona de 45 quilometros de frente por 15 de profundidade.

*
* *

As operações de ruptura ou penetração pelo centro da linha inimiga, tendentes a obter a decisão da batalha, afiguravam-se a alguns tecnicos duma grande dificuldade em presença do elevado poder de resistencia que os novos engenhos e meios de guerra facultavam.

A enormidade de efectivos congregados para a batalha moderna, desenvolvendo-se numa frente extensissima e tornando, por consequência, mais difficil e aleatorio o envolvimento, levou alguns chefes alemães a tentar com maior frequência e bastante exito a ruptura da frente adversa, perfilhando nessa parte as doutrinas expendidas por Von Beruhardi e consagradas posteriormente pelos regulamentos alemães sob a inspiração de Ludendorff.

Um dos exemplos mais notáveis da ruptura duma frente, na guerra de movimento, encontra-se na sanguinolenta batalha de Gorlice, nas margens do Dunajec, em maio de 1915, em que o general Mackansen, após uma violenta preparação da sua artilharia visando a parte mais fraca do exército russo do gran duque Nicolau, conseguiu abrir na frente inimiga uma larga brecha por onde penetraram as tropas de assalto austro-alemão, obtendo o mais brilhante dos triunfos assinalados na frente oriental da grande guerra, seguido dias depois de nova ruptura pelo centro de parte do mesmo exército, que se apoiava no rio San.

No mês de julho, o general Von Galwitz conseguiu com extraordinario exito a ruptura das posições russas em Prassnysck depois duma profiada luta de cinco dias.

A seguir, 20 e 21 de julho, o general Von Woysch realiza a ruptura da frente russa nas proximidades de Sienna, persegue o inimigo na sua retirada, impelindo-o para a fortaleza de Ivangorod, que investe.

Dias depois, em 30 de julho, executa Mackansen com o seu grupo de exércitos um brilhante ataque ás posições russas entre os rios Bug e Narew, obtendo a ruptura da linha adversa.

Na campanha da Sérvia, após a passagem do Danubio em 7 de outubro de 1915, o exército austro-alemão, sob o comando superior do mesmo general, prosseguindo a sua marcha triunfante para o Sul consegue a 5 de novembro a ruptura da posição defensiva dos sérvios, que foram perseguidos activamente até se internarem na Albania os restos do destroço daquele valente exército, que tão denodadamente defendera o seu pais.

Na frente ocidental salientam-se em 1918: a formidavel ofensiva de Ludendorf na Picardia, iniciada em 21 de março com 42 divisões, tendente a obter a ruptura para separar o exército inglês do francês; a de 9 de abril, na Flandres, no intuito dos alemães romperem a linha anglo-portuguesa e alcançarem Calais e Dunkerque, portos importantes, onde a Grã-Bretanha fazia desembarcar todos os elementos indispensaveis ao prosseguimento da guerra e a ofensiva de maio sobre Chemin des Dames—Chateau Thierry para abrir aos alemães um caminho em direcção a Paris.

No Artois, em 2 de setembro, as colunas de assalto inglesas do general Horne, precedidas dos terriveis *tanks*, praticaram uma brecha na linha Hindemburgo, penetrando no sistema defensivo Drocourt-Quéant, justamente no ponto de ligação das 3 linhas defensivas, exito que o generalissimo Foch explorou ulteriormente, lançando por essa brecha novas colunas de assalto, que penetraram até á segunda linha defensiva, em frente de Cambrai.

Pouco depois, devido aos esforços dos generaes ingleses Dabney e Horne, foi conquistada a região de S.^t Quentin—Ctelet, penetrando as tropas britannicas no sector de Siegfried, que foi definitivamente rôto em 9 de outubro.

Convem, todavia, acentuar que o exito obtido nestas operações de ruptura central da linha adversa resultou, evidentemente, dum concurso de circunstancias, que asseguravam a superioridade de condições do exército atacante sobre as do inimigo.

Essas condições consistem:

- a) Na elevação da força moral e no espirito pronunciadamente ofensivo do exército atacante;
- b) Na facilidade de concentrar reservadamente uma força importante, apta a vibrar energicamente golpes decisivos;
- c) No apoio desta força por tropas de reserva solidamente constituídas para a auxiliarem em todas as contingencias da luta;
- d) Em deixar assegurados à retaguarda os serviços de renovação de munições e do reabastecimento de viveres;
- e) Na judiciosa escolha da parte da linha adversa, que deve ser designada como objectivo do ataque de ruptura;
- f) Na inferior qualidade das tropas inimigas, ou na sua força moral decaída por efeito de reveses anteriormente sofridos;
- g) Na insuficiência de reservas do adversario.

Se estas condições não se realizarem, a operação da ruptura será difficil e o seu resultado duvidoso.

(Côntinúa).

ADRIANO BEÇA.

General

A educação física e os desportos na Alemanha

Duplo fim a que visam

A Alemanha, como em 1806, prepara-se para iludir a imposição dos aliados, que lhe fixaram os efectivos do exercito. Após a guerra, de que saiu abalada, mas não vencida completamente, ela procura refazer-se e preparar-se para uma grande e violenta desforra.

Toda a nação vibra de entusiasmo ao preparar-se para a

grande luta. O país inteiro vai militarizar-se ainda mais do que antes da Grande Guerra.

De que maneira, por que processos? Eis o que vamos indicar.

A análise do "*Regulamento de educação física*" ha pouco publicado, permite-nos descortinar os processos adoptados para essa militarização.

É certo que a educação física e os desportos visam em grande parte a desenvolver nos homens as qualidades de energia, de resistencia, de vontade e de disciplina; mas todas estas qualidades constituem a base para a formação de um *combatente*. Levantar, pois, a cultura do desenvolvimento físico e robustecer a disciplina pela educação da vontade, é contribuir em larga escala para fazer de cada cidadão um bom soldado; é permitir pelo aperfeiçoamento da raça, que, no momento de uma guerra, seja maior a percentagem de homens válidos para a defesa da Pátria. A supressão do serviço militar obrigatorio, que era a verdadeira escola de energia física e moral dos alemães, vai ser compensada pelo grande desenvolvimento que vai ter a educação física generalizada e tornada obrigatoria. Hoje em toda a Alemanha enxameiam as sociedades desportivas; em todos os estabelecimentos de instrução se pratica a ginástica; e, para que haja uma unidade de doutrina e uma unificação nos métodos de instrução, visando a um fim comum, criou-se em Berlim uma *Academia de exercicios fisicos* ("*Hochschule für Leibesübungen*"), onde se ministra um ensino tecnico e prático, e publicou-se um "*Regulamento de educação física*", que tem de ser observado não só no exército e na marinha, mas nas escolas e nas sociedades desportivas.

— Na Academia de exercicios fisicos, inaugurada a 15 de maio de 1920, o curso dura 4 semestres, no fim do qual tem lugar um exame que regula a capacidade dos alunos para os diversos empregos—de professores de desportos, monitores de ginástica, directores de sociedades desportivas ou de ginástica, architectos de instalações desportivas, etc.

A par deste curso principal de 2 anos, há ainda cursos de algumas semanas destinados ao aperfeiçoamento dos melhores alunos dos estabelecimentos de ensino e das sociedades desportivas.

—No exercito a educação física e a prática dos desportes servem de base à instrução de todas as armas, pondo-se assim de parte os antigos processos em que se visava ao automatismo.

Os exercicios fisieos teem por fim geral manter a saude, educar e robustecer a vontade, fortificar as qualidades morais do homem.

Os exercicios são graduados de modo a desenvolver metodicamente todas as partes do corpo, tendo em atenção a aptidão e a força de cada individuo.

Os principais exercicios são : corridas, saltos, lançamentos, tracção de corda, jogo da barra, foot-ball, esgrima de baioneta, natação, exercicio de remos, exercicios livres de preparação geral e metodica para o desenvolvimento do corpo.

—Primeiro praticam-se os exercicios que procuram desenvolver os orgãos vitais, como os pulmões e o coração ; depois seguem-se os exercicios que exigem coragem, fôrça e destreza. Deve-se permitir que os homens escolham nestes exercicios os que lhes sejam mais do seu gosto. Os exercicios devem de preferencia realizar-se ao ar livre. Os exercicios terminam, em geral, por concursos, tendentes a provocar o estimulo. O Regulamento recomenda que se aproveitem os terrenos das sociedades desportivas para os exercicios fisicos das tropas e que estas concorram com os civis aos exercicios finaes, devendo-se mesmo autorizar que os soldados possam fazer parte daquelas sociedades.

—Os instrutores são escolhidos de preferencia entre os officiais novos e sargentos.

Em cada E. M. de unidade há um official encarregado de todas as questões relativas aos exercicios fisicos : em cada batalhão um official dirige a instrução dos monitores, sendo auxiliado por uma comissão de que podem fazer parte sargentos e soldados.

Nas guarnições onde haja muitos corpos de tropas pode haver uma comissão desportiva, presidida pelo comandante militar da guarnição. Para os concursos, que servem de coroamento aos exercicios anuaes, as autoridades militares devem estabelecer um acordo com as sociedades civis de desporte. Em diferentes guarnições teem sido estabelecidos cursos para monitores. Para o ano de 1921 deve ter lugar um

curso em Wuendorf, o qual deve ser frequentado por 84 alunos, sendo 34 oficiais, 2 medicos, 34 sargentos e 4 enfermeiros. Estes ultimos recebem a instrução de massagistas.

O Estado destinou em 1920 22 milhões de marcós para a compra de material para as unidades de tropa. Anualmente organizam-se grandes festas desportivas em que tomam parte sociedades civis e contingentes das unidades, para assim apertar os laços de camaradagem entre os elementos civis e militares.

Num grande concurso, que teve lugar em 5 de maio de 1920, as provas individuais realizadas compreendiam: 1.º—Corrida de 100^m em 12,5 segundos; 2.º—Corrida de 400^m em 60 segundos; 3.º—Corrida de 7.500^m em 5 minutos; 4.º—Lançamento de granadas a 45^m; 5.º—Lançamento do disco a 28^m; 6.º—Lançamento do dardo a 26^m; 7.º—Lançamento de uma bala de 7 kg. a 9^m,5; 8.º—Salto em altura de 1^m,5; 9.º—Salto em comprimento de 5^m.

Havia ainda provas de grupos, compreendendo equipes mixtas, em que entram um soldado, um sargento, um feldwebel, um tenente e um capitão. Estas provas compreendiam corridas que iam desde 200^m a 500^m.

Havia tambem marchas desportivas com uniforme e equipamento de campanha, compreendendo serviço de patrulhas e marchas de resistencia em velocidade (4 km. em 20 minutos) e em extensão (20 a 30 km.). Como se vê, o exercito alemão sofreu uma transformação completa, pondo de parte o tradicional automatismo, e tomando a instrução militar um caracter moderno e democratico.

Os exercicios fisicos tomaram um caracter nacional e o numero de sociedades desportivas aumentou consideravelmente. Uma «*Comissão nacional de educação fisica (Reichsausschuss fur Leibesübungen)*» está hoje à testa do grande movimento educativo. O ensino da ginástica e os desportos tornaram-se obrigatorios em todas as escolas primárias e superiores, tendo sido regulamentado em setembro de 1920. Assim o serviço militar obrigatorio foi substituido pela obrigação dos exercicios fisicos, e estes são dirigidos por um grande numero de oficiais do antigo exercito, aos quais foram assegurados os seus vencimentos.

Nas universidades o entusiasmo é grande pelos exercicios

físicos. Em Marbourg os estudantes praticam a esgrima, a ginástica e efectuam todas as semanas um exercicio de marcha de 3 horas; e quinzenalmente, uma marcha-manobra em que levam o equipamento militar de campanha. Até os proprios *turistas* efectuam marchas durante alguns dias, bivacando de noute e com o equipamento de campanha. Só não levam um uniforme e uma espingarda, por que então seriam verdadeiros soldados.

Actualmente há 2,5 milhões de mancebos fazendo parte das sociedades desportivas, mas, segundo afirma Carl Diem, secretario geral da Commissão de educação física, esse numero será em breve elevado a 15 milhões, assim distribuido:

Todos os mancebos dos 10 aos 17 anos; 70 % dos mancebos dos 17 aos 20; 40 % dos que tenham 20 a 30 anos; e 15 % dos homens dos 30 aos 40 anos.

A nação alemã está, pois, preparando o grande material humano para uma futura guerra.

V. C.

A Batalha do Ameixial ¹

«Estos son aquellos hombres que fueram tan famosos y temidos en el mundo, los que avassallaron principes, los que dominaron naciones, los que conquistaron provincias, los que dieron leyes á la mayor parte de Europa, los que reconoció por señores todo el Nuevo Mundo.»

DON FRANCISCO MANUEL.— *Guerra de Cataluña*—(1645).

Por diligencia de Francisco Cambiagi, proprietario da Rial Imprensa Florentina, vieram a lume em 1862, na capital

¹ Esta batalha é conhecida por três diferentes denominações. Para nós, o nome official ficou sendo êste, que é o do lugar de onde se desenvolveu a peleja; para os espanhoes é Tera, ribeira cuerega com abundancia toda aquela campina, e foi pelos dois exercitos, um após outro, vadiada na vespera da batalha. Nos sitios onde se deu o mais acêso dela ficou sendo lembrada por «Batalha do Canal», em razão da propinquidade da estrada estreita e profunda por onde quanto restou do exercito castilhanao, desbaratado, houve de passar, dirigindo-se a Arronches.

da Toscana, varios documentos relativos a assuntos políticos portuguezes, existentes no Arquivo dos Medicis de Florença, secção consagrada às *Noticias de varias côrtes da Europa*.

Dentre estes documentos começamos hoje a publicar, traduzidos do idioma italiano, em que se acham impressos, os dois que se referem à celebre batalha, acompanhando-os de algumas breves notas elucidativas do texto.

Cumpré porém, antes que demos à execução o nosso proposito, esclarecer o leitor conspicuo àcêrca do valor historico, e da procedência provável dos preditos documentos. Em breves termos o faremos.

A batalha do Ameixial alcançou notoria nomeada na Europa, extensa, duradoura e de efeitos diversissimos. Para semelhante resultado contribuiu, em primeiro lugar, ella propria, como grande feito de armas que na verdade foi, nascido das surprêsas do imprevisto. Vem depois a situação de destaque dos que aí tiveram a direcção suprema; dois grandes generais, cuja fama igualava o merito. Por ultimo, não são menos de considerar as consequências pessoais e politicas que a nossa vitoria trouxe consigo.

Seis grandes nações se empenharam na memoravel peleja, três das quais néla ficaram vencidas, com as circumstancias esmagadoras que para logo foram notorias. Além dos terços castilhanos e alemães; além dos contingentes de Nápoles e do Milanês, que ficaram aniquilados pelo exército nominalmente comandado por Vila-Flôr², grande número de militares de elevada patente, grande número de titulares daquélas duas nações e de Castela, ou ficaram nossos prisioneiros, ou foram mortos, após terem combatido rijamente.

Por um e outro motivo, pois, a batalha do Ameixial deve ter sido causa no melhor da Europa de muitas e candentes lagrimas, e de não menos imprecações, decerto, contra os vencedores.

Isto, quanto às consequências individuais da famosa derrota. Vindo agora às suas consequências politicas, sabido é que o desastre do exército de D. João de Austria foi o triunfar

² No decurso do texto se acha a explicação desta maneira de escrever.

altisonante da politica de Luís XIV, empenhado então em pulverizar o desmedido poder da monarquia espanhola. A batalha do Ameixial foi o prenuncio dos infortunios que, a partir de então, mais ou menos perseguiram aquéla entidade politica. — Pode dizer-se que o Ameixial e Montes-Claros foram a causa do desprestigio militar da Espanha, e de algum modo o exício da sua preponderância, como potencia dominadora na Europa. A sua hora final ía soar.

Não exultou menos do que a França a nossa secular aliada, a Inglaterra, pela importancia valedora que atribuiu ao, na verdade, valioso socorro por ela enviado à sua antiga aliada, e pela demonstração pratica do quanto a sua previdente amizade se distanciava daquéla potencia, a qual, oficialmente, não tivera para conosco, até então, mais que boas palavras e vagas promessas. Para a Inglaterra, o vencer, conosco, portuguezes, no Ameixial, era o caminho aberto à conquista daquéla triplice preponderancia comercial, industrial e politica de que a Gran-Bretanha caprichou sempre em manter a posse em Portugal.

Pelo que nos disse respeito, emfim, esta estrondosa victoria punha o remate a muitos anos de ardorosas illusões e de esperanças tristemente dissipadas. Vingava-nos das muitas mortificações do amor próprio marcial, e das miserias e canceiras de tão prolongadas lutas, em que de um e outro lado se podiam contar as efemerias victorias de alguns centos de episodios de guerra pelo número de reveses, de cada qual dos lados sofridos. Dava-nos, emfim, esta tão bem alcançada victoria a esperança de conseguir-se de vez a almejada independencia patria, e com ella o sossêgo e a quietação necessarios ao livre exercício da paz, e suas beneficas consequências.

Por tudo isto, pois, é bem de conceber que a actividade noticiosa nacional se applicasse, cheia do mais justificado orgulho, a lançar aos quatro ventos da publicidade, e em todas as linguas conhecidas, a circunstancia da noticia da famosa batalha e consequente vitória, empregando-se para tal fim todas as formas de redacção que melhor se amoldassem ao feito.

Os dois documentos que a seguir trasladamos para estas paginas são amostra de dois diversos expedientes. No primeiro, figura-se uma especie de relatorio, sem endereço, que

se supõe escrito por um castilhano, ou militar do exército daquella nação. Ao segundo imprimio-se o cunho epistolar, devendo ser um portuguez o firmante.

¿ Em meio, porém, desta actividade febricitante epistolar, quantos episodios risorios se não dariam, engenhados pela precipitação do expediente?

Um dêles foi o que deu o segundo dos dois papeis por testemunha.

Por qualquer circumstancia que se não atinge, e de que nem vale a pena procurar a explicação, a carta que êsse segundo papel figura ser escrita por um *português*, teve a suposta assinatura de um *espanhol*!

Eis o teor dos dois documentos a que nos temos referido.

«Relação da batalha ferida entre os dois exércitos, castelhano e portuguez, no dia 7 de junho de 1663, no campo de Tesa³, a um quarto de legua de Evora-Monte, e a legua e meia de Estremôs.»

«Havendo Sua Alteza⁴ alcançado todo o exito desejavel na empresa de Evora, cidade a 15 léguas no interior de Portugal, e feitos prisioneiros de guerra quatro mil homens e 700 cavalos, deixou-lhe de guarnição o Conde de Sartriana⁵, go-

³ O copista, que nem sempre intendeu perfeitamente o texto, tomou aqui um *r* por um *s*. *Ribeira de Tera* é a denominação que no sitio onde se feriu a batalha se dá ao rio *Zetas*, comum às duas provincias do Alentejo e da Extremadura. Este rio nasce na serra de Ossa, e vem desaguar na esquerda do Tejo, cêrca de Samora Corrêa, com o percurso de 157 kilom., engrossado por 23 afluentes. Aí por Coruche e Benavente chamam-lhe o *Sorraia*.

⁴ D. João de Austria, filho natural de Filipe IV, rei de Espanha. Não se confunda êste D. João de Austria com outro, antecedente, de igual nome, e tambem bastardo, filho, porém, de Carlos V. Aquêl primeiro Don Juan de Austria é o celebre vencedor da batalha de Lepanto, na qual nós tivemos tão gloriosa parte.

⁵ Este cabo de guerra era italiano, e parece que a cabeça do seu condado está imperfeitamente ortografada. No *Portugal Restaurado*, do Conde da Ericeira, chama-se-lhe «Sertirana». Poderá, porém, ser que se ape'ide Satriano, que é povoação calabresa, ou então Sartirana, mas com os qualificativos de «Briantea» ou «Lomellina», conforme fôr no distr. adm. de Como, ou no de Pavia.

vernador geral, com três mil infantes e 800 cavalos, e bem assim oito Mestres de campo, com Dom Carlos Tasso por Comissario geral.

Abalou Sua Alteza com o resto do exército, que eram cinco mil infantes e cinco mil cavalos, a caminho de Estremôs, provocando sempre o inimigo, que marchava à vista com quatorze mil infantes e quatro mil cavalos, a travar batalha, a qual sempre recusou, fortificando-se, posto que Sua Alteza lh'a fosse sempre apresentando.

Quando, depois, quis retirar-se, passou à vista de Estremôs e, dando-lhe mostras suas com algum canhoneio, uma legua mais adiante, durante a qual os dois exercitos se aproximaram a tiro de mosquete, jogou de ambos lados a artilharia, com perda de muita gente, um dia inteiro⁶, morrendo aí Don Gonçalo de Cordova, irmão do Duque de Sessa⁷, por onde não cuidou Sua Alteza que o inimigo se atrevesse a maior prova.

Ocupou Sua Alteza com os espanhois duas colinas fortissimas por situação, e dispoz a marcha, para o que ordenou que alguns esquadrões de cavalaria seguissem com as bagagens. O inimigo, porém, a êste tempo, bem unido e ordenado em batalha, alternando a infantaria com a cavalaria, avançou sôbre a vanguarda dos espanhois, cujo primeiro esquadrão era comandado por Don Anielo de Guzman,⁸ e o outro por

⁶ Acção do Degebe, a 5 de Junho de 1663, verdadeiro duélo de artilharia, digno precursor da grande batalha. Lê-se no *Portugal Restaurado* que das 3 da madrugada daquêle dia, até ás 3 horas do tarde, as quinze peças de artilharia de que o exercito português dispunha, dispararam 770 tiros.

⁷ Sessa; em latim *Suessa*, é a antiga Aurunca dos Romanos, cidade de Italia, na provincia de Caserta.

A seus naturais se refere Vergilio, na *Eneida*, lib. X, vv. 352,353, onde diz:

«... *Occurrit Halesus*
«*Aurunceque manus...*»

O ducado era apanagio, segundo ficou em memoria, dos descendentes do celebre Cid-campeador.

⁸ Filho do Duque de Medina de las Torres. Foi ferido, e feito prisioneiro.

Don Luiz de Frias⁹, e dada a primeira carga, avançou em tão bela ordem, que os espanhois (seja dito à bôa paz) fugiram. Os restantes esquadrões espanhois, tanto que tal viram, imitaram os primeiros, de modo que o inimigo, avançando sempre, varreu e ocupou os nossos postos. Os alemães combatendo firmes, não perderam terreno. Os italianos que se lhes seguiam, com Don Antonio Guindazzo, e a seguir Don Camilo de Dura, Don Marzio Origlia e o Marquês de Cassino¹⁰, que ocupava com o seu esquadrão a retaguarda, vanguarda do inimigo, foram carregados rijamente pela infantaria e cavalaria dêste. Aí se combateu com toda a intrepidez desde a uma da tarde até à noite, em que ambos os exércitos se desembaraçaram um do outro.

Durante todo este tempo, ía a nossa cavalaria, em parte, camboiando as carruagens e a bagagem, em parte, guardando os prisioneiros que conduzia. Estes, porém, voltando-se contra os nossos cavaleiros, e apedrejando-os, vieram enfim, com perda de alguns, decidida a vitoria, a unir-se ao inimigo.

Andava a outra parte da nossa cavalaria forrageando, por modo que tudo o que veio a entrar em combate não passava de mil e quinhentos cavaleiros, tendo à frente o respectivo General, Don Diogo Caballero, que se portou com valor. Eram êstes cavalos do troço de Catalunha, cujo Comissario geral, Don Miguel Ramon, ficou morto. O Comissario geral do terço de Borgonha, Don Angelo Balatore, teve seis feridas, e ficou prisioneiro; prisioneiro ficou igualmente o Comissario geral Montenegro. Dos dois troços de Milão, ficou prisioneiro Don João Novales. Don Francisco de Aguiar, bizarro soldado, ficou morto.

As duas guardas de Sua Alteza deram a primeira descarga, retirando-se após, com o Marquês de Spinardo¹¹ mortalmente ferido pela gorja. As duas guardas do Duque de San Germano houveram-se com singular valor, particularmente

⁹ Frias é uma cidade de Castela Velha, cabeça do ducado do mesmo nome. Terra natal dos progenitores dos Frias de Portugal; isto é, dos architectos dêste apelido, muito nomeado na historia artistica do seculo XVII português.

¹⁰ Cassino, Marquesado italiano, pertence também á Prov. de Caserta.

¹¹ Não pudemos identificar êste titulo.

o Barão de Santa Cristina. Don Antonio Simonetta, que por três vezes penetrou os esquadrões inimigos, está ferido de morte. Morreram mais seis capitães de cavalos, entre os quais Don Antonio Pignatelli. Perderam-se todas as bagagens, a carriagem, as peças de artilharia, a baixela de Sua Alteza, e, o que é pior, a Secretaria, cujo chefe, Francisco Fabbri, interprete do cifrante, tendo sido feito prisioneiro, será obrigado a dar a chave de muita cousa de segredo e de correspondencia com os do reino.

Fez o inimigo tres mil prisioneiros, e destes, dois mil estão feridos. Don Aniello de Gusman, com seis feridas, o Marquês de Lecce ¹², com cinco, acham-se em casa de Dom Luiz de Menezes ¹³ em Extremôz, bem tratados.

Foi tambem feito prisioneiro o Conde de Cerni, ¹⁴ o Conde de Scalante ¹⁵ está preso e ferido, Don Lopes (Lopo?) de Abreu ¹⁶ foi mórto; morto o Marquês de Cassino ¹⁷, assim como Don João Henriques, todos Mestres de campo, com sete capitães do terço de Cassino e mais de cem homens, do terço

¹² Elche, vila no antigo reino de Valencia, entre Murcia e Alicante, da qual dista quatro léguas, é a antiga *Illici* dos Romanos, de que os de Italia, como se vê, fizeram Lecce, e nós Heliche.

Era, pois, Elche cabeça do Marquesado dêste cinco vezes Grande de Espanha. Ele e Don Aniello de Gusman, a quem já nos referimos *supra*, foram removidos de Extremôz para Lisboa, com os mais companheiros de infortunio, e encerrados no Castelo de S. Jorge. Ai os foi procurar, e aos vencidos de Montes-Claros, o Conde de Sandwich, embaixador de Inglaterra em Madrid, persuadindo-os a que tomassem a iniciativa de diligenciar que se ajustasse a paz entre os dois paises. Assim se realizou, finalmente, em 10 de Fevereiro de 1668, sendo Marquês de Elche o plenipotenciario por parte da côrte castilhana.

¹³ D. Luiz de Menezes era o general da artilharia portuguesa, posteriormente elevado à grandeza de Conde, com o título «da Ericeira». Foi o autor do *Portugal Restaurado*, cujos tres ultimos volumes saíram postumos, sendo a obra, pelo que toca a esta batalha, incriminada de parcial. Não, que tál pécha fosse atribuida ao autor, mas alega-se que houve quem na impressão do tomo correspondente fizesse substituir o texto original por outro apocrifo.

¹⁴ ¿ Ceroni, dist. adm. de Pavia? O titular de quem se trata parece que voltou ao exercito a que pertencia, segundo adiante se vê.

¹⁵ Outro titular desconhecido.

¹⁶ Parece português, daquêles a quem Luis de Camôes se referio. CIV, est. 33, e vê-se que teve a sorte que, nêsse caso, merecia.

¹⁷ Já acima lhe foi feita referencia.

de Don Marcio Origlia, com tres capitães, que todos ficaram mortos.

Presos e feridos Don Tomás Pallavicino, Don Eustaquio Brancaccio, Don Frederico Pisanello e os dois condes Fiaschi¹⁸. Dos outros terços italianos, ficaram sem vida, com muitos soldados e oficiais reformados, Don Albano Minutillo, Don Antão de Tasso e Don Lionel Caraffa Bernabó. Dos Alemães, não muitos, por terem sido menos carregados.

Quando Sua Alteza viu fugir os da vanguardã, apeou-se e deitando a mão a uma partazana, exclamou, animando-os: — «Ea valientes hisos (hijos) mios! agora¹⁹ es tiempo de pelear! Pelead por nuestro Rey; por nuestro Principé! Aquí estoy yo! Ea morramos todos juntos, si es menester, que assi la victoria es nuestra!»

Nem assim houve ter mão na debandada, pelo que Sua Alteza se viu constringido a passar à retaguarda, onde (foi) recebido com gritos de vitoria. Mas, emfim, os Mestres de campo Italianos, assegurando que ali morreriam por seu Rei, aos pés de Sua Alteza, combateram, até que o inimigo se afastou, sem perderem as suas bandeiras, retirando-se com os Alemães em demanda de Arronches, onde achavam o Duque

¹⁸ Fieschi, aliás. Os Fieschi eram condes de Lavagna, um burgo às abas de Genova, célebre desde a mais remota antiguidade, não só pela exploração da ardosa (*pietra di lavagna*), como pela cronica assombrosa dos próceres que o possuíam.

¹⁹ Era ainda, este adverbio, como no seculo anterior, comum, na maneira de o ortografar e, consequentemente, na de o exprimir, às duas nações peninsulares.

Assim, Garcilaso de la Vega, o grande revolucionario da poesia castilhana, no seculo XVI, dirigindo-se ao Marquês de Vila Franca, vice-Rei de Naples, endereçava-lhe este marcial cumprimento :

«Tu que ganaste obrando
Un nombre en todo el mundo,
Y un grado sin segundo,
Agora estás atenfo, solo y dado,
Al inclito gobierno del estado,
Albano; *agora*, vuelto á la otra parte,
Resplandeciente, armado,
Representando en tierra el fiero Marte!»

de São Germano ²⁰, que foi o primeiro a chegar com algumas tropas, e que passou a Badajos a notícia da derrota.

O Conde Baet, capitão de duas companhias de cavalos das tropas milanesas, e que perdera o seu estandarte, recuperou-o depois, e mais outras duas bandeiras, mas está preso e mortalmente ferido.

A causa desta derrota nada tem que maravilhe, se se considerar que o inimigo dispunha de forças de infantaria superiores, havendo entre os Ingleses e os Franceses muitos soldados velhos. Depois, a nossa cavalaria não entrou, a bem dizer em batalha, e a que combateu estava fatigadissima de tão longinquas marchas. Por duas vezes havia Sua Alteza enviado 3:500 daqueles cavalos, às ordens do tenente-general Mazacane e do Comissario geral Morera, a tomar Montemor, Alcacer do Sal, e, nas cercanias de Lisboa, Aldeia Galega, a tres leguas dessa cidade. De maneira que a marcha pela estação calmosa, faltando-lhes a cevada, e ajoujada a tropa com as presas, mal podia fazer-se. A infantaria tambem era diminuta, e o melhor dela ficara em Evora. Por ultimo, o desprezo com que foi tratado o inimigo não contribuiu pouco para aumentar as causas deste desastre.

Dizem que o Conde de Cerni voltou. A vanguarda do inimigo coube aos Ingleses, os quais combateram com todo o valor.

O Senhor D. João, a primeira vez que escreveu a El-Rei, empregou poucas e graves palavras:— «Que os espanhois naquele dia não o haviam sido, nem eu, com ser filho de V. M., pois estou vivo.»

Reuniu as reliquias do exercito, ajuntou gente fresca e soldados mais velhos, tirados da guarnição de Olivença, Jerumenha e Arronches, e com 3:500 infantes que estanceiavam em Badajós, levantou um exercito de dez mil homens e cinco mil cavalos. Irritado pelo revés, pensã sair de novo à campanha, a tentar fortuna, aí por 21 de Junho, avisando da tenção com arrogancia a El-Rei;— «Que bolbia otravez en campaña

²⁰ Este Duque de S. Germano é o vencedor de Olivença, que se lhe entregou a 30 de Maio de 1657, constituindo o facto o primeiro desaire das nossas armas, depois da Aclamação.

y que si tubiera otra desgracia, S. M. no perdia nada con perder esto infame exercito.»

O inimigo havia unido a si os 4:000 prisioneiros de Evora, e achava-se com dezoito mil infantes e quatro mil cavalos disputando o passo ao nosso exercito, que vai com animo de socorrer os assediados de Evora, ainda que haja rumor de que El-Rei mandara ordem a Sua Alteza para sobreestar no arranque.»

Agora, a carta do *português* Hernando de Sandoval.

«Senhor meu. Participo a V. S. que o Senhor Don João d'Austria, após a tomada da cidade de Evora, capital da provincia dêste Reino, ensoberbecido por tal facto, e por ter sob seu comando dez mil infantes e seis mil cavalos, fazia pouca conta do inimigo ²¹, e, esparsa a cavalaria, lhe havia concedido brida solta, em termos que a quem bem lhe parecesse podia forregear em nove vilas pouco distantes da capital.

E porque costume é dizer-se que aos soberbos os humilha Deus, exaltando os humildes, estando reduzido o exercito do pobre do meu Rei a tres mil infantes e tres mil cavalos, eis que de repente aparecem oito navios ingleses, com seis mil infantes frescos optimamente armados ²².

²¹ Já vimos no documento precedente alegada igual razão. Não se nos afigura, com efeito, sem motivo.

²² Os navios não passavam de três, e o reforço, que êles transportavam de Inglaterra não poderia ir além de *metade* da cifra apontada pelo suposto correspondente. Haja em vista os termos do tratado concluído entre Carlos II e o embaixador de Portugal: «—dois regimentos de 500 cavallos cada hum, e dois terços de infantaria, cada hum de 1.000 infantes, armados à custa del-Rey da Gran-Bretanha». Nem o recém-entronizado monarca estava, por então, no caso de tornar mais luzido êste auxilio ao futuro cunhado.

A expedição, que o Conde de Schomberg acompanhava, com o posto de Mestre de campo general, largou de Londres em direitura ao Havre-de-Grace, onde tomou os 600 artelheiros e sapadores-mineiros que o Conde de Soure contratara em França, partindo daquêle porto a 29 de Outubro de 1660, e desembarcando em Lisboa, a 13 de Novembro seguinte.

Ora, o misterioso autor do livro *Relation de la Cour de Portugal sous Pedre II* (1702), que devia estar bem informado, divergindo na distribuição das forças inglesas desembarcadas, mas não no número, afirma que o contin-

Pelo que, após as preces públicas que se fizeram, unidos estes seis mil homens à qual'outros seis mil, sob o comando do Conde «Don Sanghez Emanuel Villafior» (*sic*), Generalissimo, e o Conde de Schomberg, Mestre de campo, General Francês²³, se abalaram todos caminho de Evora para recuperar a cidade, e porque tivessem noticia que boa parte do exercito andava no saque das vilas, estramalhado e disperso, os nossos bem ordenados, lhe cairam em cima, ao alvorocer, e após prolongado e encarniçado combate, ficaram mortos obra de dois mil, entre espanhois e alemães, fazendo-se dois mil prisioneiros e feridos. Do que sendo avisado o Senhor D. João, com o resto dos onze mil lhes saiu ao encontro, fazendo-lhes êle frente com toda a Nobreza, mas estando os de cá animados pela vitoria, longe de lhe temerem o combate, foram os primeiros na investida, e após dilatado batalhar, gritando o Conde de Schomberg aos seus: Animo, animo, que chegou socorro! atemorizaram-se os espanhois, e começaram a voltar face, e a debandar. Pelo que, os nossos fizeram grande car-

gente daquela nação se compunha de tres regimentos, dois de infantaria, de 2.400 homens, e um de cavalaria, de cêrca de 600.

Se aos contratados em França juntarmos mais uns 100 gentis-homens desta nação, que embarcaram tambem para Lisboa como voluntarios, entre os quais os dois filhos do Conde de Shomberg, além dos officiaes que acompanhavam êste general, poderemos assentar em que o total da expedição desembarcada constaria de cêrca de 3.700 homens, o que está bem longe dos «6.000 infantes frescos», do nosso epistolografo.

²³ Schomberg, toda a sua gloriosa vida official de fortuna, como tantos outros de todos os tempos, que se não desdouraram de o ser, não era francês, mas alemão, filho de alemão e de inglesa, posto que seus biografos não conseguissem indicar qual cidade da Alemanha o visse nascer. Tendo-se dado à carreira das armas fez a sua estreia na Suecia, assistindo em 1634 à batalha de Nordlingen. A partir de então, quasi se pode dizer que não há país algum da Europa, especializando a França, onde Schomberg não batalhasse, e sempre com gloria, até ser morto, em 11 de Julho de 1690, na passagem da Boyne, na Irlanda, comandando o centro do exercito rial que tratava de reprimir os Jacobitas.

Como elemento para os apontamentos sobre a *gíria* portuguesa, acrescentemos que o nome deste celebre cabo de guerra se transmitio entre o vulgo à posteridade pelo modo pitoresco empregado pelo povo, para distinguir os seus eleitos. Ainda há cincoenta anos, quando, nas classes baixas, alguém se queria, por modestia, eximir à fama de valentão, fazia ao seu interlocutor esta pergunta: —¿ Tu imaginas que eu sou o *xumbergas*?

nificina e muitos prisioneiros, como se vê pela seguinte relação, tendo-lhes desfeito toda a cavalaria, tomando-lhes os cavalos ²⁴.

Mortos e feridos:

«Prisioneiro o Senhor Marquês de Lecce, filho de D. Luis de Aron (Haro), Mestre de Campo ²⁵.

«D. João Rodriguez, Mestre de campo, ferido.

«O Conde de Fiesco, Mestre de campo, morto ²⁶.

«Don Aniello de Guzman, coronel, filho do Duque de Medina de las Torres, ferido com sete feridas.

«Don Estevão d'Aguado, Mestre de campo, ferido.

«O Conde de Barletta, Mestre de campo, morto.

«O Conde di Sala ²⁷, Mestre de campo, ferido.

«O coronel, Conde Torsente, morto.

«O capitão de couraceiros, Filipe di Lughetto, ferido.

«D. Gaspar Martin, tenente de Mestre de campo general, ferido.

²⁴ Como se vê, esta descrição da famosa batalha afasta-se tanto da precedente, que chega a engendrar *duas* batalhas, sucessivas uma a outra. Como o essencial era contar a derrota castilhana, a fidelidade nos pormenores deixou-se à consciencia dos improvisados narradores.

²⁵ O autor do manuscrito adoptara o expediente de marcar com † os nomes dos officiaes falecidos, e assim o advertiu em nota.

Foi, porém, infeliz na prática deste sistema, porque logo após as informações do Marquês lhe assentou a †. Como já lembrámos, este prisioneiro illustre foi posteriormente nomiado pela sua côrte para plenipotenciario do tratado de paz entre as duas corôas.

²⁶ A particulã «de» após o titulo está de mais. Fiesco, plur. Fieschi, é um nome de familia, como acima se disse, e não um nome de terra.

Este conde Fiesco e o conde Ludovico, mais abaixo mencionado, eram mais que provavelmente dos derradeiros representantes da grande familia do celebre conspirador João Luis Fiesco, do qual consta ter perecido afogado em 1547, em plena revolução por êle organizada contra o velho doge genovês André Doria, um dos gloriosos vencedores de Lepanto.

Abortado o nefando cometimento, pela desaparição misteriosa e súbita do ousado conspirador, os poucos Fieschi sobreviventes, proscritos pela vingança do velho doge, e sentenciados a não pisar mais a terra da patria até à quinta geração, dispersaram-se pela Europa, divagando por ella pobres e obscuros, até de todo se extinguirem.

Os dois Fieschi, objecto desta Nota eram, pois, provaveis descendentes de algum antepassado desses tormentosos tempos, que assentasse em Milão, e daí o andarem os dois a soldo de Castela.

²⁷ Há em Italia 13 povoações d'este nome.

«O Conde Ludovico Fieschi, capitão de couraceiros da guarda de S. A. ferido.

«D. Antoniô Montenegro, Comissário geral da cavalaria, e

«D. João de Novales, Comissário das tropas de Milão, feridos.

«O Comissário geral do Exercito para as provisões de boca e de guerra, morto.

«D. Filipe Roca, sargento-mor, morto.

«D. Garcia Fernandez, secretário do Duque de S. Germano, ferido.

«D. Francisco Scovar, general dos alemães, morto.

«D. Alvaro de Guignones (Quiñonez) e

«D. Tomás Pallavicino, feridos.

«D. Angelo Carrafa e

«D. Archangelo Poderico, feridos.

«D. Albano Monzayor (?), morto.

«D. Angelo Fuontarzia (Fuentarabia?), morto.

Treze capitães de infantaria alemã.

«Nove capitães reformados, alemães.

«Quinze alferes; oito ditos reformados alemães.

«Tres ajudantes, vinte sargentos e sete furrieis, todos alemães, prisioneiros.

«O grande estandarte, com as armas de Espanha ²⁸.

«Mais de 3.500 soldados prisioneiros, entre os quais 2.500 feridos ²⁹.

«4.000 mortos, entre esses muitos grandes e cavaleiros de habito (i. é. pertencentes a Ordens Militares).

«Treze carroças, com todas as barracas de D. João e de outros grandes, e tambem a chancelaria, cartas e papeis do punho de D. João.

«3.000 carros, com munições de guerra e de boca; 8.000 cabeças de gado cavalari e muar, 12 canhões, dois petardos ³⁰ com quantidade de bombas e outros artificios de fogo.

²⁸ «Custosamente ornadas», lê-se no *Portugal Restaurado*; tendo na parte oposta «huma empresa que mostrava o Sol em campo celeste, dando resplendor à Lua entre Estrelas, com huma letra que dizia: *Si nõ es Sol, sera Deidad.*»

²⁹ Na obra alegada *supra*, o número absoluto de prisioneiros é de «seis mil», concordando ambas as notas, quanto ao número de feridos e de mortos.

³⁰ Não foram mais de 8 peças de artilharia as tomadas, que eram as unicac de que os espanhóis dispunham, e um morteiro.

“O Senhor Don João teve dois cavalos mortos; diz-se mais que êle proprio morrera, mas não se dá por certo.

“Depois lhe darei outro aviso, que, por agora, é quanto me ocorre àcerca deste successo, pelo qual, além das muitas graças que a cidade deu a Deus, hoje se está em grande jesta, esperando-se recuperar não só o perdido mas ate fazer optimas conquistas naquele Reino. Fecho, pedindo-lhe me dê algumas novas da guerra do Turco com o Imperador e os Venezianos, e lhe beijo as mãos, como

De V. S.^a affect. servidor

Lisboa, 13 de Junho de 1663.

*Hernando Sandoval*³¹

E assim vai andando o mundo...

Agosto, 1920.

GOMES DE BRITO

A promoção ao generalato na Espanha

Sendo muito interessante e de actualidade, mesmo para o nosso exército, o artigo que sobre promoções ao generalato publica o *Memorial de Infantaria*, vamos dar aos nossos leitores os seus principais topicos.

— Como regra geral, os coroneis são promovidos a generais de brigada por antiguidade, exceptuando porém, os coroneis que tem serviços distintos, por méritos de guerra, que tem a preferencia. O mesmo se observa na promoção a general de divisão e a tenente-general.

Na promoção até coronel segue-se tambem a antiguidade e os méritos de guerra.

³¹ ¿ Quando portugueses se chamam assim, de nome proprio e apelido, como se chamarão por lá os espanhois ?

Ora a maneira como são adquiridos esses méritos de guerra é que demonstra muitas injustiças e favoritismos.

Assim a promoção por distinção a capitão ou a major por um acto individual de bravura, ou por um ferimento (que nem sempre é um indicio de bravura e valor, e pode ser obra do acaso) traduz-se de futuro numa promoção certa ao generalato, como se um acto de valor de um subalterno fôsse motivo fundamentado para garantir a capacidade para general, posto que exige um grande numero de qualidades intellectuais e morais.

Como se pode admitir que o acto de valor de um tenente ou capitão seja motivo para daí a vinte anos assegurar-lhe a promoção a general?

Assim esse official pode não mais manifestar aptidões especiais nos sucessivos postos e funções, mas preterirá os seus camaradas, que, por não terem tido a sorte (e muitas vezes a influencia politica) de irem á guerra marroquina e aí serem feridos ou desempenhado funções especiais, terão de ver a sua carreira cortada pela passagem aos quadros da reserva.

Portanto o Estado ao promover um tenente a capitão por mérito de guerra, garante-lhe *ipso facto* a sua promoção a general! A promoção de coronel a general resulta assim de um incidente na vida do official muitos anos antes. De forma que o esforço intelligente e perseverante de todos os dias, o trabalho assiduo, a posse de todas as qualidades de comando de nada servirão para a promoção a general.

— Promovido um coronel de qualquer arma a general de brigada passa então a desempenhar funções inerentes á arma donde provém e só, ao ser promovido a general de divisão é que tem sob as suas ordens unidades das diversas armas. Pode nestas circumstancias um general comandar unidades cujas propriedades desconhece? E' assim que, na occasião de entrar em campanha, um general de divisão ter-se-ha de entregar nas mãos dum seu auxiliar (um official do E. M.), isto em menoscabo da sua propria autoridade e em detrimento do exército e da Nação.

A outras condições devem satisfazer os candidatos ao generalato.

As academias militares não podem preparar senão para subalternos e capitães e fornecer os elementos basicos para

estudos ulteriores; mas estes não podem ser devidos exclusivamente à iniciativa própria, porque então não haveria unidade, nem método. E' preciso, pois, um centro de altos estudos militares, e que não pode ser a escola superior de guerra porque essa habilita sómente para o Estado Maior, e esse curso deveria ser frequentado por oficiais superiores e tomando a forma de conferencias e trabalhos de aplicação.

Esse ensino não pode ser ministrado na Escola do Estado Maior pois isso seria um erro.

O candidato a general precisa dar provas da sua capacidade e essas provas devem visar ao exame das diferentes situações em que se pode encontrar, aos diferentes problemas que terá de solucionar, e ás funções complexas que terá a desempenhar.

Que qualidades deverá ter um general? O general deve ser dotado de uma vontade energica para operar; de uma firmeza de character para executar; e do amor á responsabilidade, sem o qual não se poderá tomar graves determinações; uma decidida resolução, sem admitir vacilações ou hesitações; e um dom de atracção e de dominio sobre os homens.

A maior parte destas qualidades, e as mais eminentes, são de ordem psicologica; e se elas não existirem em embrião na natureza humana, em vão se procurarão ou se tentarão despertar. Porém se elas se encontram no estado latente, a educação e a experiencia as robustecerá. Assim se conclue que tais qualidades se não podem adquirir, e que, portanto, nem todos estão em condições de ser generais.

E' preciso ainda que o general seja dotado de saber. Que saiba manejar as várias armas e serviços; não descendo ás particularidades da cada arma ou serviço, mas conhecendo as suas propriedades e o seu emprego. Os condutores de homens se revelam e formam comandando as unidades das diversas armas. Não basta comandar as unidades da arma a que pertence, porque isso levaria a attribuir sempre maior importancia a essa arma em detrimento das outras, e por isso nunca estabeleceria o verdadeiro equilibrio que deve haver entre elas.

O costume e o habito pesam mais do que se aprende nos livros, formando no homem uma segunda natureza. E' preciso pois que os chefes exerçam o comando de unidades de outras armas diferentes da sua e que tenham praticado no comando

de unidades mixtas. A este comando deveriam ser chamados os coroneis que estivessem no terço superior da escala, exercendo esse comando no campo sob a vigilancia dos seus chefes hierarquicos. Esta pratica de comando combinada com a frequencia dos Altos Estudos Militares seria por certo a melhor preparação para o generalato.

C.

Ensinamentos praticos da grande guerra ¹

Chefe de secção e comandante de companhia

Capitão, tenente e alferes, são os officiais que o soldado conhece melhor, pois que vivem constantemente com ele. São o grande elemento da superioridade do exercito francês: nenhuns outros officiais teem suportado mais pesadas perdas; eles são renovados ou transformados, mas o renovamento e a transformação só teem aumentado o seu valor; sabem hoje melhor o seu mister, que no principio da guerra; estão sempre prontos para marchar, arrastando os seus homens e mantendo-se, pelo exemplo que dão e por um comando firme mas sem dureza, no caminho recto, no sentimento do dever.

Ainda que igualmente juntos do soldado, as suas funções são muito diferentes, tanto no combate e na trincheira como no acantonamento. Estas funções são alem disso entendidas de diferente maneira, conforme os corpos. Eu mesmo as tenho exercido diferentemente, como chefe de secção com varios comandantes de companhia e comandante de companhia em situações bem diversas e em mais de um corpo. Tenho visto as maiores tolices operarem-se sob os meus olhos; alguns chefes me teem pelo contrario ensinado muito. Destas experiencias diversas formulei um pequeno codigo de idéas precisas e tentando applica-lo hei por vezes esbarrado com muitas dificuldades para o conseguir. E', pois, o resul-

¹ Cap. Z... *L'Armée de 1917.*

tado intelectual de perto de três anos de comando que apresento aqui e não o fruto de uma reflexão de algumas horas.

O chefe de secção, que é nesta guerra um alferes, um ajudante, um ajudante-chefe ou um aspirante, e por vezes, em consequencia das perdas, um simples sargento, vive com o seu comandante de companhia, se é alferes, e com os officiais inferiores no caso contrario. Esta diferença de meio e de genero de vida é muito acentuada nos acantonamentos de descanso; não existe nenhuma no combate, reduz-se a pouco na trincheira.

No acantonamento, com efeito, retoma o seu curso uma especie da vida de caserna, que foi suspensa pela guerra; o comandante de companhia pode vantajosamente occupar-se da vida dos seus homens: circula pelo *quartel*, fala ás praças durante as refeições, prova o rancho, vê os seus cozinheiros, felicita-os ou censura-os; recebe as praças que teem pedidos a fazer-lhe, reclamações a expor-lhe; dirige os exercicios. Em uma palavra — comanda tudo, auxiliado pelo seu ajudante de companhia; passa revista ao fardamento, ao calçado e ao equipamento com o seu primeiro sargento; e os officiais chefes de secção não teem senão que apresentar-se aos exercicios de companhia. O resto do tempo descansam — eles teem grande necessidade deste descanso; distraem-se como o entendem — teem igualmente uma necessidade de recreio e de distração moral. E o melhor comandante de companhia, no descanso, é aquele que concede um descanso completo aos seus comandantes de secção.

Transportemo-nos ás trincheiras: tudo é mudado. O comandante de companhia que autorizava os longos palratorios após as refeições e as partidas de «poker» ou de «bridge», prohibi-as resolutamente e exige que os seus officiais chefes de secção vivam 23 horas em cada 24 a dentro da sua secção. O chefe de secção deve ver os seus homens, inspeccionar varias vezes por dia as suas trincheiras, os trabalhos empreendidos, aos quais deve por vezes assistir... O chefe de secção na vida de trincheira é um contra-mestre: não deve limitar-se ás inspecções «elegantes», ás observações formuladas com um tom desdenhoso ou colerico; deve estar constantemente presente, dar indicações detalhadas, indicar os meios de vencer as dificuldades. Deve saber onde está o material, a

sua quantidade, utiliza-lo quando preciso. Se trabalha, se os seus soldados o conhecem como um homem consciencioso e devotado, tem todas as probabilidades a seu favor de poder resistir a um ataque. Se é preguiçoso, imperioso, truculento, se não exige trabalho aos seus homens senão para evitar as censuras dos seus chefes, pode estar certo que os seus subordinados o sabem, e as piores historias lhe podem acontecer nas más horas em que as granadas crepitam, em que os lança-chamas se aproximam, em que é preciso que toda a secção só tenha um coração, uma só alma, uma só senha: manter, aguentar, até ao ultimo homem, até ao ultimo cartucho, sem nunca recuar.

Porque no combate, o chefe de secção é a bandeira, o exemplo, a alma da tropa. Na trincheira atacada, circula, fala a todos, anima, resmungua se a cousa não vai bem, vigia o reabstecimento das munições... Que não hesite em levar' ele mesmo um ferido para um abrigo, a alguns metros: o soldado gosta que se socorram os feridos, porque o pode ser ele mesmo dentro de alguns instantes. Mas que o chefe de secção não auctorize nunca os válidos a levar os feridos para a retaguarda: o soldado nasce malicioso, tem por vezes uma tendencia, bem humana, em suma, em preferir uma posição um pouco á retaguarda ao "leva cabeças" da primeira linha. Sobretudo que o chefe de secção não hesite nunca em exigir o impossivel aos seus homens tratando-se de trabalhos de defesa: no fogo o homem não tem nunca necessidade de descanso, está sempre pronto para tudo; ele pode, ele deve, entre dois assaltos, restabelecer as comunicações, reparar os parapeitos arrombados pelo bombardeamento, desembaraçar os cunhetes de munições, as entradas dos abrigos, endireitar os sacos de terra, etc., etc. O homem é um animal esplendido; o desenvolvimento consideravel do seu sistema nervoso permite-lhe fornecer somas de trabalho superior ás fornecidas pelo cavallo, por exemplo. Enquanto se está sob a ameaça do inimigo, é preciso trabalhar, correr, nunca parar, procurar todos os meios de vencer; e o restabelecimento das comunicações, o arranjo das escavações das granadas, a criação de elementos de trincheira entre estas escavações, etc., etc., são o melhor meio que o oficial tem para diminuir as perdas. Que o seu coração seja de bronze, as suas palavras breves e

serenas; nada de descanso, nada de ceder á fadiga extenuante, á necessidade de dormir; ele obterá tudo do homem que o estima, que o admira e que vê nele o chefe, o guia, o preparador do successo, e, enfim, a unica salvaguarda duma tempestade em que tudo parece ligar-se contra si.

O chefe de secção deve ser o grande guia do soldado. Não deve nunca esquivar-se a falar-lhe, a esse homem só, presa do inimigo, separado dos seus, vitima de sofrimentos, ameaçado pela morte, a esse homem que o olha como a um ser superior, senhor de segredos e de verdades que ele, pobre selvagem, ignora e se resigna a ignorar sempre. O chefe de secção deve mesmo procurar as ocasiões de falar á sua gente. Sem constrangimento, sem grandes ares de superioridade, sem familiaridade em excesso pode ir até aos seus homens, no momento da refeição, discutir o acontecimento do dia, comenta-lo, explicar como aproveita ao fim da guerra e porque devemos esperar e ter confiança. Afigura-se-me que o famoso brado — *On les aura!* — deve ter nascido duma destas palestras entre chefes e soldados, em que o official dava provas dessa confiança baseada sobre razões intellectuais, que é o nosso quinhão, de nós officiais...

O soldado segue sempre o chefe de secção. E' entre os chefes de secção que temos soffrido o maximo de perdas. Encontrar-se-ha sempre em França chefes de secção.

Este cargo é extremamente fatigante. Exige uma rude dose de character para lutar contra a fadiga, o enervamento, a doença por vezes, o nervosismo esgotante dos longos bombardeamentos... Um chefe de secção não se faz nunca evacuar. Tem um remedio para se aguentar contra todos estes inimigos. Eu quero indica-lo.

...O remedio para tudo é o trabalho. E o chefe de secção deve ser um grande trabalhador. Não trabalhando, esmorece, e tudo está perdido.

*

*

*

O comandante de companhia tem uma missão bem diferente. Capitão ou tenente (porque quasi todos os tenentes, no «front», comandam companhias) eu lhe suplico, em primeiro lugar, para não imitar o capitão de que acabo de fazer o re-

trato ¹ e para nunca exasperar os seus subalternos por um autoritarismo contínuo e feroz, que não consegue nada. Não me inclino para a familiaridade excessiva nas relações do chefe com os subordinados. No dia em que fui promovido a tenente, apreciei muito a polidez afectuosa com que alguns iguais da véspera, que passaram a estar sob as minhas ordens, me chamavam «meu tenente». Respondia-lhes sempre «meu caro amigo», mas aquelas suas poucas palavras queriam dizer que estavam prontos para obedecer, e as nossas relações ficando perfeitamente amigáveis não originavam qualquer falta no serviço que me obrigasse a dirigir a eles com rigor.

O comandante de companhia deve com efeito exigir muito dos seus chefes de secção, sem contudo os cansar inutilmente. Deve registar com atenção o seu trabalho e o resultado dos esforços dos homens deles. Deve organizar a sua companhia, vigiar para que os cabos, sargentos, ajudantes de companhia, chefes de secção, tenham todos um papel bem definido, atribuições precisas, e que todos cumpram rigorosamente os deveres do seu cargo.

Esta organização da companhia, que se não deve confundir com a administração nem com o comando tactico, tem de ser um dos primeiros cuidados de um comandante de companhia novo. O sistema que consiste, quando há alguma falta, em censurar o chefe de secção, que empurra para o sargento, o qual descompõe o cabo, que finalmente injuria os seus homens, é um sistema nocivo, caduco, odioso, que não corresponde a nenhuma das necessidades da guerra e tem prejudicado o nosso exercito em tempo de paz. Logo que se vos confia uma companhia, é preciso estudar rapidamente os processos empregados pelo predecessor. Se não forem muito bons, uma ordem de duas paginas bastará para reformar tudo. «Os chefes de secção vivem na sua secção. Ocupam-se das munições, dos utensilios, dos alojamentos e dos campos de tiro. Tomam nota cada dia das faltas das defensas accessorias e dos estragos causados pelos bombardeamentos. Os sargentos são responsaveis pela conservação das armas. Dirigem pessoalmente a colocação das defensas accessorias. Os cabos são

¹ Omitimos esta parte por não oferecer ensinamento algum.

responsaveis pela conservação do vestuário, calçado e equipamento. Dirigem em pessoa os trabalhos de escavação, revestimento e consolidação dos abrigos subterraneos. O ajudante de companhia divide as fachinas, toma nota num caderno das fachinas e dos seus chefes responsaveis, etc., etc.”

Com uma vintena de prescrições minuciosas, cada um toma conta de um certo trabalho: as tarefas e as responsabilidades ficam estabelecidas. Se tiverdes bom olho, e souberdes achar a espingarda suja, a unica espingarda suja da esquadra, se se vir que sabeis avaliar a cubageu da terra extraída desde a vespera, que examinais atentamente as vossas defensas accessorias, todos se entregarão com interesse aos seus trabalhos, e ao fim de um mês a vossa companhia será a melhor do batalhão.

Cumpre-vos, então, não descuidar a vossa vigilancia, porque uma companhia descai mais depressa do que se levanta, e se vós fôrdes preguiçoso encontrareis sempre uma preguiça pelo menos igual à vossa entre os vossos subordinados.

A administração só vem depois da organização. Os antigos officiaes inferiores outra vez readmitidos e agora comandantes de companhia vos dirão talvez o contrario. Mas não os acrediteis. Tendes um primeiro sargento; os vossos papeis administrativos são examinados pelo respectivo official na secretaria do chefe do corpo; podereis depositar neles o cuidado de rever essa papelada. Tende no entanto a coragem de cuidar disso como do resto, com consciencia e circunspeção. E vós vos admirareis de vêr que estes encargos ordinarios, estas situações administrativas são extremamente simples em tempo de guerra. Em dous dias vereis claro em tudo isso. E administrareis o vosso “boni” vós mesmo. Quer dizer que, consciente dos vossos deveres para com os homens, não fareis economias inuteis nos fundos que o Estado lhes destina. Alimenta-los-heis tão bem quanto possivel. Recordar-vos-heis que em tempo de guerra, o dia de hoje é o pior, que o de hontem está esquecido, que o de amanhã não existe, que é preciso aproveitar o momento presente para encher a barriga. Amanhã talvez se não encontre nada para comprar. Amanhã talvez a metade dos homens da vossa companhia estejam fóra do combate. Para que fazer economias com o dinheiro dos homens de hoje, quando este dinheiro lhes pertence, quando

aos homens existentes ainda depois de amanhã tocarão so-
mas novas, e o que dá o Estado já não é demais? É verda-
deiramente um crime fazer reservas á custa da barriga do
soldado, pois que estas reservas não serão depois da guerra
recuperadas por ele, mas reverterão para a comunidade pela
qual ele se vota, sofre e morre.

O soldado bem nutrido é optimista, porque se sente bem.
O bravo camponio da França não é muito difficil. Pertence ao
comandante de companhia ser difficil por ele e engendrar
mil maneiras de melhor o alimentar. O soldado lhe será
muito reconhecido por estes cuidados e lho fará bem ver pela
sua obediencia a todos os instantes e pela sua devoção nos
momentos criticos.

Estes momentos criticos são — o combate. É no combate
que o comandante de companhia verdadeiramente começa a
sentir a importancia do seu grau. O comandante de compa-
nhia é a célula que pensa e o restante organismo só obra por
influencia sua.

A importancia deste comando no combate é revelada por
vários sintomas: é o primeiro official na hierarquia dos graus
que comanda normalmente pelos agentes de ligação, quer
dizer por meio de ordens verbais ou escritas que o agente de
ligação, um simples soldado escolhido pela sua audácia, trans-
mite aos subordinados. Postado à retaguarda dos seus dous
ou tres chefes de secção da primeira linha, o comandante de
companhia deve poder julgar uma situação pela leitura de
uma informação que lhe é dada em duas linhas e empregar
a secção ou secções de reserva segundo as necessidades do
combate. Porque ele tem sempre uma reserva constituída, ao
centro da qual se instala, com a qual *carrega* no ultimo mo-
mento, que só empenha em caso de necessidade.

Na ofensiva como na defensiva o comandante de compa-
nhia manobra enquanto que o chefe de secção aguenta-se,
avança, desembaraça-se dos apuros pelos seus proprios
meios.

Diferença capital. O chefe de secção pela coragem satisfaz o
seu dever. O comandante de companhia deve possuir, a mais,
a inteligencia e o bom senso tactico.

Nunca se considerará demais este último ponto. Não se
deverá nunca prestar atenção à idade nem à antiguidade para

passar um alferes ao posto imediato: não se deverá nunca ter em conta senão as suas qualidades intelectuais.

E' por esta razão que os cursos de comandantes de companhia criados depois do inverno de 1915-1916, nos nossos exercitos, teem uma grande importância. Os professores devem ser escolhidos com muito cuidado. Os programas das conferências, as lições tacticas, os exercícios sobre o terreno, devem ser escolhidos com a maior circunspecção. Uma doutrina da guerra tendo em conta os últimos combates deve ser ensinada a estes officiais. Não esqueçamos que estes tenentes teem feito a guerra, que teem todos comandado e estão habituados a exercer as suas faculdades de resolução e de crítica. Não são officiais que se logrem com palavras. E contudo teem muitas cousas que aprender. Os que não hajam praticado a guerra de movimento não saberão talvez montar um posto-principal. Os que teem sempre servido em Artois ou em Champagne ignorarão a guerra dos bosque e das mantanhas. Os que teem feito trabalhar os seus homens na terra de beterraba do Somme encontrarão dificuldades quando descobrirem o granito dos Vosges.

E' preciso prever por eles e mostrar-lhes de ante-mão o que não teem visto e que terão talvez de realizar bruscamente, sem demoras, quando o seu corpo mude de teatro de operações, ou quando o exercito se desloque perseguindo o «Boche». O longo estacionamento num sector ocasiona surpresas quando se chega a um país novo. E' encargo dos professores, que deverão todos vir dos corpos de regiões diferentes, descrever as suas experiências, o que teem visto, o que teem feito. Porque o official francês prefere os exemplos precisos ás simples teorías e desgosta-se com um professor que pontifica fora da realidade.

*

O que ha de encanto na guerra, é que ela não exige, apesar de tudo, como forma de espirito, senão a que comumente se tem chamado o *bom senso*. E' ao mesmo tempo a cousa mais rara no mundo e a mais natural no francês de boa raça, quando não faz parte da categoria dos cabeças de vento.

E' a razão porque nesta guerra, que o general Joffre chamou com razão «uma guerra de comandantes de companhia», nós temos conseguido tanto com tão fracos meios materiais. Temos, com efeito, muito bons comandantes de companhia. Não é para ter receios que nos cheguem a faltar se os soubermos preparar ininterruptamente, quer dizer, se fizermos funcionar sem interrupção os cursos de comandantes de companhia, distribuir um diploma de comandante de companhia a todos os officiaes que seguiram com proveito esses cursos, ter em consideração no estabelecimento dos quadros de promoção as notas obtidas, não esmorecer esses officiaes diplomados recusando-lhes a promoção quando a ela tiverem direito, (todos os alferes que tiverem obtido o diploma deveriam ser promovidos a tenentes a título provisório, e da mesma forma os tenentes deveriam ser promovidos a capitão); e se soubermos sobretudo estabelecer rapidamente uma doutrina de guerra, isto é, um regulamento de manobras que tenha em conta as lições do passado, os erros e os successos registados depois do começo da guerra.

As brochuras do capitão Laffargue e do comandante Lachèvre, os relatorios dos diarios não bastam. Precisamos de um «aide-mémoire» mais completo. Os nossos officiaes feridos e inaptos para a campanha estão aí para o redigir. E cremos que vale mais, sendo necessario, immobilizar durante dois meses uma dezena de officiaes validos do que deixar de fornecer a jovens officiaes muito devotados e nada tolos, os elementos intellectuais do conhecimento da guerra moderna de que tem grande necessidade ¹

Trad. de

M. A.

¹ *Le Manuel du Chefe de Section d'Infanterie*, que acaba de publicar-se, é um primeiro passo na direcção aqui indicada. (N. do autor)

A reorganização do Exército Português

Em todo o mundo se debate a questão da redução dos exércitos. A maioria dos países esquecidos dos sangrentos ensinamentos da grande guerra, protulam de uma forma inconsciente a reorganização dos seus exércitos.

Questão complexa e em que há a atender dois princípios primordiais: a redução de despesas por motivo de uma urgente economia, o aumento de efectivos dos seus exércitos, por um sentimento de conservação e de luta pela vida.

Porém, se sem um equilíbrio de finanças nenhum país pode viver, também sem um exército suficiente, bem armado, bem instruído e sobretudo bem disciplinado, esse equilíbrio de finanças será o mesmo que um homem que tivesse carradas de ouro em casa, com a porta aberta.

Podem todos os lunáticos pacifistas de todo o mundo gastar um oceano de tinta em tratados, que infelizmente durante muitos anos a fôrça será a suprema razão que imperará sobre o mundo.

Portugal, país pobre infelizmente, não poderá ter um exército permanente como seria para desejar. Afora isto, a emigração que há um certo tempo se tornou um verdadeiro exodo, produz uma tal falta de braços, que os homens que se encontram nas fileiras fazem infelizmente falta.

Posto isto, e como não possamos ter o exército permanente como seria para desejar, seria conveniente que se procurasse a forma de, sem prejudicar a economia nacional, se constituir um exército capaz de defender o país em todas as conjunturas.

É inteiramente impossível durante o período da escola de recrutas, fazer soldados aptos para a guerra moderna, homens na sua grande maioria analfabetos, rudes e sem quasi sentimento de amor patrio.

Passado esse periodo, pouco de proveitoso se faz por falta de efectivos, o muito serviço e outras causas que será ocioso descrever.

Assim, para evitar esse mal, seria talvez útil dividir a instrução militar em três periodos.

1.º — Instrução Militar Primária:

Seria ministrada nas escolas primárias e compreenderia a ginastica e a escala de posição e de evoluções simples.

2.º — Instrução Militar Preparatória:

Comprenderia a escola de pelotão de companhia, manejo de armas, tiro, principios de hygiene e fortificação improvisada.

3.º — Instrução de Recruta:

Com o fim de todos os alunos da I. M. P. poderem tirar o tiro, seriam constituídas carreiras de tiro em todos os concelhos.

E essas carreiras não saíam muito caras, visto que bastava terem só duas linhas de tiro e seriam construídas em terrenos municipais quando os houvessem.

Ha porem um mal que faz com que a I. M. P. no nosso país não tenha ainda dado os beneficios que déla se esperavam. Vem a sêr a disparidade das mil e uma formas com que no nosso exército se marcha, se evoluciona e se faz o manejo de armas. Eu não compreendo e ninguem que não esteja apaixonado pela sua arma cegamente compreenderá, que a cavalaria faça o manejo de armas, o meia volta voltar, etc., diferente da infantaria.

Pois todas as armas e serviços não contribuem por seu modo na defesa da Patria? Então porque é que ainda há essas birras que nenhuns resultados praticos teem dado? Se nós formos a vêr com atenção, cada arma e cada serviço tem a sua tactica, o seu manejo e até o seu modo de compreender os regulamentos.

Para terminar de uma vez com esse mal, dever-se-ia nomear uma comissão de officiaes dos mais distintos de todas as armas e serviços, para se uniformizar o mais possivel a tactica e o manejo de armas.

Feito isto e dando sempre a instrução de infantaria á I. M. P., visto que para essa arma é que é destinada a maior massa de mancebos, poder-se-ia então reduzir o tempo de serviço para 2 anos á cavalaria, engenharia e artilharia e 1 ano para a infantaria sem prejuizo da boa instrução militar. Para os demais serviços do exercito seria tambem de 1 ano o tempo de serviço efectivo.

GUSTAVO SANT'ANA CASTELO BRANCO.

Tent. de Cav. da G. N. R.

Carros de combate

I

O valor do carro de combate

Segundo se viu no "Scientific American", o Estado Maior dos Estados Unidos, ao terminar a guerra tratou de anular diversos contratos, que vigoravam com a industria particular para fornecimento de material de guerra, mas manteve os relativos á construção de "tanks" (¹) (e de tractores), até se completar o necessário para um exercito de 500.000 homens, e que foi computado assim:

15	carros de	3	toneladas
950	" "	6	"
100	" "	30	"

Conforme outras noticias tambem publicadas pelos jornais, a França constituiu, após a desmobilização, regimentos de "carros de assalto" (é esta a denominação final francesa), regimentos que passaram a ter os números dos de infantaria suprimidos. Os novos regimentos são considerados como de infantaria e teem um armamento especial. Este país foi o beligerante, que maior desenvolvimento deu á nova arma, da qual tinha 9 regimentos quando ocorreu o armistício; nesta altura, havendo-se feito um grande emprego de carros de assalto, a experiencia adquirida foi tal que só se pensava em aumentar o seu numero. Desde o combate de Cambrai (20 de novembro de 1917) todos os chefes combatentes querem

(¹) Para melhor conservarem o segredo da construção os ingleses denominaram "tank" (deposito, tanque) o carro que começaram a construir, e assim se ficaram denominando, afinal, os *carros de assalto* ou *carros de combate*, de fabrico inglês. Uma razão terá talvez contribuido para a fixação desse nome: o carro inglês é muito mais pesado que o francês e mais possante, e daqui terá vindo uma tendência para o distinguir por aquêl nome do carro francês de que só se chegaram a empregar dois tipos gerais — carro médio e carro ligeiro.

tê-los consigo — o carro de assalto tornara-se um elemento ordinario da batalha.

Igualmente é certo que a Belgica, que tanto se distinguiu no emprego que realizou destes carros, na reorganização a que está procedendo do seu exercito fez compreender um corpo de carros de combate com 6 batalhões a 3 companhias, 1 batalhão de deposito, parque e respectiva escola; o qual corpo ficou sob as ordens directas do Inspector de Infantaria.

De alguns outros países tambem se tem publicado alguma cousa, embora mais vagamente, tendente a afirmar que o carro de combate entrou definitivamente na composição dos exercitos.

E' certo, pois, que temos mais uma arma nos exercitos — artilharia de assalto ⁽¹⁾, e que o seu estudo se impõe.

E' notavel como decorridos tantos seculos nos reaparecem os carros de guerra. Não será uma natural consequência da barbarie dos primitivos tempos, que irrompeu desumana em plena civilização?

Porque não é de hoje a idea de nos servirmos de carros na guerra para o combate. Sabe-se que na antiguidade esteve em pratica o seu uso. Serviram-se dêles os gregos, os egipcios e os assirios. Os barbaros empregaram carros guarnecidos, por todos os lados e em todas as direcções, de lanças afiadas e outras laminas cortantes, carros esses que se reconhece haverem sido um importante aperfeiçoamento com relação ás *quadrigas*, armadas de fouces, que os gaulêses empregaram combatendo as legiões de Cesar.

(1) E' esta a designação generica adoptada, que não me parece coadunar-se muito bem com a circumstancia de entrarem nesta arma carros metralhadoras, isto é, armados exclusivamente com metralhadoras. De resto o seu modo de acção fa-la considerar como infantaria. Há dois ramos a distinguir pela diferença da sua potencia: o carro ligeiro, armado com metralhadoras ou com metralhadoras e um canhão ligeiro; e o carro pesado armado com metralhadoras e canhões de maior calibre. A tendencia para considerar a nova arma como infantaria tem a sua razão de ser no facto de que as duas armas carecem de ligar-se intimamente no combate, tanto que é uma condição fundamental de exito. Esta condição, é certo, existe para com as outras armas, mas é mais saliente ainda para com os carros de assalto: faltando-lhe a ligação da infantaria até final do combate o seu sacrificio é nulo em absoluto. Daqui a sua integração na infantaria.

Aos carros dos barbaros seguem-se aqueles de que se arremessavam sobre o inimigo liquidos ferventes e mistos incendiarios, como sabemos foram adoptados pelos bisantinos e depois pelos arabes até o seculo XV.

Na idade média, as armas de fogo, que tão grande transformação produziram na arte militar, batem os carros de combate dos campos de batalha, e durante seculos é banido da guerra o seu emprego. Como sucedâneo apparecem na Grande Guerra os carros blindados de motor mecanico, com multipas applicações, até que se chega aos "tanks" ingleses, aos Schneider, Saint-Chamond e Renault franceses e ao Elfriede alemão.

Decorreram seculos até que apparecessem estes carros, mas pode-se ver que a tradição dos carros de combate estava muito longe de se considerar perdida.

O proprio Voltaire, em pleno seculo XVIII, lançou a idea de voltar aos carros de guerra; parecia-lhe o seu emprego formidavel para uma campanha e teve partidarios a accompanha-lo, entre os quais o marquês de Floriano, tio do autor das celebres *Pastorais* e o conde de Argenson, quando ministro da guerra, que fez ainda executar um modelo

Outro nome celebre figura ainda no numero dos homens, que procuraram fazer reviver o carro de combate: é ele Leonardo de Vinci, o pintor da Joconda. Não há que admirar, porque se sabe que este notável artista era versado em diferentes ramos de sciencia, entre as quais a balística, vindo a ser um engenheiro militar muito completo. Dizia ele: "Eu farei carros cobertos e seguros, e inatacáveis, os quais, se penetrarem nas fileiras dos inimigos com o sua artilharia, romperão mesmo a tropa mais poderosa. Atrás deles, a infantaria poderá avançar sem perigo e sem nenhum impedimento" ¹.

É o que se viu agora! Com perigo, com impedimento, principalmente no principio? Naturalmente, porque hoje são muito outros os meios de defesa.

A propria idea da substituição da tracção animal pelo motor mecânico, tem predecessores. Nadar (Felix Tournachon, comandante de uma companhia de aerostatos durante o cerco de Paris) preconizou uma viatura a vapor blindada. E o notá-

¹ Eugenio Müntz - *Leonard de Vinci. L'artiste; le penseur; le savant.*

vel romancista Welles avançou mais ainda, apresentando-nos na sua *Guerra dos Mundos*, as poderosas máquinas, tão maravilhosamente articuladas e armadas, que servem aos Marsianos de instrumentos de combate. Com muita razão o observaram já alguns escritores, que como Julio Verne é verdadeiramente o autor dos submarinos, Wells é o autor dos carros de assalto; que só restava transferir para o campo das realidades as suas fantásticas concepções.

A maior novidade que se pretende vêr nos carros de assalto é a que reside no seu sistema de locomoção, na tal «chenille», segundo a designação francesa, cuja tradução á letra será «lagarta» e que não passa duma cadeia. Tem-se dito que esse sistema tem a sua origem na America, e afinal, segundo um artigo inserto no jornal inglês «The Engineer», de 10 de Agosto de 1917, o principio adoptado — o de um rail que continuamente se coloca por si mesmo diante das rodas dum veículo em movimento — data já de 1770 (Richard Lowell Edgeworth), quando ainda nem sequer os Estados Unidos existiam; progredindo chegou por diversas etapas ao conhecido tractor Holt. Não se deve deixar no olvido a interessante máquina Boirault (principio de 1916), poligono articulado, que em parte resolvia o problema da marcha por todo o terreno, mas que sofria do inconveniente de só caminhar na direcção que lhe fosse dada ao iniciar o movimento.

Não resta mais, pois, que a adaptação do pacifico aparelho industrial a um carro de combate, um engenho blindado, que permite ir combater o inimigo derrubando e passando por cima de todos os obstáculos, que se levantem à sua marcha.

Pelo que até hoje está dito com fundamento, a idea da adaptação avigorou simultâneamente em França e na Inglaterra, no decurso de 1915 ¹, graças aos esforços de dois homens, um em cada país, que, desconhecendo-se um ao outro por

¹ O projecto do primeiro tipo inglês é de 1 de outubro de 1915. Foi no 1.º de Dezembro deste mesmo ano, que o coronel Estiene oficiou ao General Comandante em Chefe acerca do seu invento, sobre que lhe havia já escrito e que estudára durante o ano, nos vagares que lhe deixava o seu cargo de comandante da artilharia da 6.ª divisão. A idea deve ter germinado, pois, simultaneamente nos dois países.

bastante tempo, marcharam paralelamente até que venceram. Um, o inglês, é um homem de negocios — o banqueiro Stern; o outro, o francês, é um soldado — o coronel Estienne, hoje general. São estes os nomes que é de justiça vincular á autoria dos carros de assalto.

Até que um engenho novo ou qualquer outro processo os destrone, os carros de assalto figurarão com exito na acção que tenda a dominar a resistencia adversa escudada em fortes entrincheiramentos, tendo sido notável o concurso que prestaram no recente conflito com aquele fim, não resta duvida, logo que foram removidas as maiores deficiencias de que inicialmente sofria a sua construção.

Serão destronados brevemente? Tudo tem o seu adversário, é da ordem natural das cousas. Ainda está por vingar o primeiro invento de guerra, que mais cedo ou mais tarde não surja outro atinente a aniquilá-lo, ou a impossibilitá-lo ou ao menos atenuar-lhe os efeitos.

Ainda ultimamente assim succedeu com os aeroplanos e dirigiveis, de forma que um invento criado para do ar livremente atacar a terra e o mar, deu lugar á luta no espaço, procurando-se a vitoria pela superioridade do poder dos aparelhos. Mal o novo invento teve a sua alvorada, logo a comissão militar adopta (1914) o destroyer «Nieuport», um aparelho blindado com couraça de 3^{mm}, dotado duma velocidade máxima de 137^{km} por hora. Presumia-se que com esta arma invulneravel nenhum aeroplano ou dirigivel, que por ela fosse avistado, pudesse escapar á destruição. Mas o «Nieuport» transporta só bombas e o genio do homem não tem limites. Nasce então o «aeroplano couraçado», um biplano, invento tambem francês, armado com uma metralhadora. É a guerra transportada para o ar que se acentua, em arrojós que assombram, e para que não faltam soldados!

Dura pouco tempo a supremacia do «Nieuport», porque a breve trecho surge o triplano, o «dreadnought do ar», o superplano, que transporta 12 homens, metade dos quais constituem a sua tripulação: 2 pilotos, 2 observadores e 2 artilheiros, e que tem por armamento 4 peças de 37^{mm}. Mas o destroyer fica ainda senhor do papel de explorador e de desempenhar no ar, quando lhe seja possivel, a mesma missão que os destroyers de marinha desempenham no mar. O mono-

plano ainda criado hontem é já um modelo antiquado; os biplanos e os triplanos é que reinam.

Se a Grande Guerra, por mal de nós, ainda não tivesse terminado, estou convencido que a esta hora já teria surgido algum invento, que neutralizasse o carro de assalto, ou pelo menos alguma cousa se haveria descoberto para lhe estorvar a acção, alem das balas perforantes K; da espingarda especial de calibre 12^{mm},7 com 1^m,70 de comprimento e cartuchos de 12^{cm},7 de comprimento; dos fossos ou cortaduras com 5 e mais metros de largura; das minas; de toda essa quasi inutilidade, emfim, engendrada na Alemanha até ao armistício; o que não quer dizer que melhoramentos introduzidos nos carros lhes não permitisse continuarem a impor-se, como succedeu aos primeiros construidos, que tiveram de ser modificados em vista das defesas contra eles adoptadas.

Que os carros de assalto são realmente para temer, não pode oferecer duvida. É nos proprios alemães que pudemos colher a certeza do seu valor e esta aquisição é instrutiva. Ao principio a opinião publica na Alemanha fraca importancia concedeu ao aparecimento destes engenhos. Nas tropas que tiveram contacto directo com os carros surtiram eles algum efeito; mas como os resultados dos seus ataques foram insignificantes, os chefes não lhe ligaram importancia e nem o povo, nem o exercito admitiram perigo algum nesse novo meio de acção.

Eis um trecho duma correspondencia do „Düsseldorter Generale Anzeiger“, de 23 de outubro de 1916, que dá a nota das impressões produzidas pelo aparecimento dos carros em Flers, a 16 de setembro de 1916, a primeira tentativa inglesa.

„Estas fortalezas moveis, depois dum breve successo, caíram numa triste falência. Como já dissemos, duas foram destruidas pelos nossos obuses em Flers, e as equipagens morreram miseravelmente com a explosão da essencia e das munições. Uma sossobrou numa cova, diante de Combles, uma outra embaraçou-se nos fios de ferro farpado, que parece contrario ao seu temperamento. Num outro caso, um lance feliz de granadas de mão fez explodir o deposito da essencia. Desde que conhecemos estas novàs maquinas, temos preparado à frota terrestre da Inglaterra um outro

Skagerrak. Contudo, diz-se que vão aparecer muitos carros destes, que se estão preparando. A nossa artilharia se regosijará em ter alvos assim lentos a moverem-se. Os cerebros inventivos teem disposto tudo e alem disso a lama do outono prepara para essas máquinas um tumulo macio».

Os prisioneiros exprimem-se contraditoriamente. Um prisioneiro de 24 de novembro de 1916 disse que na tropa se falava muito dos carros, mas que não os receavam depois que se sabe que raras vezes atingiam os seus objectivos. Um official aprisionado em 1 de fevereiro de 1917 diz que, quando os carros alcançam chegar à linha, fazem serios estragos e que não é possível prevenirem-se contra êles; e um soldado dos prisioneiros de 25 do mesmo mês, afirma que se teme muito os carros e que se receia que sejam armados de lança-chamas.

Segundo todos os indícios não foram por essa ocasião tomadas medidas especiais contra os carros. Pelas declarações duma praça do 98.º Regimento de infantaria, apresionada a 16 de novembro de 1916, as tropas haviam sido advertidas que, se vissem um engenho automovel parecido a uma joeira em movimento, deviam ficar no seu posto sem se inquietar: a artilharia o destruiria. Por um escrito particular consta que se pensou em abrir cortaduras nas estradas, de 4 a 6 metros de largo, deixando apenas uma estreita passagem para infantaria e material. Confia-se em que o mau tempo que reinava obrigará os carros a dormir pelos caminhos. E' contudo nessa ocasião que se dá incremento ao fabrico das balas perforantes, que ainda assim podiam ser destinadas ao tiro contra as chapas de aço usadas nos intrincheiramentos.

E' certo que ainda em janeiro de 1917, se constituiram algumas baterias especialmente destinadas a contra-bater os carros, — *Nakkampfbatterien*, com elementos da artilharia de campanha. Eram a 6 peças, de 77^{mm}, e montavam-se em posições avançadas; mas poucas se organizaram, e como não tinham treinamento próprio, deixavam à artilharia ordinária o encargo principal de destruir os carros. Não se ligava verdadeiramente grande importância aos novos engenhos.

Em 28 de março de 1917, numa ordem da 43.^a D. R., prescrevia-se que quando um carro avançasse para atravessar uma trincheira, os defensores deviam retirar-se para a direita

e esquerda, para detrás dos espaldões mais próximos, os quais ofereciam uma protecção suficiente contra os carros, que apenas tinham metralhadoras e canhões de pequeno calibre. Uma ordem geral de 13 do mesmo mês recomenda que é sobretudo importante prevenir em tempo preciso contra o grande efeito moral, que tem causado.

Entretanto sucedem-se as batalhas de Arras em Abril de 1917, e os carros (ainda só os ingleses) reaparecem, iguais aos do outono passado e pouco mais ou menos no mesmo número; circunstância esta que leva os alemães a concluir que os próprios ingleses eram os primeiros a não conceder grande valor aos carros. Ainda assim, a sua reaparição dá lugar a um desenvolvimento das precauções defensivas, que segundo consta se traduziram nas seguintes medidas:

Algumas baterias de obuses recebem ordem de tomar por objectivo os carros de assalto, logo que sejam assinalados;

Estabeleceram-se postos especiais de observação;

Alem das *Nakkampfbatterien* com os canhões de 77^{mm}, mais outras peças do mesmo calibre ou de 55^{mm} são colocadas a uns 1.000 metros das linhas, que mascaradas e enterradas nas covas só devem revelar-se quando os carros estiveram a bom alcance;

Alguns morteiros de trincheiras, montados de maneira a puderem executar um tiro tenso, recebem a missão de actuar contra os carros;

Alargam-se e abrem-se determinadas trincheiras, algumas das quais ficaram com 5 a 7 metros de largura e 2 a 3 de profundidade;

A bala perfurante K é distribuída à infantaria e às metralhadoras, sendo escolhidos atiradores especiais com a missão de esperar que o carro esteja a 100 metros para abrirem o fogo sobre êle.

Com o ataque francês de 16 de abril, em que os carros, desta vez franceses, sofrem grossas perdas infligidas pela artilharia adversa (mais adiante conheceremos os motivos) tomam corpo as presunções dos chefes alemães sobre o pouco valor de tais aparelhos, e unânimemente declaram que pertence à artilharia a sua destruição. Os resultados obtidos pela artilharia pesada, dirigida pelos observatorios de Craonne,

levam o comandante do 3.^o regimento de artilharia a exarar no seu relatório, que a eficácia dos canhões na defesa contra os carros é independente da sua colocação; que podem estar descobertos ou abrigados, mais ou menos à frente ou à retaguarda. Nesta ordem de ideas, relata ainda o mesmo official, certas circunstâncias tiveram justamente por efeito dar às nossas baterias da retaguarda um valor igual, senão superior ao das peças de combate próximo.

Parece que se reconheceu, que efectivamente assim era, porque as *Nakkampfbatterien* foram desde então successivamente diminuindo: as dificuldades da condução dos canhões às linhas avançadas, sem dar nas vistas; os longos períodos decorridos, sem acção útil, esperando os ataques dos carros; a condição de ter que abandonar peças e munições quando os carros conseguiam irromper: tudo deve ter concorrido para que essas formações avançadas fôsem pouco do agrado dos artelheiros.

(Continúa.)

MELLO E ATHAYDE

Ten. coronel

Obras oferecidas

- 1 **Gomes Freire e as virtudes da raça portuguesa.** Dr. ANTONIO FERRÃO, professor.—1920.—Coimbra, imprensa da Universidade. (0^m,25 × 0^m,15)—1 vol. de 85 pags.

O nome do distinto professor Dr. Antonio Ferrão está já consagrado pelas suas publicações, que teem posto em evidencia os seus vastos conhecimentos sociologicos, e por isso não era de admirar que mais uma vez se puzesse em destaque pelo seu trabalho sôbre Gomes Freire. Esta obra não é um trabalho de grande folego, mas nas reduzidas páginas que a compõem vê-se claramente refulgir o nome desse grande português, percursor das ideas liberais, martir e vítima de um poder despótico que nos esmagava.

A' medida que os anos vão passando sôbre esse fúnebre holocausto passado na esplanada de S. Julião da Barra, mais se ergue grandiosa a figura épica desse português de raça para aqueles que, pensando no passado, procuram espraiair as suas vistas pelos tempos futuros. E não será de mais, neste momento de descrenças, irnos evocar a memoria dos grandes homens da nossa terra, que nos podem servir de exemplo pelas suas grandes virtudes cívicas. E' esse o fim a que se propõe o autor ao publicar êste livro

São interessantes as informações que nos dá o autor ácerca de Gomes Freire na Austria, na Russia, nas campanhas do Roussillon e da Catalunha e na Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão; e até sôbre a data do seu nascimento, que é fixada em 27 de janeiro de 1757 como se prova com uma carta escrita pelo pai, Antonio Freire de Andrade, a Paulo de Carvalho e Mello. Outra informação curiosa é relativa ao casamento do pai de Gomes Freire com a condessa de Schaffgotsche, D. Isabel Freire, casamento que alguns punham em dúvida. Sendo completamente inéditas, apparecem-nos tambem três curiosas cartas de Gomes Freire, relativas á campanha dos Pirenéus contra os franceses. Por fim dois outros documentos interessantes são dados a lume, e veem a ser: um officio do marechal Beresford a D. Miguel Pereira Forjaz, então ministro da guerra e dos estrangeiros, sôbre a hora a que deve ser supliciado Gomes Freire; e o outro, um novo officio ainda de Beresford ao mesmo ministro, em que procura obter documentos para alijar responsabilidades.

Emfim, o livro é muito interessante e digno de ser possuido pelos bibliófilos *Freiristas*.

- 2 **A Infantaria na Flandres e na Historia.** — HORACIO DE ASSIS GONÇALVES, alferes de infant.^a n.º 12. — Empresa «Veritas». — Guarda. — 1920. (0^m,20 × 0^m,12). — Um folheto de 46 pags.

E' êste um livrinho muito interessante, onde o autôr faz um rapido escorço historico da tactica da infantaria nos antigos paises orientais, na

Grecia, em Roma, na idade medieval e nos séculos subsequentes; e por fim, alguma cousa ainda nos diz da Grande Guerra. Parece-nos, porém, que o autor não reviu com cuidado as provas do seu trabalho, pois a não ser assim, não nos indicaria como um dos característicos da Grande Guerra — a *grande mobilidade* e a *eliminação quasi absoluta da cavalaria* —, quando é certo que esta guerra foi caracterizada pela sua estabilidade, e que a cavalaria não desempenhou no teatro ocidental papel mais brilhante por falta dos meios de acção, mas em compensação no teatro de operações da Romenia e na Palestina o seu papel é notabilissimo. A historia da Grande Guerra ainda está por fazer e a seu tempo se revelarão as páginas brilhantes e de largo alcance que pertencem á cavalaria, assim como se evidenciará que se um dos beligerantes dispuzesse de mais cavalaria, a guerra não se teria prolongado tanto, nem se consumiriam tantas vidas.

3 Terminada a guerra. A obra de reeducação dos mutilados da guerra. Sua integração na vida social. Dr. TOVAR DE LEMOS, director do Instituto de Arroios para reeducação dos mutilados da guerra. Lisboa. — 1920. Um folheto de 32 pags. (0^m,20 × 0^m,12).

Este livrinho contem uma conferencia feita na «Sociedade de Geografia», e a convite desta, pelo Dr. Tovar de Lemos, sôbre a *reeducação dos mutilados*.

O autor divide a sua obra em duas partes. Na primeira trata dos trabalhos realizados no Instituto de Arroios para a reeducação dos mutilados da guerra; na segunda, occupa-se em geral da necessidade impreterível de criar no nosso país estabelecimentos, que recolhessem e se occupassem dos numerosos mutilados e estropeados, vitimas dos accidentes do trabalho, assim como dos raquiticos e aleijados, que por aí se estadeiam pelas ruas e pelas estradas do país, como seres abandonados, não parecendo nossos irmãos. E' curioso até o que o autor nos diz sôbre alguns estabelecimentos estrangeiros destinados a recolher e a aproveitar estes, que entre nós, são uns párias da sociedade.

A criação do Instituto de Arroios, devida á *Cruzada das mulheres portuguesas*, teve como principais patronas duas senhoras, que muito se nobilitaram com tal obra, e que esta seria bastante se outras qualidades já as não exornassem. Foram: D. Ester Norton de Matos e D. Ana de Castro Osorio.

Na primeira parte do seu livro o autor faz a historia da organização do Instituto, e occupa-se das funções que competem a cada uma das três secções em que se divide, e das três sub-secções em que se sub-divide a 3.^a secção, que é a de reeducação profissional, a cargo do Dr. Tovar de Lemos. O livrinho contem indicações interessantes, algumas um pouco tristes, caracterizando a nossa incuria.

A obra lê-se de um folego, sempre com muito interesse, e através das suas paginas nós vemos o fim altruista e deveras moral do Instituto, e o carinho com que o autor do livro tem trabalhado para levantar o estabelecimento á altura de que era digno, pelo fim a que se propõe.

- 4 **Flandres. Notas e impressões.** COSTA DIAS, professor da Escola Militar. Lisboa. — Imprensa Libanio da Silva. — Volume de 280 pags. (0^m,20 × 0^m12).

Se não fôra já conhecido pelos seus escritos, êste livro bastava para consagrar o autor, distinto professor da Escola Militar.

Ocupando-se das guerras da Flandres, o autor trata largamente (para o volume do livro) das diversas lutas, que aí se tem travado, nalgumas das quais tomaram parte soldados portugueses e capitães que muito se ilustraram. Não foi, pois, a vez primeira que as terras das Flandres foram ensopadas com sangue português. O autor revela-se neste livro um grande observador, e um exímio prosador, traçando como artista, que é, as suas impressões, e as suas divagações historicas, que demonstram muitos conhecimentos e uma prodigiosa memoria. Com que facilidade evoca os factos historicos de passados séculos ao defrontar-se com essas povoações e posições, onde se travaram tantas batalhas! Ei-lo em frente de Thérouanne, e tanto basta, para logo se lhe desenrolar a grande e trágica historia de que tem sido teatro essa povoação desde o tempo dos romanos até ao presente.

E' tambem com muito interesse que o autor trata do grande capitão português, que foi D. Francisco Manuel de Melo, que, em tempo de D. Filipe IV de Espanha, teve o comando de um *terço* português para ir batalhar na Flandres, e que após a revolução de 1640 voltou a Portugal, tomando parte nalgumas campanhas da restauração, não tendo a recompensa dos seus serviços em virtude do lance amoroso em que se encontrou com D. João IV e que ia vitimando êste, sendo desde então perseguido ferozmente pelo monarca, que o mandou prender. Dá tambem grande desenvolvimento ás operações realizadas na Flandres pelo nosso notavel general D. Francisco de Melo, conde de Assumar, e que tanto se illustrou na batalha de Honnecourt para depois ver eclipsada a sua estrela na batalha de Rocroi, em que se notabilizou o grande Condé.

E' interessantissima depois a descrição que nos faz da batalha do Lys, a que dá um grande desenvolvimento, entrando em pormenores, que não são faéis de encontrar nas mais recentes publicações, e que expõe com todo o método, de fôrma que a sua leitura é facil e agradável, provocando-nos tal interesse que vamos lendo, lendo, e as horas vão passando sem darmos por isso. Assim expõe qual fôsse a situação militar em abril de 1918, qual a nova tactica alemã e o plano alemão. Ocupa-se depois da organização definitiva do sector português; da *ordem de batalha* da nossa 2.^a divisão em 9 de abril; da *ordem de batalha* alemã, correspondente à frente do nosso sector; e por fim do ataque levado a cabo pelos inimigos.

Com que admiravel relevo nos descreve a heroicidade dos nossos valentes soldados de infantaria n.º 13, cavadores e cabreiros das terras de Além Marão, defendendo o reduto de Lacouture!

No capitulo — *Após a tormenta* — passemos a fugir a parte que tem por titulo — *O C. E. P. na retaguarda* — que para tristezas bastava as que já lá vão; mas fixemo-nos no *Après la guerre finie*, que o escreve

com um sentimentalismo, de quem regressa à Patria, deixando nas terras de França cordealissimas recordações.

Não terminarei esta noticia sem fazer um leve reparo ao que diz a pags. 112: «O cemitério, nas terras do norte da França, fica sempre junto à igreja e dentro das povoações: a ultima morada dos homens não infunde *aquelle terror supersticioso de que estão cercados os cemitérios em Portugal.*» Eu direi: «Em Portugal os cemitérios foram sempre junto das igrejas e dentro das povoações, até à epoca constitucional, e ainda muito depois, tendo sido difficil, e até muitas vezes provocou revoltas, afastar os cemitérios das povoações, tal estava enraizado na crença dos povos, que as almas dos mortos, compartilhavam com os vivos das orações destas nas igrejas.»

E terminarei, agradecendo a valiosa oferta feita à «*Revista*».

V. C.

5 Dados astronomicos para os almanaques de 1921 para Portugal.

Com esta epigrafe recebemos o folheto que anualmente vem sendo publicado desde 1917 pelo Observatorio Astronomico de Lisboa, em que são compilados todos os dados astronomicos e outros elementos que interessam aos almanaques portuguezes.

De especial utilidade para o fim restrito a que se destina, é igualmente incontestavel o seu valôr para muitos outros usos, sem exclusão dos militares, pelas interessantes indicações que contém, principalmente sobre as horas do nascer e pôr do Sol e da Lua em Lisboa, Porto, Coimbra, Faro, Loanda e Lourenço Marques, horas legais e siderais, etc.

Agradecemos o exemplar oferecido, que devemos á amabilidade do nosso illustre camarada e consocio, coronel Frederico Oom, conceituado astronomico do Observatorio de Lisboa que o subscreve.

L. M.

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

A reorganização do exército.—Segundo a organização recentemente posta em execução e de acordo com as nações da *Entente*, uma *divisão de infantaria* é constituída:

- a) Estado maior da divisão, compreendendo 25 officiaes e 70 praças;
- b) Estado maior da infantaria divisionária com 4 officiaes e 40 praças,
- c) Estado maior da artilharia divisionária com 4 officiaes e 40 praças;

d) 3 regimentos de infantaria, tendo cada um 3 batalhões com 3 companhias de infantaria e 1 companhia de metralhadoras, com 210 oficiais e 6.900 praças;

e) 3 companhias *minenwerfer* com 18 oficiais e 450 praças;

f) 1 esquadrão de cavalaria com 6 oficiais e 150 praças;

g) 1 regimento de artilharia de campanha (3 grupos de baterias) com 85 oficiais e 1.300 praças;

h) 1 batalhão de pioneiros (2 companhias de pioneiros, 1 equipagem de pontes e uma secção de projectores) com 12 oficiais e 400 praças;

i) Um destacamento de ligações (destacamento telefónico, 1 secção de pombos-correios, etc.) com 12 oficiais e 300 praças;

j) Um destacamento do serviço sanitário com 20 oficiais e 400 praças;

k) Parques e comboios com 14 oficiais e 800 praças.

A divisão apresenta um efectivo de 410 oficiais e 10.830 praças.

Cada *regimento de infantaria* compreende: um *estado maior* de regimento; 3 estados maiores de batalhão e respectivos batalhões; uma companhia de *minenwerfer*; um batalhão de depósito.

O 1.º batalhão de cada regimento tem: uma companhia de ciclistas, dispondo de 164 bicicletas, 2 camiões e 1 automovel e 5 viaturas; 2 companhias de infantaria; e 1 companhia de metralhadoras.

Os 2.º e 3.º batalhões tem 3 companhias de infantaria e uma companhia de metralhadoras.

O batalhão de depósito tem um estado maior e 3 companhias.

O *regimento de infantaria* tem: 81 oficiais, 5 médicos e 1 veterinario, 23 funcionários, 400 sargentos combatentes e 47 equiparados, 2.061 soldados, 263 cavalos, 198 viaturas, 1 automovel, 2 camiões e 220 bicicletas.

A *companhia de metralhadoras* tem: 3 oficiais, 23 sargentos e 96 soldados.

Tem 12 metralhadoras pesadas Maxim, formando 3 secções de combate e 1 secção de reserva, e tendo cada secção 3 máquinas. (*Revue Militaire d'Infanterie*).

O fabrico de pão em campanha.—Em cada *corpo de exército* havia 2 padarias de campanha, de 12 fornos cada uma, mas trabalhando alternadamente. Cada forno comporta 160 pães de 750 gramas (pêso de cada ração).

Quando as colunas tem pouca estabilidade não se podem utilizar mais de 14 horas de trabalho em cada dia, e como a cozedura do pão em cada fornada exige 2 horas, temos que diáriamente se poderão obter sómente 7 fornadas. Portanto os 12 fornos dão $12 \times 160 \times 7 = 13.440$ pães.

Se os fornos tem uma certa estabilidade, então o número de rações pode elevar-se a 23.000. Uma coluna que percorra 20 km., gasta 4 a 5 horas na marcha; os preparativos para se pôr em marcha levam $1 \frac{1}{2}$ a 2 horas; depois para começar a cozedura são precisas $3 \frac{1}{2}$ horas. De forma que há uma perda de 10 horas sempre que a coluna se desloque. Cada coluna da padaria é fraccionada em 2 grupos, cada um destes com 3 secções, e cada secção com-

preende 2 fornos de campanha, 2 carros de utensílios e 1 carro de provisões.

Em geral, formam-se 2 a 3 equipas de padeiros (pois cada equipa não pode trabalhar mais de 7 a 8 horas por dia) conforme o trabalho é de 14 horas ou de 24 horas.

Os alemães empregavam, em geral, o centeio no fabrico do pão, pois com centeio o pão pode conservar-se 6 dias e sempre em boas condições.

Em lugar de pães de 750 gramas, também fabricavam pães de 1,5 kg. e mesmo de 3 kg., o que permitia aumentar o rendimento.

Com 20 fornos de campanha Peyer podem obter-se 28.000 a 36.000 rações diárias. Para se obterem 1.000 pães de 750 gr. são precisos 540 kg. de farinha, 6 kg. de sal e 250 a 300 litros de água quente.

Cada coluna de padaria leva 12 caixas com 2 lampadas completas de acetilene e seus acessórios e 6 caixas com 66 kg. de carboneto de cálcio.

(*La Guerra y su Preparacion*).

Belgica

Organização de um corpo de carros de combate.—A reorganização do exército belga vae sendo posta em prática progressivamente. Está-se procedendo à organização de um corpo de carros de combate; que será constituído: Por um *estado maior* de corpo; 6 batalhões (a 3 companhias) de carros ligeiros de combate; uma escola de carros de combate; um batalhão de depósito e parque.

O corpo de carros de combate depende da infantaria pelo que diz respeito ao pessoal e emprego tactico, estando sob as ordens directas do inspector de infantaria e sendo considerado como fazendo parte da arma de infantaria. (*R. M. de Infantarie*).

O efectivo do exército para 1921.—O projecto de lei apresentado às câmaras pelo ministro da guerra fixa para 1921 um efectivo de 100.000 homens, contando com os readmitidos, os voluntários e os convocados para exercícos, além de uma fôrça de 13.500 homens para o exército de ocupação.

As classes de 1918 e 1919 servirão: 10 meses, os de infantaria; 12 meses, os de artilharia e engenharia; 13 meses, os de cavalaria e artilharia a cavalo.

Em 1921 serão convocadas as classes de 1919 e 1920; em 1922, as de 1921 e 1922; em 1923 só a deste ano. A infantaria fica tendo 36 regimentos a 3 batalhões, formando 12 divisões. Cada divisão tem um batalhão independente de metralhadoras. A cavalaria fica com 12 regimentos (6 formam uma divisão de cavalaria com 3 batarias a cavalo e 2 batalhões de ciclistas).

A artilharia tem 12 regimentos divisionários, a 4 grupos (3 de baterias 75 m/m e 1 de 3 baterias de obuses ligeiros). A cada 2 divisões de infantaria pertence um regimento de artilharia pesada com um grupo de peças de 105 m/m e 2 grupos de obuses de 150 m/m. Há ainda 3 regimentos de artilharia pesada em auto ou com tractores.

A redução do tempo de serviço.—Tem dado lugar a grandes discussões a redução do tempo de serviço nas fileiras, agitando-se a questão tanto no parlamento como na imprensa. Como transição, foi admitido que a *infanta-*

ria tivesse um serviço activo de 10 meses; que na *cavalaria e artilharia montada* a duração fôsse de 13 meses; e que para as outras armas e serviços, fôsse de 12 meses.

Durante os 4 anos, que se seguem ao licenciamento, serão convocados durante 4 semanas os homens da infantaria, artilharia pesada e corpos de transporte; durante 6 semanas, os da cavalaria e artilharia a cavalo; durante 8 semanas os de engenharia, aeronautica, tropas de comunicação e de transmissão, batalhão de pontoneiros e destacamento de torpedeiros. Durante a permanência nas fileiras apenas se poderá ter um dia de licença em cada mês.

Como dissemos, estas medidas foram tomadas a título de experiência, pois não se chegou ainda a assentar princípios incontraversos sobre a duração do serviço nas fileiras. Todos estão de acordo que o desenvolvimento que tem tomado as especializações nas diferentes armas tem vindo dificultar a instrução. E' certo que muitos invocam exemplos tirados da recente guerra, em que se viu tanto na França, como na Inglaterra, na Italia e na própria Alemanha considerar como prontos para irem para a frente os recrutas no fim de um período de 6, 5 e mesmo 4 meses, depois de terem estado em campos ou centros de instrução. O mesmo succedeu na Belgica; mas os que fizeram a guerra, e até os próprios instrutores, declaram que o envio *prematureo* para a frente fôra determinado pelas imperiosas circunstâncias de momento, pois a necessidade de preencher os efectivos nas unidades eram tais que ninguém inqueria se os homens já estavam em estado de entrar em combate. Os vazios produzidos nas primeiras linhas produziam um efeito de sucção nos centros de instrução à retaguarda. Ainda é para notar que os recrutas eram enviados por pequenos grupos para as unidades, onde soldados já aguerridos os enquadravam, não se tendo nunca constituído unidades exclusivamente com recrutas, pois se tal se fizesse, *essas unidades seriam desorganizadas sob as primeiras granadas ou em seguida a algumas rajadas de metralhadoras.*

E' preciso ainda notar que a instrução ministrada em plena guerra produz um maior rendimento que no tempo de paz, pois os soldados tem a intuição de que, se não souberem fazer uso das suas armas para matar o inimigo, será este que os matará. São pois de acordo que a instrução militar no tempo de paz não pode ser dada num curto período de 6 ou 8 meses. Há ainda outros factores a considerar, como são: a necessidade de se sobreporem durante algum tempo a classe que sai e a classe que entra; as exigências do serviço de guarnição e dos serviços internos dos quartéis; etc.

Espanha

Batalhão de projectores.—Foi criado um batalhão de projectores, organizando-se por enquanto uma companhia em Saragoça. A sua missão principal em tempo de paz é tomar parte, em combinação com as 4 secções da escola central de tiro, nos exercícios de tiro nocturnos e, com os regimentos de sapadores-mineiros, nos trabalhos nocturnos de fortificação, assim como nos exercícios nocturnos de aviação. Alem disto, as tropas de projectores deverão ter anualmente uma escola prática para o aperfeiçoamento da sua instrução.

A composição da companhia agora organizada é a seguinte:

1 capitão, 3 tenentes (sendo da reserva), 1 alferes (da reserva), 1 artífice,

1 sub-official, 8 sargentos, 13 cabos, 2 clarins e 1 aprendiz, 81 soldados, 10 cavalos (sendo 3 de oficial) e 36 muares de tiro. O material é constituído por 2 projectores de 0^m,90 (1.^a secção), 2 projectores de 0^m,60 (2.^a secção) e outras duas secções (3.^a e 4.^a) com material, mas sem gado.

Escola central de tiro.—O «*Memorial de Infantaria*» tem publicado um estudo muito interessante relativamente aos exercícios realizados na *Escola central de tiro* no ano de 1919. Desse estudo se conclue o interesse com que a arma de infantaria se ocupa da aplicação do moderno armamento, que tanto se pôs em evidência na grande guerra.

Naquela escola fizeram-se experiências com o morteiro francês *Aâsen* de 86 m/m de carregar pela boca, empregando a granada *Aâsen Excelsior B*.

Da mesma forma se empregou o morteiro inglês de trincheira de 4 polegadas *Lee-Enfield*, lançando à distância de 520 jardas um projectil de 8,5 arráteis e com nma carga de 6^{gr},5 de um alto explosivo.

Também se fizeram experiências com o *lança bombas pneumático* «*Boileau Debladis*» de 96 m/m, lançando uma granada *Aâsen Excelsior B*. à distância de 425^m com um ângulo de elevação de 45°.

Ainda se experimentou uma *bombarda*, lançando uma granada de 585 gr., carregada com 85 gr. de *cheditâ* à distância de 350 metros.

Empregaram-se nas observações 2 periscopios sistema Carballo, um de trincheira e o outro de observatório. Estiveram em exposição diversos modelos de granadas alemãs, francesas e inglesas, assim como granadas de mão e de espingarda, e granadas fumiginias, sufocantes e incendiarias. Foi muito apreciado nos exercícios de noute um *auto-reflector* construído na Escola e que é montado numa motocicleta de carro lateral, «*Harley-Davidson*» de 17 H. P.

Estados- Unidos

A nova organização do exército.—*Projecto de reorganização apresentado pela comissão militar.*

A) *Batalhão de infantaria.* A comissão propôs que o batalhão de infantaria tenha a seguinte composição:

a) *Estado maior do batalhão*—1 tenente-coronel (comandante), 1 major (2.º comandante), 4 capitães ou tenentes (um como chefe dos sinaleiros);

b) 4 companhias de fuzileiros;

c) 1 companhia de metralhadoras.

A companhia de fuzileiros deve ter 6 oficiais e 250 praças.

O batalhão é considerado como a verdadeira *unidade de combate*.

B) *Regimento de infantaria.* O regimento de infantaria terá:

a) *Estado maior do regimento*—1 coronel, 1 tenente-coronel (2.º comandante), 1 capitão (ajudante), 1 oficial administrativo, 1 capitão das metralhadoras, 1 tenente da secção de informações, 1 capitão ou tenente chefe dos sinaleiros, 3 tenentes encarregados do servivo de munições e gases, 1 tenente-ajudante e 3 capelães.

b) 3 batalhões de 4 companhias com 1 companhia de metralhadoras.

c) Uma companhia de artilharia de acompanhamento, compreendendo 6 peças de 37 m/m Stokes e alguns morteiros Stokes.

d) Uma companhia de abastecimento.

e) Uma companhia do Estado maior e menor do regimento, à qual pertencem a banda regimental, os sinaleiros, as praças de estado maior e do serviço de informações. O seu efectivo é de 55 oficiais do quadro, 6 oficiais auxiliares (médicos, dentistas, veterinários e capelão), 4 sargentos-ajudantes, 16 1.^{os} sargentos, 129 2.^{os} sargentos, 148 cabos, 1.186 soldados e 7 sargentos amanuenses. Cada regimento de infantaria deverá ainda ter uma companhia de obuses ligeiros e morteiros com 2 oficiais e 63 praças.

C) *Brigada de infantaria*—Esta compreenderá: O *quartel general* da brigada, 2 regimentos de infantaria, e um destacamento do quartel general.

O *quartel general* da brigada é constituído por: 1 general-brigadeiro; 1 major de E. M. chefe do estado maior da brigada; 1 major dirigindo o serviço das metralhadoras; 1 capitão de E. M. encarregado do serviço das operações e instrução; 2 tenentes de E. M. encarregados dos serviços de informação e de abastecimentos; 2 ajudantes de campo, 2 oficiais sinaleiros, 1 sargento e 45 soldados.

O *destacamento do Q. G.* compreende 1 secção de E. M. e menor e uma secção de sinaleiros.

D) *Divisão de infantaria*—Esta será constituída por: Quartel general; 2 brigadas de infantaria; 1 brigada de artilharia de campanha; 1 batalhão com 2 companhias de metralhadoras; 1 regimento de engenharia; 1 batalhão de sinaleiros; 1 esquadrilha de aviação com 10 aeroplanos; 1 companhia de policia militar; um destacamento de E. M. e menor de Q. G.

A comissão recomenda a criação de um *Inspector geral de infantaria* auxiliado por um *estado maior* tendo por fim ocupar-se da instrução e organização da arma de infantaria, do armamento, do equipamento, e todos os assuntos que interessem à arma, fazendo todas as propostas que julgar convenientes ao Chefe de estado maior general. (*Infantry Journal*).

A nova organização toma como base um efectivo no pé de paz de 337.221 oficiais e praças. O *corpo de exército* deverá ter em campanha 79.996 homens; a *divisão de infantaria* 19.384; a *divisão de cavalaria*, 6.417; uma *brigada de artilharia*, 3.414; uma *brigada de infantaria*, 7.153.

Tratamento de feridos nos hospitais do corpo expedicionário.—Segundo uma estatística publicada pela «*Direcção do serviço de saúde*» do exército americano, nos hospitais foram recebidos durante a campanha para tratamento 170.174 homens, sendo: 85.132 por causa da acção dos gases, 40.448 com ferimentos produzidos pelas balas dos shrapnels, 22.736 com ferimentos devidos a balas de espingarda, 21.312 com ferimentos devidos a estilhaços de granadas e 1.156 com ferimentos produzidos pelas granadas de mão. Emquanto à localização desses ferimentos, nota-se que: 72.527 eram nas pernas; 67.584 no tórax (incluindo a acção dos gases); 56.213 nos braços; 35.819 na cabeça; 10.286 no abdomen; 8.849 nas costas; 5.936 no pescoço; 8.836 não classificados.

França

Os projectos de reorganização militar.—Tem sido motivo de contraversia, e até deu lugar à saída do ministro da guerra Lefèvre, a *redução do tempo de*

serviço. Em outubro do ano passado o *Conselho superior de defesa nacional* tinha emitido a opinião que o tempo de serviço nas fileiras deveria ser provisoriamente de 2 anos, mas que depois seria definitivamente fixado em 18 meses. Em novembro o Conselho de ministros fixava essa duração em 18 meses, admitindo a duração de 2 anos durante os anos de 1921 e 1922. Além do projecto de lei do recrutamento, ainda foi decidido apresentar ao parlamento projectos de lei sobre a organização geral do exército e sobre os quadros e efectivos. A 8 de dezembro o general Castelnau comunicava à comissão de guerra que os projectos militares seriam apresentados às Câmaras a 14 de dezembro.

A 11 de dezembro o Conselho superior de guerra examinava e aprovava os projectos, dos quais discordava em parte o ministro da guerra, o que levou este a pedir a sua demissão, pois afigurava-se-lhe que era exagerada a redução do tempo de serviço, em presença do perigo alemão. Se houve exageração pessimista por parte do ministro Lefèvre, é certo porém que se varreram as ilusões em que viviam certos pacifistas, que advogavam a redução do tempo de serviço para um ano! Todos reconhecem que a França tem de estar precavida e que a Sociedade das Nações poucas garantias de paz dá! Admitir um ano de serviço, seria transformar o exército numa milícia, o que constituía um perigo; porém os 2 anos são considerados exagerados, e eis a razão porque a maioria se resolveu pelos 18 meses. Relativamente à organização geral do exército, conserva-se a divisão em 20 regiões militares, e em sub-divisões, como até aqui. Desde o tempo de paz que serão constituídos *corpos de exército* e *divisões*. Admite-se que na constituição do exército entrem unidades indígenas das colónias ou dos países de protectorado (divisões, brigadas ou regimentos). O *exército territorial*, ainda que seja em princípio destinado ao serviço de retaguarda, às guarnições da zona do interior e à mobilização administrativa, económica e industrial, contudo admite-se que as classes mais novas possam operar com as unidades activas na defesa do território. O tempo de serviço de 18 meses começará a ser aplicado a partir de 1923; mas a obrigação do serviço militar passa a ser de 30 anos, em lugar de 28. Todos os oficiais, do activo, da reserva ou do exército territorial poderão em tempo de guerra ascender a todos os postos da hierarquia militar.

Tais são, a traços gerais, os projectos de reorganização do exército francês (R. M. S.).

O orçamento do exercito para 1921 e os efectivos. As despesas com o exercito para o ano de 1921 são fixadas em 6547 milhões de francos, o que representa um aumento de 1500 milhões em relação ao orçamento de 1920. Este aumento dá-se não só na parte do orçamento extraordinario, pois neste o aumento de despesas é representado pela verba importante de 1106 milhões, sendo 800 milhões relativos ás tropas metropolitanas, 228 milhões destinados ás construções e aquisição de novos materiaes e 78 na parte que diz respeito ás tropas colonias.

O aumento no orçamento ordinario é devido em grande parte ao aumento das tarifas dos caminhos de ferro, que tornam mais onerosos os transportes, ao aumento de taxas postaes, telegraficas e telefonicas, e ao aumento

dos soldos e da mão de obra. Os efectivos foram, porém, reduzidos, em relação aos de 1920, em 8584 officiaes, 9070 praças e 6220 solipedes.

De facto, os efectivos fixados no orçamento de 1921 para as tropas estacionadas na metropole e na Argelia-Tunisia são: 28.052 officiaes, 416.876 praças e 116.735 solipedes; emquanto que no orçamento de 1920 eram: 35.890 officiaes, 437.495 praças e 114.785 solipedes.

Para Marrocos havia em 1920 2.813 officiaes, 91.778 praças e 31.860 solipedes; emquanto que em 1921 são fixados em 2.912 officiaes, 102.234 praças e 29.761 solipedes.

No <i>exercito do Levante</i> , havia em 1920....	1.960 officiaes,	49.860 praças e	16.880 solipedes
Emquanto que em 1921 deverá haver.	2.384 "	76.877 "	e 23.460 "
No <i>exercito do Oriente</i> , havia em 1920....	1.100 "	30.440 "	e 8.200 "
Emquanto que em 1921 deverá haver.....	532 "	11.544 "	e 2.236 "
No <i>exercito do Rheno</i> , havia em 1920....	3.550 "	85.000 "	e 29.000 "
Emquanto que em 1921 existem.....	3.094 "	84.948 "	e 23.783 "
Nos <i>territorios submeti-</i> <i>dos ao plesbicito</i> havia em 1920....	339 "	9.943 "	e 3.780 "
Emquanto que em 1921 ficaram	370 "	10.000 "	e 3.600 "
Na <i>bacia do Sarre</i> existiam em 1920....	400 "	10.400 "	e 2.970 "
Emquanto que em 1921 existem	266 "	7.193 "	e 1.671 "
Em <i>missões extraordinarias</i> <i>no estrangeiro</i> havia em 1920	1.000 "	5.200 "	
Emquanto que em 1921 existem	858 "	1.374 "	
Portanto no orçamento de 1921 figuram...	38.468 "	711.046 "	e 201.246 "
Emquanto que em 1920 eram	47.052 "	720.116 "	e 207.475 "
Diferenças para menos.	8.584	9.070	6.229

O martirologio de Saint-Maixent na grande guerra. A escola militar francesa de St-Maixent, destinada a formar officiaes de infantaria provenientes da classe de sargentos, contribuiu largamente para o martirologio dos officiaes na grande guerra. Provenientes daquela escola caíram mortos nos campos de batalha 2567 officiaes, sendo 4 generaes, 5 coroneis, 28 t-coroneis, 331 majores,

1237 capitães, 522 tenentes, 186 alferes e 254 aspirantes. Isto é, dos officiaes provenientes de St-Maixent morreram 36 %/o, enquanto que a media das perdas dos officiaes de infantaria foi de 29 %/o.

Dos aspirantes entrados em St-Maixent em 1914, e que foram 400, quando em 1919 se reuniram os sobreviventes para a promoção, chamada da Alsacia-Lorena, havia apenas 177, pois 223 tinham ficado nos campos de batalha! Como o numero de officiaes mortos foi de 36.000, vê-se que a escola de St-Maixent contribuiu com uma larga quota para este numero.

Organização das grandes unidades. Em tempo de paz o *corpo de exercito* é constituido por: comando; 2 divisões de infantaria; um regimento de artilharia pesada de corpo com 3 grupos de baterias; um regimento de cavalaria de corpo de exercito; um batalhão de engenharia; um esquadrão mixto do trem; serviços auxiliares diversos.

A *divisão de infantaria* compreende: um comando; 3 regimentos de infantaria a 3 batalhões cada um, e estes a 3 companhias de fuzileiros e 1 companhia de metralhadoras; 1 regimento de artilharia com 3 grupos de baterias de 75^{mm}; 2 companhias de engenharia; serviços auxiliares diversos.

Na ocasião da mobilização a artilharia divisionaria pode ser reforçada por um grupo de artilharia pesada de 155^{mm} curta, de tracção hipomovel.

A *divisão de cavalaria* compreende: um comando; 3 brigadas de cavalaria a 2 regimentos cada uma; um grupo de artilharia a cavalo de 75^{mm}; um grupo de auto-metralhadoras; um grupo de caçadores-ciclistas; serviços auxiliares, diversos. Em tempo de guerra cada divisão de cavalaria é reforçada com uma companhia de sapadores-ciclistas.

Holanda

Reorganização do exercito. Em seguida ao armistício, a Holanda reduziu o seu exercito ao pé de paz, e o ministro da guerra, quando se discutiu o orçamento para 1920, apresentou um projecto de reorganização do exercito de modo a reduzir as despesas; mas as camaras ainda fizeram mais reduções, de modo que ficou votada a seguinte organização:

O tempo de serviço nas fileiras ficou reduzido a 6 meses. O exercito de campanha fica constituido por: 72 batalhões de infantaria, 16 esquadrões de cavalaria, 64 baterias de artilharia de campanha, a 3 peças; 4 baterias a cavalo, a 3 peças; algumas peças de artilharia pesada (unidades a constituir); algumas companhias ciclistas, algumas unidades de engenharia (a determinar).

Estas forças formam 4 divisões, cada uma destas a 3 brigadas mixtas. Além das tropas de campanha, há ainda:

As tropas de fortaleza; as tropas de reserva, que poderão fazer parte das tropas de fortaleza; as *tropas de deposito*; e a *landstorm* (formações regionaes) *voluntaria*, que é destinada á manutenção da ordem interna, e, por excepção á defesa do territorio, e constituem 3 categorias: 1.^a com os que

tenham prestado serviço militar; 2.^a com os que não tenham servido; 3.^a as mulheres para o serviço dos hospitaes.

As tropas de campanha teem um pouco mais de 100.000 homens e as tropas de fortaleza com a *landwehr* uns 17.000 homens.

Estes efectivos são inferiores aos que exigia o primitivo projecto apresentado pelo ministro da guerra, o qual comportava um efectivo de 200.000 homens só para o exercito de campanha, para o que fixava o contingente anual em 23.000 homens, sendo porem este reduzido a 13.000.

E' dada uma grande importancia á educação fisica da juventude.

Os mancebos dos 16 aos 20 anos serão obrigados a exercicios fisicos, e os que obtiverem um diploma comprovativo da sua preparação militar teem o direito de prestar só 4 meses de serviço nas fileiras.

As tropas da *landstorm voluntaria* deverão ter 200 horas de exercicios durante cada ano; mas os que tenham já prestado serviço militar ou sejam readmitidos, terão apenas anualmente 50 horas de exercicios. Os alistamentos na *landstorm* fazem-se por periodos de um a quatro anos, e podem começar aos 16 anos de idade.

Inglaterra

As perdas em munições e material. Segundo as declarações feitas pelo ministro das munições na *Camara dos Comuns*. O exercito inglês perdeu no decurso da grande guerra umas 1.000 peças, ou porque tivessem sido destruidas, ou porque tivessem caído em poder do inimigo; foram perdidas ou destruidas perto de 5.000 metralhadoras; as munições perdidas ou destruidas foram tambem consideraveis. Comtudo todas estas perdas foram rapidamente sanadas, de forma que na grande batalha de 1918 havia mais peças e metralhadoras que no começo deste ano. Durante o periodo da guerra de movimento em 1918 o consumo de munições de infantaria foi extraordinario, excedendo muitissimo o consumo normal na guerra de trincheiras. Grande parte das munições de infantaria foi abandonada á retaguarda, não podendo acompanhar as tropas. A perda em espingardas foi consideravel. As perdas em munições de artilharia foram em grande parte devidas á explosão dos depositos de munições, podendo comparar-se estas perdas a uma até 3 semanas da produção normal. A actividade das mulheres empregadas no ministerio das munições foi tal que mais de 0,9 da produção foi obtida pelo trabalho daquelas. Uma grande parte do material de artilharia estava cansado e é este material que os ingleses teem vendido ou procurado vender.

Uma grande dificuldade que tiveram os ingleses foi em obter os nitratos do Chile; mas em breve esta falta foi compensada pela descoberta de obter o nitrogenio do ar, descoberta realizada na Alemanha pelo professor Haber, e que depois foi aperfeiçoada na Inglaterra pelo quimico americano Quinau, ao serviço daquelle pais desde o principio da guerra.

As perdas na guerra. Segundo uma estatistica oficial recentemente publicada, as perdas foram muito superiores ás que já aqui indicámos e não sabemos se as indicações que vamos dar representarão a ultima palavra.

	Mortos		Feridos		Desaparecidos		Prisioneiros	
	Oficiaes	Praças	Oficiaes	Praças	Oficiaes	Praças	Oficiaes	Praças
Forças regulares e territoriaes	34.206	541.229	80.596	1.567.818	4.140	96.867	6.617	151.317
Contingente canadense.....	2.885	53.514	6.346	143.386			238	3.516
» australiano.....	2.828	55.318	6.304	145.867			173	911
» neo-Zelandês	735	15.401	1.688	39.061			12	490
Tropas indianas e indigenas.....	694	42.512	1.471	63.704	40	5.834	258	12.136
Outras colonias.....	537	8.579	726	13.857			77	1.641
Divisão Naval.....	426	6.820	777	19.388	38	1.427	64	3.009
Totaes	42.311	723.373	97.908	1.993.081	4.218	104.128	7.439	173.020
	765.684		2.090.989		108.346		180.459	

Consumo de munições de artilharia na grande guerra. Segundo um relatório do general Sir Douglas Haig, o consumo de munições de artilharia na frente da Flandres no primeiro semestre de 1917 no exercito inglês foi de 23.000 toneladas; nos dias 20 e 21 de setembro do mesmo ano atingiu 42.000; e desde o principio da ofensiva de 1918 até 11 de novembro o consumo foi de 700.000 toneladas!

Só na batalha dos dias 27, 28 e 29 de setembro foram lançadas 65.000 toneladas. Para fazer face a um tal consumo de munições tinha-se aumentado consideravelmente o pessoal dos arsenaes. Este pessoal, que antes da guerra compreendia 232 officiaes e 2.000 praças, chegára a atingir durante a guerra o efectivo de 2.000 officiaes e 38.000 praças. Terminada a guerra, a maior parte deste pessoal foi licenciado, ficando reduzido a 800 officiaes e 6.000 praças. Mais de 750.000 mulheres foram empregadas no ministerio das munições. Na ocasião do armistício os ingleses tinham 280.000 toneladas de munições de artilharia nos depositos da base e mais 240.000 nas diferentes zonas do teatro da guerra.

Suissa

A reorganização do exército.—Após a guerra, todas as nações tratam de reorganizar as suas forças militares em harmonia com as lições da guerra e adaptando a organização aos novos meios de guerra.

A tactica e o armamento exercem a sua acção sobre a organização. Isto não é novo. Na Suissa o chefe do *estado maior general* acaba de apresentar as bases para uma nova organização do exército.

1—O serviço militar continua a ser pessoal e obrigatorio, devendo todos os homens validos fazer uma *escola de recrutas*, que passa a ser de 3 meses.

2—Terminada a escola de recrutas, proceder-se-á a uma selecção, devendo a quarta parte dos homens, considerados com menos aptidões militares, ou necessarios aos serviços publicos, ser transferidos desde logo á *reserva* e só podendo ser convocados no caso de *mobilização*.

Os restantes recrutas serão incorporados nas unidades da *elite*, que compreenderão os homens dos 20 aos 28 anos.

3—Os homens pertencendo á elite serão obrigados a fazer 5 *escolas de repetição*, de 20 dias cada uma.

4—Terminado o tempo de serviço na elite, os soldados passarão á *landwehr*, que é considerada, no caso de mobilização, como fazendo parte do exército de campanha.

5—As unidades da landwehr no tempo de paz só teem subalternos a enquadra-las, fornecendo-lhes a elite, na mobilização, os restantes officiaes.

6—No caso de mobilização o exército de campanha será constituido por:

a) 6 divisões de elite, cada uma com 3 regimentos de infantaria de 3 batalhões e estes com 3 companhias de fuzileiros e uma companhia de metralhadoras;

b) 4 brigadas de montanha, cada uma com 4 batalhões.

c) 3 divisões de landwehr.

d) 2 brigadas de montanha da landwehr.

7—Esta artilharia e a cavalaria serão constituidas com elementos da elite

e da landwehr como até aqui; e, caso para notar e fixar, não só é aumentada a proporção da artilharia (o que não é para admirar), mas também a da cavalaria, e isto num paiz montanhoso, como é a Suissa.

Conferencias tacticas. — O tenente coronel Corda, professor de *tactica geral* na escola de artilharia de Fontainebleau, foi á Suissa fazer uma serie de conferencias, em Zurich, Berne e Lausanne, sobre «*a evolução dos metodos offensivos durante a guerra*». A estas conferencias assistiram os 3 comandantes de corpo de exército, o chefe de estado maior general, comandantes de divisão e numerosos officiaes.

Recenseamento da população em 1920. — O resultado do recenseamento federal de 1920 dá para o paiz 3.857.641 habitantes, emquanto que o de 1910 dava 3.753.293. Houve pois um aumento de 100.000 habitantes, emquanto que o de 1910 apresentava, em relação ao de 1900, um aumento de 325.000 habitantes.

Diversos

1 — **Aparelhos para determinar o local onde estão enterrados projecteis ou quaesquer massas metalicas.** — O engenheiro francês Chanoit acaba de construir um aparelho electrico, fundado no principio da balança de indução de Hughes, para descobrir os projecteis enterrados nos campos de batalha, ou outras massas metalicas, com o fim não só de obter toneladas de ferro, mas para facilitar o cultivo dos campos sem graves perigos.

Já em 1914 o professor Gutton da Faculdade de Sciencias de Nancy, tinha inventado um aparelho, fundado no mesmo principio, mas mais complicado. O aparelho do engenheiro Chanoit está ligado a um telefonio, e é por meio deste que se recebe o sinal denunciativo da existencia do projectil enterrado. O aparelho é tão sensivel que denuncia a existencia de um corpo metalico de 10 kg. á profundidade de 40 a 50 metros, e até de um disco de cobre com 30^{mm} de diametro e um metro de espessura á profundidade de 60 metros, com a aproximação de 0^m,05. Permite ainda precisar a existencia dos canos de agua ou de gaz. Em cada 5 minutos podem ser explorados com este aparelho 50^m² de terreno. (*La Vie Technique Industrielle*).

2 — **Destruição do material de guerra alemão.** — Em cumprimento do art.º 169.º do tratado de Versailles, tem sido destruido, desde julho de 1919 até 31 de março de 1920, o seguinte material :

5.000 peças completas, 14.000 bocas de fogo, 8.500 reparos, 3.400.000 projecteis carregados, 31 370.000 espoletas, 1.318.000 armas portateis, 24.500 metralhadoras, 94.300.000 de cartuchos, 4.000.000 de granadas de mão, 1.537.000 lanças, terçados, etc., 37.000 toneladas de polvora e explosivos; de 1 de abril a 5 de maio foram ainda destruidos: 12.000 peças ligeiras, 217 peças anti-aereas, 2.500 peças pesadas, 15.500.000 projecteis, 3.358 lança-bombas, 21.676 metralhadoras e 28.500.000 cartuchos.

3—Fabrico de armas portateis e munições pela França, Inglaterra e E. Unidos desde 1 de abril de 1917 até 11 de novembro de 1918.—Segundo informa o *Scientific American*, as armas portateis e munições fabricadas por aqueles países foram :

	França	Inglaterra	Estados Unidos	Total
Espingardas...	1.400.000	2.000.000	3.100.000	6.500.000
Espingardas automaticas...	180.000		52.000	232.000
Metralhadoras.	43.000	181.000	133.000	357.000
Cartuchos.....	3.000.000.000	3.500.000.000	2.500.000.000	9.000.000.000

4—O **telefonógrafo**.—O engenheiro mexicano, Sr. Arias, inspector dos telegrafos dos caminhos de ferro nacionaes do Mexico, inventou um aparelho telefónico que permite utilizar a rede da T. P. F. sem prejudicar o funcionamento deste sistema telegrafico e sem que os empregados deste saibam que a sua rede está sendo utilizada.

Ha dois tipos de aparelhos telefonograficos : um portatil, pesando 5 kg. e que pode ser transportado por um soldado numa mochila ; o segundo é mais pesado, mas de facil transporte. Com o telefonógrafo podem empregar-se os sinais telegraficos, ou falar-se de viva voz. Este aparelho constitue uma duplicação da T. P. F., pois os 2 sistemas. podem funcionar simultaneamente e com completa independencia. O telefonógrafo pode funcionar dentro de um raio de acção de 250 km. (*Memorial del Ejercito do Chile*).

CRÓNICA MARITIMA

Portugal

Raid aereo de Lisboa à Madeira.—A viagem de Lisboa à Madeira, emprehendida no dia 22 de Março pelo hidro-avião F. 4.018, constituiu uma das mais brilhantes provas que tem sido levadas a cabo, já pelo pequeno raio de acção de que dispunha o aparelho que a realizou, o que exigiu estudos e experiencias-prévias muito cuidadas, já pelos processos empregados na determinação do *ponto no mar*, que constituem feliz e habilissima inovação devida ao capitão de mar e guerra sr. Gago Coutinho, que muito tem contribuido para colocar a aviação portuguesa numa posição ainda não atingida pela dos outros países.

A *Revista Militar*, constrangida pela falta de espaço, vê-se na impossibilidade de descrever minuciosamente a viagem e os processos adoptados para a determinação do *ponto*, mas não quer furtar-se ao grato prazer de dizer algumas palavras sobre este notável acontecimento, que tanta honra trouxe para o país e para a familia militar portuguesa.

Tomaram parte neste raid o capitão de mar e guerra Gago Coutinho (navegador), capitão-tenente Arthur de Sacadura e tenente Manuel Betten-

court (pilotos-aviadores) e mecânico do Centro de Aviação Marítima, Roger Soubiran.

O raio de acção normal do aparelho era de 570 milhas, podendo ser levado até ao máximo de 600; a distância entre Lisboa e a Madeira é proxima-mente de 540; daqui se vê com quanto cuidado seria necessário estudar a viagem e conduzir a navegação, para assegurar o êxito do *raid* ou permitir a arribada a qualquer porto acessível, caso surgisse alguma contrariedade. Para este efeito tornava-se necessário conhecer quasi de momento a momento a posição em que se encontrava o aparelho, a fim de se poder determinar em qualquer altura da viagem, a distância percorrida, a que faltava para chegar até à Madeira, ou o ponto de arribada, se porventura se reconhecesse a impossibilidade de alcançar o Funchal, com o vento reinante, hipótese que era muito para considerar dada a pequena diferença que havia entre a *autonomia* do hidro-avião e as 540 milhas que separam Lisboa do Funchal. Este resultado foi obtido por meio de 15 observações do sol, para a determinação de rectas de altura, efectuadas entre as 11 e as 17 horas, conjugadas com o lançamento de bombas de fumo e observação de azimuths do sol, o que permitia corrigir constantemente o rumo e marcar o ponto na carta. O cruzamento de duas rectas de altura perto do meio da viagem deu aos aviadores a segurança de que navegavam no caminho directo de Lisboa para a Madeira. Por feliz coincidência, as rectas de altura obtidas na primeira parte da travessia, eram sensivelmente paralelas ao caminho seguido pelo aparelho—o que dava lugar a ir *endireitando* sucessivamente a derrota; na segunda parte as rectas de altura eram proxima-mente normais à direcção da marcha do hidro-avião—o que permitia avaliar seguramente as distancias navegadas até ali e as que faltavam navegar para atingir o ponto de destino. As indicações dadas pelas bombas de fumo e pelos azimuths do sol completavam, como já ficou dito, as que eram obtidas pelas rectas de altura, conseguindo-se por esta forma-tão notável rigor na determinação do *ponto* que, ao terminarem os cálculos da ultima observação e tendo concluído o comandante Gago Coutinho que deviam estar naquela ocasião a 30 milhas de Porto Santo, esta ilha foi avistada no mesmo momento pelo tenente Bettencourt, exactamente como succede na navegação ordinária aos navios, quando demandam um porto.

Os aviadores que realizaram o *raid*, reconhecem hoje que a navegação aerea entre Lisboa e a Madeira exige menos cuidados que os que foram empregados por eles, na sua primeira e brilhantissima tentativa.

O avião passou pelo Bugio ás 10^h 35^m e amarrou no Funchal ás 18^h 40^m, sendo a velocidade média horaria total de 70 nós; a do aparelho era de 57 e os restantes 13 nós devidos á componente do vento na direcção do caminho.

Os pontos foram obtidos pelo conhecido processo de S. Hilaire simplificado, para este efeito, pelo comandante Gago Coutinho.

O vento, como era de prever, foi muito inconstante durante a travessia, rondando de E. para N. por NE. e variando de fôrça entre 10 e doze milhas por hora.

A altura média a que se conservou o hidro-avião foi de 150 metros, descendo, por vezes, até 200 pés.

Não obstante o comandante Gago Coutinho dispor dum sextante que modificou, de forma a permitir fazer observações em horizonte artificial, e

que anteriormente havia experimentado com o melhor resultado, as alturas foram tomadas em horizonte do mar, que, em geral, se apresentava em condições de suficiente nitidez.

Os cálculos eram em geral o resultado da observação de um grupo de três alturas do sol, obtendo-se cada ponto no espaço máximo de 5 minutos, contados desde que se fazia a primeira observação até *marcar a posição na carta*.

Durante a viagem foram avistados trez vapores; o *Funchal* foi visto a 128' de Lisboa, o *Porto* a 152 e o *Avon* a 296.

A tripulação do F. 4.018 encontrou na Madeira o mais caloroso e entusiastico acolhimento, para o que concorreu não só o brilhante feito que acabava de praticar, mas também os sentimentos patrioticos da população da ilha, justamente melindrados com certos dizeres de alguns estrangeiros ali residentes, que, felizmente, sofreram o mais completo e formal desmentido.

O desastre sofrido pelo aparelho quando largava de regresso a Lisboa, se privou os illustres aviadores da satisfação de completarem o raid, não diminuiu de fôrma alguma a gloria que alcançaram, com o seu arrojadissimo empreendimento. Como quasi sempre succede, foi um acidente fortuito, uma cousa quasi sem importância, que destruiu as mais bem fundadas perspectivas de exito. A insuficiencia das instalações da aeronautica naval, impediu que o F. 4.018 fosse guardado em boas condições, e como ele era uma construção de guerra e, por conseguinte, realizada sem todos aqueles cuidados que se requerem em tempo de paz, a *coque* do aparelho encontrava-se um pouco enfraquecida; por este motivo, ao descolar em Porto Santo, com a carga máxima de dez horas de oleo e gazolina, vento fraco de WNW, e já proximo da terra, isto é, em condições extremamente dificeis, arrombou-se, mettendo água. Foi esta água que, encontrando algumas bombas de fumo mal vedadas, deu origem ao incendio, que impediu a viagem de regresso e provocou a destruição do hidro-avião.

Apesar do incendio, o hidro-avião foi rebocado para terra, conseguindo-se salvar os dois motores.

A *Revista Militar*, congratulando-se com o exito alcançado pelos illustres e intrépidos aviadores sente-se possuida do mais legitimo orgulho pelo acto por eles praticado, que coloca a aviação portuguesa na vanguarda de todas as outras.

Estados Unidos

• **Lançamento de bombas sobre navios.**—As experiencias feitas com o couraçado *Indiana* vieram confirmar os resultados obtidos com *Goeben* nos Dardanellos. Segundo as experiencias realizadas com aquele couraçado é permitido concluir que os lançamentos efectuados de grandes alturas sobre alvos moveis, mesmo de grandes dimensões, não tem graves consequencias. Não obstante isto, todas as principais marinhas prosseguem nas suas experiencias, tendo sido destinados para o efeito, algum dos antigos navios alemães.

Politica naval.—Noticias recentes dão a conhecer que tanto o presidente Harding, como o secretario da Marinha, Dniels, reputam indispensável para o seu país a constituição de uma marinha que lhe garanta o primeiro posto entre as potencias maritimas do mundo.

Inglaterra

Artilharia naval de grande calibre.—O almirantado britânico fez constar que pode dispor actualmente de peças de 18 e 20 polegadas (457 e 507 m/m) para os seus futuros navios capitais.

Esta declaração destina-se a tranquilizar a opinião pública, bastante alarmada com o facto de a marinha americana possuir nos seus mais recentes navios de linha artilharia de calibre superior à que foi montada nos navios ingleses.

Movimento dos portos britânicos durante a guerra.—Uma estatística recentemente publicada sobre o movimento dos portos ingleses durante a Grande Guerra, torna bem evidente quais os efeitos da guerra submarina. Esses números são os seguintes:

Anos	Numero de navios	Tonelagem
1914.....	326.000.....	154.698.175
1915.....	247.166.....	112.763.000
1916.....	216.599.....	87.972.000
1917.....	178.220.....	74.483.000
1918.....	160.617.....	65.785.000

Assim podemos concluir, que em 1918 o numero de navios diminuiu só de proximamente metade do que era em 1914, ao mesmo tempo que a tonelagem ficou reduzida quasi a um terço, nesse mesmo intervalo de tempo, o que é muito importante, sobretudo se atendermos a que a uma parte dos navios, que entraram nos portos ingleses, eram transportes militares.

Tornam-se, por esta forma, inteiramente justificados os receios que manifestou a opinião publica inglesa e que as informações do Governo não conseguiram nunca tranquilizar por completo, o que era tanto mais difficil de conseguir quanto todos compreendiam, e agora se verifica, que se tratava de um ardil de guerra destinado a animar o povo.

Japão

Programa naval.—O Govêrno japonês foi autorizado pelo parlamento a fazer construir até 1927 os seguintes navios: 4 couraçados, 4 cruzadores de batalha, 12 cruzadores ligeiros, 37 caça-torpedeiros, 5 canhoneiras, 12 navios especiais, 6 draga-minas e um numero indeterminado de submarinos.

Diversos

Valor actual da tonelagem mercante.—Segundo noticias de origem official franceza, foram ultimamente vendidos em Inglaterra alguns vapores, cuja tonelagem regulava entre 6 e 8.000 toneladas, pelo preço de 6 a 8 £ cada tonelada. O valor de um desses navios, ainda há cerca de um ano, regularia por 30 £ a tonelada. Estes simples números mostram, de modo evidente, a espantosa descida que vem sofrendo nos ultimos tempos, o frete marítimo, permitindo esperar para breve o restabelecimento do equilibrio economico e que desapareçam tambem outras causas perturbadoras, que ainda hoje se fazem sentir, especialmente nos países que, como o nosso, se encontram com os câmbios muito affectados.

M. O.

BIBLIOGRAFIA

PERIODICOS

Portugal

- 1 *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.º 11 de Novembro de 1920. Trabalho do laboratorio de antropologia do museu Bocage da Faculdade de Sciencias de Lisboa. Etc.
N.º 12 de Dezembro. Cartas de Americo Vespucci. Inspeção das circunscrições civis do distrito de Inhambane. Etc.
- 2 *O Instituto*, n.º 12 de Dezembro de 1920. Congresso internacional de matematica, realizado em Strasburgo de 22 a 30 de setembro de 1920.
N.º 1 de Janeiro de 1921. Notas de Havaii. A Espanha e o centenario de Fernão de Magalhães. Etc.
N.º 2 de Fevereiro. O grande navegador Fernão de Magalhães. Terras de Odiana.
N.º 3 de Março. Algumas observações sobre a naturalidade e a familia de Fernão Magalhães. Etc.
N.º 4 de Abril. A educação da mulher no nosso país. Etc.
- 3 *Revista de Artelharia*, n.º 189 a 192 de Março a Junho de 1920. A Escola de tiro de Artelharia de Campanha. A futura Artelharia de Campanha. Impressões de França. Etc.
- 4 *Revista de Historia*, n.º 35 de Julho a Setembro de 1920. Subsídios para a historia economica de Portugal. Damião de Goes. Etc.

Argentina

- 1 *Revista Militar*, n.º 239 de Dezembro de 1920. Discurso del general Uriburu. Cuestiones orgánicas.

Brasil

- 1 *Boletim do Estado Maior do Exercito*, vol. XIX. A industria siderurgica do Chile. A aviação de observação. Historia das fortificações do Brasil. Etc.
- 2 *O Tiro de Guerra*, n.º 1 de Janeiro de 1921. O nosso aniversario. Concurso do tiro 5. Legião da Mulher Brasileira. Etc.
N.º 2 de Fevereiro. Promulgação da Constituição. Brasil-Uruguay. Edu'Chaves.
N.º 3 de Março. Infantaria. Colegio Militar do Rio de Janeiro.
N.º 4 de Abril. — 21 de Abril. 1.º Tenente José Lessa Bastos. Pequenas palestras.
- 3 *Revista dos Militares*, n.º 127 de Janeiro de 1921. Editorial. Noções e problemas de leitura de cartas.

- N.º 128 de Fevereiro. Id. Lei de promoções para oficiais do exercito.
- N.º 129 de Março. Id. Simão Bolivar. Defesa contra ataques aérios.
- 4 *Revista Medico-Cirurgico Militar*, n.º 4 de Outubro de 1920. Editorial. Sobre um caso de septicemia estafilococica. A estrategica do serviço medico.
- N.º 5 de Novembro. Considerações sobre o serviço de saude da coluna expedicionaria do Carinhonha. Etc.
- N.º 6 de Dezembro. A missão medica para o exercito. A missão pacifica dos exercitos.
- N.º 1 de Janeiro de 1921. Explicação necessaria sobre a alimentação do soldado brasileiro.
- N.º 2 de Fevereiro. Da vacinação antityphica preventiva. Os tuberculosos no exercito. Em prol da saude militar. Etc.

Chile

- 1 *Revista de Marina*, n.º 381 de Janeiro e Fevereiro de 1921. Estudio sobre doctrina naval y su aplicación en nuestra marina. Rectas de altura por observaciones de acimut. Breve descripcion del aparato limpiador rápido para buques submergidos. Etc.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado Mayor del Ejército de Colombia*, n.º 101 de Novembro de 1920. San Juan de la Ciénaga. El oficial de Estado Mayor en campana.
- N.º 102 de Dezembro. Boyaca. «Premières heures du blesse de guerre.»
- N.º 103 de Janeiro de 1921. Fin de año. Discurso del Excelentissimo señor Presidente de la República. Al margem de un decreto.

Cuba

- 1 *Boletin del Ejército*, n.º 58 de Dezembro de 1920. Los proyectores eléctricos. Organización de la infanteria. Etc.
- N.º 59 de Janeiro de 1921. Organización de la infanteria. El tiro de largo alcance. Etc.
- N.º 61 de Março. Historia de la fabrica alemana de Krupp. Nocrónes de explosivos militares. Etc.

Espanha

- 1 *Memorial de Artilleria*, janeiro de 1921. Sistemas paralelo y divergente de las punterias indirectas.
- N.º de Fevereiro—Artelleria de acompañamiento: Nuevos materiales que la integran. La artilleria de campaña alemana de 1914-18.
- N.º de Março. Reductor de coordenadas para la designación de objetivos a las baterias y grupos y mando a distancia de una batería en fuego. Artilleria pesada de campaña y de posición: Tiro de varias alzas com granada de metralla.

- 2 *Memorial de caballeria*, n.º 56 de Fevereiro de 1921. La batalla del Marne según los alemanes.
 N.º 57 de Março. El ejército y la política.
 N.º 58 de Abril. El problema del generalato. Comentando el Reglamento de Equitación Militar.
- 3 *Memorial de Infanteria*, n.º 109 de Fevereiro de 1921. Hombres e ideas de la guerra europea. El problema económico de la oficialidad.
 N.º 110 de Março. Comentarios tácticos. El cañón de Infantería. A moderna unidad de infantería.
 N.º 111 de Abril. La técnica del ametrallador. Más sobre alza corta y alza larga.

França

- 1 *La Revue d'Infanterie*, n.º 341 de Fevereiro de 1921. L'Officier français. Organisation actuelle de l'infanterie allemande.
 N.º 342 de Março. Quelques réflexions sur le problème de la réorganisation militaire.—Les effectifs. Etc.
- 2 *Revue Militaire Générale*, n.º 12 de Dezembro de 1920. La place de Foch dans l'histoire.
 N.º 1 de Janeiro de 1921. Journal des opérations de la VIII armée française dans les Flandres du 20 octobre 1914 au 5 avril 1915.
 N.º 2 de Fevereiro. Historique du Conseil supérieur de Guerre depuis sa création (7 de novembre 1917—11 novembre 1918. La refonte des règlements et notre doctrine de guerre.

Italia

- 1 *Rivista di artiglieria e genio*, n.º de Dezembro de 1920. Medaglia d'oro al valor militare. Il tire d'artiglieria di distruzione e quello di neutralizzazione. Etc.
 N.º de Janeiro de 1921. Organizzazione e sviluppo dell'artiglieria italiana durante la campagna 1915-1918. I gas asfissianti. Etc.

Mexico

- 1 *Revista del Ejército y Marina*, n.º 10 de Outubro de 1920. Movimiento de las minas submarinas en el Atlántico del Norte y en el Océano Glacial Ártico, durante la guerra y después de ella.
 N.ºs 11 e 12 de Novembro-Dezembro. Nuevos Horizontes. Páginas de la Revolución, «Ocho mil kilómetros en campaña».
 N.º 1 de Janeiro de 1921. La dirección en las operaciones de guerra. Algunas ideas sobre la organización de nuestro Ejército.
 N.º 2 de Fevereiro. Las reservas como factor del reclutamiento militar obligatorio. El secreto de las comunicaciones militares en campaña, obtenido mediante el empleo de los rayos infra-rojos.
- 2 *Tohtli*, n.º 4 de Novembro e Dezembro de 1920. Breves apuntes históricos del Colegio Militar.

Salvador

- 1 *Boletín del Ministerio de Guerra*, n.º 71 de Novembro de 1920. Escuela Primaria Natural Militar. Pensiones Militares. Etc.
N.º 72 de Dezembro. Patria e Patriotismo. Etc.

Suissa

- 1 *Revue Militaire Suisse*, n.º 2 de Fevereiro de 1921. Un projet de reorganisation de l'armée suisse. L'instruction d'une unité d'Infanterie.
N.º 3 de Março. La Suisse stratégique dans la Société des Nations. Le 9º corps français aux marais de St. Gond.
N.º 4 de Abril. L'évolution des méthodes offensives. La Suisse stratégique dans la Société des Nations.

Uruguay

- 1 *Revista Militar y Naval*, n.º 5 de Novembro de 1920. A trincheramientos para artilleria. Método de tiro para ubicacion de objetivos y observacion de disparos.
N.º 6 de Dezembro. Consideraciones sobre desenfilada. Transportes militares por via férrea.
N.º 7 e 8 de Janeiro-Fevereiro de 1921. La nomenclatura geográfica de la República. Ejercicios sobre la carta.

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DA ASSINATURA.

PAGAMENTO ADEANTADO

Portugal e Colonias

	Ano	Semestre	Trimestre
R. M. com O. E. ou B. M. C. ou O. A.	6\$00	3\$30	1\$80
R. M. com O. E. e B. M. C.)	7\$00	3\$80	2\$10
R. M. com O. E. e O. A.)			
R. M. com B. M. C. e O. A.)			
R. M. com O. E.—B. M. C. e O. A.	8\$00	4\$30	2\$40

Numero avulso da *Revista Militar* \$60

Estrangeiro

R. M. com O. E. ou uma das outras publicações...	7\$00
Numero avulso da <i>Revista Militar</i>	\$70

Para Portugal não se aceitam assinaturas por periodo inferior a trimestre, nem *desistencia de assinaturas* senão no fim de cada trimestre civil, devendo os assinantes *avisar com antecedencia* até 31 de Dezembro ou Março e 30 de Junho ou Setembro.

Para as Colonias não se aceitam assinaturas *por menos de 6 meses*, e para o estrangeiro *por menos de 1 ano*, sob condições identicas ás indicadas para Portugal. A correspondencia registada custa mais \$72 por ano ou \$06 por mes.

Não se aceitam assinaturas que não incluam a Revista Militar. A *Ordem do Exercito*, *Ordem da Armada* e *Boletim Militar das Colonias* vendem-se na sede da *Revista* em numeros avulsos ou por colecções anuais, a preços variáveis conforme o numero de paginas.